



SENADO
FEDERAL

RECORDAÇÕES DA CAMPANHA DO PARAGUAI

José Luís
Rodrigues
da Silva

ENCOMENDADO
SENADO
FEDERAL

Volume 72



SENADO
FEDERAL

RECORDAÇÕES DA
CAMPANHA DO
PARAGUAI

*José Luís
Rodrigues
da Silva*

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 72



General José Luís Rodrigues da Silva

.....

RECORDAÇÕES DA CAMPANHA
DO PARAGUAI



Mesa Diretora

Biênio 2007/2008

Senador Renan Calheiros

Presidente

Senador Tião Viana

1º Vice-Presidente

Senador Álvaro Dias

2º Vice-Presidente

Senador Efraim Morais

1º Secretário

Senador Gerson Camata

2º Secretário

Senador César Borges

3º Secretário

Senador Magno Malta

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Papaléo Paes

Senador Antônio Carlos Valadares

Senador João Vicente Claudino

Senador Flexa Ribeiro

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 72

RECORDAÇÕES DA
CAMPANHA
DO PARAGUAI

José Luís Rodrigues da Silva



Brasília – 2007

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 72

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2007

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Silva, José Luís Rodrigues da.

Recordações da campanha do Paraguai / José Luís Rodrigues da Silva. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

112 p. (Edições do Senado Federal; v. 72)

1. Guerra do Paraguai (1864-1870) I. Título. II. Série.

CDD 981.04

.....

.....

Sumário

APRESENTAÇÃO
Senador Sérgio Zambiasi
pág. 9

PREFACIANDO
pág. 13

PROÊMIO
pág. 17

RECORDAÇÕES DA CAMPANHA
DO PARAGUAI
pág. 19

.....

Apresentação

Senador SÉRGIO ZAMBIASE

A GUERRA DO PARAGUAI foi o maior e mais sangrento conflito armado internacional ocorrido na América Latina. O número de mortos dá bem a dimensão trágica da guerra que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai, a chamada *Tríplice Aliança*, contra o Paraguai: mais de 50 mil brasileiros mortos, ou praticamente um terço dos 160 mil enviados ao palco dos conflitos. Argentina e Uruguai sofreram perdas proporcionalmente pesadas – mais de 50% de suas tropas faleceram durante a guerra – apesar de, em números absolutos, serem menos significativas. Já as perdas humanas sofridas pelo Paraguai, são calculadas em 300 mil pessoas, entre civis e militares, mortos em decorrência dos combates, das epidemias que se alastraram durante a guerra e da fome.

A História sempre ensina. Recordá-la, revivê-la, é o passo indispensável para não repeti-la. Neste Recordações da Campanha do Paraguai, o General José Luís Rodrigues da Silva dá o testemunho privilegiado de quem, como registra o prefácio, foi

“um dos primeiros a pisar o território inimigo e um dos últimos a abandoná-lo”.

Brasil, Argentina e Uruguai, aliados, derrotaram o Paraguai após cinco anos de lutas sangrentas. Se aqueles acontecimentos ainda ecoam na memória de nossos povos, cada vez mais é hora de entendê-los para tornar possível um sonho acalentado desde Simon Bolívar, que é o da integração continental, desta feita com a preservação da soberania das Nações.

No sonho-delírio de Solano López, de criar o “Paraguai Maior”, seus planos expansionistas incluíam a anexação de parte dos territórios vizinhos. Naquela época, o Paraguai vivia uma situação privilegiada em relação aos demais países. Com a independência em 1811, o País já erradicava o analfabetismo e iniciara sua expansão industrial. Do ponto de vista militar, contava, talvez, com o Exército melhor organizado e preparado do Continente.

O Brasil, de outra parte, recém findara o conflito em território gaúcho, a Revolução Farroupilha, e o Exército Imperial sob o comando de Dom Pedro II não tinha nada de profissional. Era constituído, em grande maioria, pelos chamados Voluntários da Pátria, cidadãos que se apresentavam para lutar, por chefes políticos gaúchos e por alguns poucos efetivos da Guarda Nacional. Desta maneira, deve-se dimensionar em seu tempo e seu espaço o conflito. Não havia supremacia dos oponentes do Paraguai. Ao contrário. A luta que se travava era uma luta contra o expansionismo, o colonialismo, a dominação dos fortes pelos fracos.

Se o resultado do conflito pesou dramaticamente sobre os destinos posteriores do Paraguai, e em que medida isso determinou sua condição sócio-econômica-cultural depois disso, é a grande lição que devemos tirar destes episódios. Este “Recordações da Campanha do Paraguai” enseja justamente isso. Ao rememorarmos de maneira

privilegiada a história daquele conflito, avaliando o quadro do então e o posterior, tem-se a dimensão exata do custo de uma guerra, não apenas o seu saldo em vidas, mas também as conseqüências que marcarão inúmeras gerações futuras.

Espero que o Senado, ao proporcionar a edição desta obra, cumpra com o seu dever de oferecer a sociedade contemporânea a visão histórica de seu passado, de forma a que possamos, coerentemente, entendermos nosso presente e projetarmos nosso futuro.

Porto Alegre, 5 de outubro de 2007

.....

Prefaciando

TALVEZ não haja povo menos conhecedor da história de sua pátria do que o brasileiro. Ou seja porque somos um povo de analfabetos – e afirmá-lo de par com a nossa categoria cultural importa num verdadeiro paradoxo – ou seja devido a inveterado erro nos processos pedagógicos com que o oficialismo desbrava o espírito da juventude para o acesso à generalidade dos conhecimentos humanos – o certo é que se ignora no Brasil a ciência sagrada, no que concerne ao passado nacional.

E se particularizarmos o conceito, nos restringindo à esfera dos nossos fastos militares, aqui, então, é que bem se acentua a deplorável ausência de conhecimento.

Sucedo ainda que, nos limites dessa restrição, um terceiro elemento vem juntar-se aos dois primeiros apontados, como causadores da ignorância incriminada.

É que as nossas histórias militares, dado o processo a que obedece invariavelmente a sua fatura, não interessam fora do âmbito em que laboram os estudiosos.

Certo, não seremos nós quem se insurja contra tal processo, tão do sabor historiográfico, segundo o qual a parte documentativa dos tratados vale quase tudo e a narrativa propriamente dita dos sucessos é relegada para um plano secundário.

Fazendo estes emergir de polpudas ordens do dia, partes de combates e outras peças oficiais, a que não raro adicionam comentários e confrontos com os feitos dos grandes capitães da Antiguidade, o historiador executa obra destinada preferentemente ao estudo de gabinetes, não a elabora para uma ampla vulgarização necessária.

De sorte que, não logrando acesso fora desses recintos, os fastos militares brasileiros, aliás, tão aptos, pela sua grandeza épica, a fazer vibrar em estos do mais são patriotismo a conturbada alma contemporânea – eles aí jazem ignorados pelas turbas, numa algidez tumular, tanto mais desalentadora, quanto é certo que, para eles, não paroleia a remota esperança cristã de um julgamento final...

Bem haja, pois, dos seus concidadãos, quem, na hora magna da reafirmação vigorosa do princípio das nacionalidades, empreendeu rememorar a mais formidável campanha americana, com todos os seus estupendos lances de heroicidade sem par, com todas as suas agruras indescritíveis, com uma finalidade eminentemente humana, em que o Brasil encerrou para sempre, numa apoteose triunfante, o ciclo das criminosas aventuras ditatoriais, alicerçando inderrocavelmente, pelo seu prestígio e pelo seu legítimo poder incontrastáveis, a soberania dos pequenos e fracos países continentais.

Não há duvidar: Recordações da campanha do Paraguai é o livro de que os brasileiros tanto necessitavam, para conhecerem sem enfado – antes com satisfação e deleite – a descrição da guerra gloriosa que mais avulta no conjunto de nossas grandezas militares.

Devemo-lo à autoria de um veterano ilustre do prélio máximo, o Sr. General José Luís Rodrigues da Silva, um dos primeiros a pisar o território inimigo e um dos últimos a abandoná-lo, depois de consumada a vitória das armas aliadas; guerreiro intemorato cuja adolescência nunca lhe foi percalço — antes mais lhe realçava a bravura — para tomar parte nos principais combates e batalhas feridos no longo e atribulado quinquênio.

Recorrendo tão-somente ao poderoso auxílio de sua prodigiosa memória, o Sr. General José Luís brinda a literatura militar do Brasil com uma obra sobremaneira original e rigorosamente verdadeira no relato dos episódios, como poderá verificar quem se der ao trabalho de compulsar os livros de história sobre a guerra da Tríplice Aliança.

O estilo em que foi vazado o trabalho difere, porém, de tudo quanto se tem escrito no gênero; começa por não ser presumido nem rebuscado e maçudo; e é simples, ameno, alegre, trescalando a frescura dos acampamentos, — requisitos que não excluem, quando oportunos, o ditirambo à bravura dos grandes chefes militares, os comentários às operações da guerra, a expressão de mágoa pela morte dos companheiros de fileira e a crítica leve e despreziosa a serviço de administração, como, entre outros, o do abastecimento às tropas.

Mas um dos principais atrativos do vasto quadro das Recordações é a tonalidade humorística que lhe dá o general, descrevendo em estilo faceto anedotas originais ocorridas nos bivaques, por ele presenciadas e não raro seu co-participante.

Geração excepcional aquela, à evocação de cuja enfiatura chega a gente a lamentar-se de lhe não ter pertencido! Nem o aspérrimo jornadas através do solo mais ingrato do continente e curtindo agruras que não ocorreram ao gênio dantesco localizar no

Inferno, nem o horror das batalhas arrasadoras conseguiram quebrantar-lhe no ânimo este cunho característico das almas moças e varonis: a alegria!

Antevemos que só agora, decorrido mais de meio século da impressionante cruzada, surge com as Recordações o momento feliz da fácil aquisição pelo espírito popular, sempre refratário a investigações fatigantes, de conhecimentos gerais da famosa guerra que mais sangue fez verter, até hoje, ao povo brasileiro.

Integrando-se no patrimônio sagrado, a vida se tornará mais bela para os descendentes da geração máscula e a pátria será mais amada pelos seus filhos atuais, na ânsia de imitar os irmãos redivivos da jornada de 1865.

Porque “a idéia da pátria – no dizer de Graça Aranha – está na raiz do espírito humano. E a tenacidade maravilhosa com que na guerra todos os homens acabam de defendê-la é uma afirmação da sua presença permanente na idealidade humana e do seu glorioso rejuvenescimento”.

E repetindo o conceito de Heródoto ao escrever a história da Grécia, o Sr. General José Luís Rodrigues da Silva, pode, ao atirar à publicidade as Recordações da campanha do Paraguai, exclamar convictamente:

“Eu escrevi para a glória da minha pátria.”

Porto Alegre, maio de 1924.

.....

Proêmio

PROFUSAMENTE se tem escrito sobre a guerra do Paraguai, com mais ou menos eloquência, e por penas bastante hábeis.

Nada, porém, existe impresso, que eu saiba, no tocante à vida íntima dos acampamentos do exército e sua pequena tática, podendo isso, todavia, alguma coisa servir para subsídio a publicações históricas de futuro, da memorável campanha de cinco largos anos, conseqüência imediata da do Estado Oriental do Uruguai, iniciada a 12 de outubro de 1864, a qual bem merece referências, apesar de sua duração de poucos meses, mas que custou ao Brasil enormes sacrifícios de muitos dos seus abnegados filhos e de somas importantes do erário público, canalizadas para a bolsa insaciável dos nossos insinceros vizinhos do Prata.

O trabalho insignificante que aí vai, se não visa o preenchimento completo de uma lacuna, alcançará o bem reduzido número dos meus camaradas, já alquebrados e decrépitos, para motivar recordações de certo período da mocidade de cada um, consagrada ao bem da pátria estremecida, ao mesmo tempo que mostrará

à atual geração guerreira o modo lastimável por que naquelas épocas se malbaratavam, em pura perda, cruelmente, por ignorância ou propósito firme, os melhores esforços do soldado brasileiro, sempre menoscabado pelos governos da nefasta monarquia, que, sem contradição, detestava o exército, só tolerando-o por necessidade palpitante da sua existência criminoso.

Perfeitamente aquilato a exigüidade da minha competência para descrições de caráter difícil, mas consola-me o vitorioso prolóquio: “Un sot trouve toujours un plus sot qui l’admire”, e, que, também por outro lado, o grande literato espanhol referia não haver leitura, conversação, espetáculo que não possam, por mais insignificantes que pareçam, oferecer algum objeto de instrução. Bem assim que pode realmente aproveitar a narrativa de sucessos, a primeira vista de somenos importância, porém, revelando valor quando vinculados a fatos de algum cunho histórico, por vezes carecendo de elucidação ulterior e, subindo de ponto, feita, como é, por quem acompanhou au jour le jour os acontecimentos desde a origem da guerra até a sua terminação, em 1º de março de 1870, quando em tais condições, só existe nesta capital um ou outro camarada.

Igualmente, cabe-me patentear que, escrevendo sobre assunto tão remoto, é possível que nas minhas alusões a datas eu tenha claudicado por carência de notas arquivadas, visto apelar apenas para a memória, já em declínio pelo perpassar de três quartos de século; as ocorrências, contudo, como se gravam mais indelevelmente, se revestirão de genuína verdade, sem a menor preocupação de deturpá-la, prejudicando assim qualquer simpatia que porventura inspire esta despretensiosa exposição, muito embora isenta de beleza literária.

.....

Recordações da Campanha do Paraguai

I

A INVASÃO das forças brasileiras no território da República do Estado Oriental do Uruguai, a 12 de outubro de 1864, sabe-se, originou a guerra do Paraguai, ou, antes, forneceu pretexto a Francisco Solano López, seu presidente, para agredir-nos de modo descomunal, traiçoeiramente, covardemente, tal qual o preconcebiam muito tempo antes, ressentido, dizem, por não haver o Imperador D. Pedro II, o aceitado para genro ao ocorrer-lhe a estulta e descabelada pretensão. Outros afirmam que o ditador sonhara com o restabelecimento do antigo vice-reinado.

As tropas em quartéis, na cidade fronteira de Jaguarão, ao mando do General José Luís Mena Barreto, composta do 4º Regimento de Cavalaria Ligeira e 13º Batalhão de Infantaria, tendo por chefes, respectivamente, os Tenentes-Coronéis Augusto Frederico Pacheco e Carlos Resin, corpos com dois terços ou menos, talvez, dos seus estados completos, a esse tempo de 800 homens cada um, pois eram de 8 companhias de 100, foram as primeiras forças que transpuseram a linha divisória: o batalhão, para a Vila de Artigas, atualmente Rio Branco, defronte a cidade, e, o regimento, no Passo das Pedras, rio acima duas léguas. Ambos fizeram junção em determinado sítio, aos quais reuniu igualmente o 4º Corpo Provisório

da Guarda Nacional, procedente das imediações do Herval, às ordens do Tenente-Coronel Astrogildo Pereira da Costa – o bravo dos bravos – que, qual Murat, general francês, acometia fortificações de chicote em punho, e mais tarde Barão de Aceguá.

Reforçada destarte a expedição dirigia-se à povoação próxima de Cerro Largo, ou Melo, a fim de tomá-la de assalto, porquanto era ocupada e garantida por gente do partido *Blanco* que íamos destituir do poder, em represália das imensas tropelias, sacrifício de vidas e propriedades de compatriotas nossos em domicílio na campanha e que afetavam o patrocínio do chefe da nação.

Cada corpo marchou por caminhos diferentes e, no dia e hora precisos, se viu enfrentando o ponto objetivo, não se tendo combatido, visto o alvitre do inimigo, de abandonar, a tempo, as boas posições estratégicas, para ele insustentáveis.

O trajeto do regimento, a que pertencia o autor destas linhas, fez-se durante 2 dias, através de belas e extensas campinas, como sóem ser as do pitoresco e atraente país, sob uma temperatura firme e agradável. No correr da segunda noite, para que amanhecêssemos nas adjacências da vila, andamos constantemente, exceções de pequenas altas para descanso ligeiro.

Sem reclamo de subida urgência, experimentamos privações de boca, distribuindo-se apenas um pedaço de carne crua por praça, ao passo que os gêneros de primeira necessidade facilmente poderiam ser conduzidos em cargueiros, ao lado do corpo.

Nesses tempos de antanho em que o pobre Exército vivia num menosprezo lastimável e latente (o imperador classificava-o de força bruta) pouco valimento merecia a alimentação própria e conveniente do soldado em qualquer emergência. Tratava-se somente de atravancar, como se dizia, o estômago do mísero, e nem isso se permitia em certos momentos, sacrificando-se a saúde e resistência, tão imprescindíveis ao combate.

Hoje, graças a Deus, a coisa é muito outra, quiçá descambando para o domínio do exagero.

É o caso das guardas deixarem de chegar à forma para rigorosas homenagens a quem de direito, com o pretexto descabido (transparecendo indisciplina) de preocupadas com refeições. A prevalecer o critério, penso,

a respectiva tabela de continências deveria consignar o condicional. Que diabo! Não é uma insignificante interrupção que vai alterar o bom proveito do repasto do pessoal. É preciso também atender que o público, ignorando o que vai pelo corpo da guarda e não tendo a força em linha para a saudação à autoridade superior, avança a comentários desfavoráveis à boa disciplina que o Exército observa.

Entre as utilíssimas e edificantes práticas com que, realmente, a República nos felicitou, notamos umas tantas bem nocivas, estapafúrdias e anárquicas. Como, contudo, “*tout passe, tout casse, tout lasse*” esperamos confiantes as reformas ou modificações fatalmente a virem.

A experiência do tempo é eloqüente.

De Cerro Largo regressou a brigada, acampando na serra de Açuá, não só para defender Jaguarão, em instante crítico, como aguardar a mobilização do Exército ao comando imediato do abnegado Marechal João Propício Mena Barreto, depois Barão de S. Gabriel e que, nos fins de dezembro do referido ano de 1864 atravessou o passo da Carpintaria, em direção a Paissandu, onde, nessa ocasião, incorporou-se à força do General José Luís.

O inimigo, fugindo de Melo, rumou à cidade de Jaguarão, cercou-a e nela poderia haver penetrado se não fora a atividade, a coesão, o sangue frio, a intrepidez, o patriotismo dos habitantes, correndo de pronto aos subúrbios, entricheirando-se de improviso e rechaçando-o eficazmente, auxiliados pelas pequenas canhoneiras de guerra *Apa* e *Cachoeira* ancoradas no porto, as quais, com disparos certos e persistentes, o obrigou a bater em retirada para ir acampar nos Lagoões, daí regressando à República, tão logo lhe constou o retrocesso da Brigada. Ainda assim, alcançou ele a embocadura de uma das principais vias urbanas defendida pelo diminuto destacamento da Guarda Nacional às ordens do velho e intemerato Coronel Manuel Pereira Vargas, falecido no rio Ibicuí, em viagem para o Exército no Paraguai.

A rua onde heroicamente se fez a resistência de mais valor, desde então, se denomina “*27 de janeiro*” – em honra ao dia da grande ação militar em 1865.

Iates e outras embarcações miúdas atracadas à praia, abarrotaram-se de pessoas indefesas e fizeram-se ao largo do rio, acorrendo, como sempre por estas ocasiões, o pânico, a desordem, o atropelo, a confusão geral.

Neste estado lamentável, a parte da população que aí se abrigou permaneceu um dia inteiro e mais, aglomerada, experimentando toda sorte de privações, o que é de avaliar-se.

O governo imperial, sempre imprevidente, dominado de negligência criminosa, foi o único responsável pelo ocorrido, pois ordenando a partida da guarnição da cidade deixou exposto ao primeiro golpe de mão um ponto estratégico de elevada categoria, que o inimigo imediatamente atacou, e do qual se assenhorearia, posto que com graves perdas, se a orientação da investida tomasse outra feição, praticada por tropa regular, em cuja emergência dolorosa registraríamos, decerto, incomensuráveis desgraças irremediáveis.

A Providência Divina, porém, salvou a situação eminentemente aflitiva.

II

O Marechal-de-Campo João Propício Mena Barreto, conquanto, na qualidade de coronel da Guarda Nacional, fosse admitido em igual posto nas fileiras do Exército e na arma de cavalaria, por consenso unânime das câmaras legislativas, sancionado pelo Imperador, era militar de destaque na época contemporânea, tornando-se, sem demora, um dos nossos melhores generais.

Provou-o brilhantemente, mais uma vez, no último quartel da vida, em condições bem precárias de saúde, viajando a cavalo à frente do Exército, de cáusticos abertos, sendo um tuberculoso em grau adiantado. Conduzindo tropas que, apesar de preparadas no terreno vantajoso da prática apenas, jamais haviam experimentado o estrondo de violenta peleja, preocupava-se, mesmo em marcha, com exercícios de fogo constante, comparecendo de escola em escola, no exame das mais pequeninas coisas, cogitando de tudo, enfim.

A vitória esplêndida que alcançou sobre os muros da Praça de Paissandu, poderosamente defendidos com eficiência, as páginas fulgurantes da história pátria registram em caracteres indeléveis.

Pertencia ele à privilegiada família de hábeis servidores rio-grandenses, distinguidos na milícia, tanto na guerra como na paz, pela cora-

gem consagrada, em paralelo à dedicação, ao exato cumprimento do dever cívico.

O Exército considerava-o um dos seus belos ornamentos.

Seu irmão, o General João Manuel Mena Barreto – Bayard Brasileiro –, apelidado entre os camaradas, caído lamentavelmente junto às linhas inimigas, quando lhes levava uma carga impetuosa com os temíveis lanceiros, desempenhou na campanha papel saliente.

Tipo nimiamente simpático, elevada estatura, imperioso, moreno acentuado, cheio de corpo, maneiras distintas, olhar firme e penetrante, o seu perfil impressionava os subordinados ao primeiro instante.

Certa ocasião vimo-lo a pé, apoiado ao cavalo de montaria, apreciando o desfilhar harmônico e compensado da divisão, o braço direito em descanso nos arreios, a mão esquerda empunhando os copos da espada, sério, cabeça erguida, em situação sobranceira. Entusiasmado, chamei a atenção do companheiro próximo para o porte esbelto, sobremodo sugestivo do intrépido general – o assombro delirante das hostes de López.

A sua rara habilidade, inclinara-se para expedições arriscadas e de surpresas ao inimigo.

Diversas vezes realizou tais diligências coroada sempre de êxito feliz, como por exemplo a de Iguatemi, onde existia uma grande fundição de peças de artilharia, em meio de matas densas, que o ditador supunha inacessíveis.

Desgraçadamente, fui encontrá-lo em seu ataúde, um ano mais tarde, na igreja da Vila de Pirebebuí, em cujo assalto, a temeridade e bravura que lhe eram peculiares, o prostraram sem vida. Os colegas, acabrunhados, abatidos de dor, velavam-no com respeito.

Ao erguer-lhe o lenço, daquela bela fisionomia marcial, confesso, recuei emocionado, pois me pareceu ver o extraordinário general a sorrir, dormindo o sono tranqüilo da existência.

Não pude conter as lágrimas, tanto mais, avaliando a latitude da perda irreparável que o Exército e a nação tinham de sofrer em conjuntura difícil – a época de pleno domínio de ação.

No Exército os Mena Barreto conquistaram tão sólido renome de que, ainda na atualidade, os descendentes participam, e, digamos com

justiça, muito mercidamente. É que, quando bons os troncos, as vergõntas também o são.

O Exército do Marechal-de-Campo João Propício, tinha por norte, exclusivo, a cidade de Paissandu, ao atravessar a fronteira, por se acharem aí forças do governo fortificadas.

Comandavam-nas, principalmente, Leandro Gomes, Azambuja e mais outro famigerado caudilho, que os vi estendidos em grupo, degolados, diziam, por gente do General Flores, a nós agregada ao chegarmos às cercanias da posição.

O efetivo desse Exército, calculo, não excederia de 6.000 homens. Constavam: do 1º Regimento de Artilharia a cavalo, dos Regimentos de Cavalaria Ligeira, 2º, 3º, 4º e 5º, dos Batalhões de Infantaria, 3º, 4º, 6º, 12º e 13º, acrescentados da seção de transporte, cujas viaturas para armamento, munição, equipamento e bagagens, consistiam em carretas primitivas cercadas e cobertas de palha, tiradas a bois, acontecendo diversas ocasiões retardarem a marcha da tropa, ora pela fadiga dos animais, ora pela má qualidade do material.

O limitado, mas valente Exército formado da Divisão de Cavalaria do grande Osório, da do General José Luís Mena Barreto, constituía da infantaria, e a artilharia isolada, favorecida pelas planícies sem fim da república vizinha, avançava em perfeita ordem, obedecendo a rigorosas disposições táticas.

Extasiava, era uma beleza, vê-lo do alto da coxilha desfilir pausadamente, serenamente, guiado pelo vulto majestoso de Propício, destacando-se do luzido Estado-Maior! No Paraguai, nunca se conseguiu a marcha em conjunto, de todas as forças, porque o terreno acidentado em geral, ao menos o percorrido, coberto de escabrosidades, banhados, lagoas inacessíveis, matas virgens e serras íngremes, a isso se opunha.

A artilharia, arma científica da particular predileção de Napoleão I, atualmente o elemento aperfeiçoadíssimo, imprescindível de combate, nas mais insignificantes operações dos Exércitos modernos, recebia ordens diretas do general-em-chefe, e o comandava o célebre Tenente-Coronel Emílio Luís Mallet, depois Barão de Itapevi, homem de proporções gigantescas, austríaco ou suíço, penso, havia muitos anos, por segunda vez, ao serviço do Brasil.

Sem estudos técnicos de valor, mas copiosa instrução prática, é o mesmo a quem Flores denominou – “o medonho chefe da artilharia a revólver”, na memorável batalha de Tuiuti, a 24 de maio de 1866, devido ao fogo rápido, veemente, dos seus canhões, que reluziam como prata e os chamava sempre – “as minhas queridas pecinhas”.

Possante, de pulso hercúleo, sem grande embaraço, suspensia do cavalo pela gola da farda, só com a mão direita, um soldado qualquer. Gozava saúde de ferro. Durante toda campanha jamais adoeceu, nem mesmo pagou o tributo ingrato da febre intermitente que atingiu, quase por completo, os oficiais e praças nas paragens inóspitas e malignas do Paraguai.

Representava, por último, o modelo bem acabado do soldado inteiriço.

O Exército, uma vez em Paissandu, tomou as posições convenientes. A esquadra, ancorada no porto da cidade, iniciou, desde então, o combate pelo nutrido e eficaz bombardeio, conjuntamente com as bocas-de-fogo de terra, ainda que sistema antigo, de alcance suficiente ao efeito.

Abertas mais ou menos as brechas, – e aí principiou o mau vezo de se jogar a infantaria contra as escarpas das fortificações antes de aluídas suficientemente, resultando assim prejuízos em pessoal e material sem razão de ser, – avançou, dissemos, essa arma por excelência, coadjuvada por um destacamento do 1^o Batalhão da guarnição do Rio de Janeiro, ao comando do Capitão Guimarães Peixoto, a bordo dos navios de guerra. Dois dias consecutivos as nossas forças sentiram o embate persistente das do inimigo, e o assalto tremendo, no começo a fuzil, em seguida a arma branca, a ferro frio, escalando trincheiras e barricadas, nas embocaduras das ruas, só terminou pelo triunfo estrondoso, completo, das armas brasileiras, que souberam cobrir-se de assinaladas glórias.

O bombardeamento, convergindo de preferência à igreja Matriz onde era mais tenaz a resistência, deixou-a esburacada, ameaçando ruínas vivas. Hoje, apesar da ação modificadora do tempo, mostram-se patentes nas paredes e torres as depressões causadas pela violência dos projéteis.

III

Pela forma que vimos de esboçar, o núcleo do invencível Exército, em luta porfiada no Paraguai, durante largos cinco anos, sofrendo, desprendido, privações estupendas, talvez não toleradas por tropas européias, estreou, perfumou os brilhantes uniformes, colhendo para a estremecida pátria boa messe de virentes louros.

As perdas no prélio, se bem valiosíssimas, reputamo-las diminutas de modo relativo.

O 1º Cadete 2º Sargento Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto, ultimamente general de divisão e ministro da guerra e, no presente, marechal reformado, ofereceu-se para combater adido à infantaria e aí praticou prodígios de valor, sendo promovido a oficial.

Propício, galardoado com a promoção a tenente-general e, distinguido também com o título de Barão de S. Gabriel, em atenção aos relevantes serviços na jornada era de caráter generoso, coração magnânimo.

Entretanto, o demônio da política, que ele não perdia de vista, aqui ou ali, o obcecava, infelizmente, neutralizando-lhe, posto que de leve, os predicados preciosos da sua elevada personalidade.

Relatando em ordem do dia a vitória brilhante, empolgada a golpes sucessivos de denodo e patriotismo, imprimiu uma alfinetada injusta em um seu digno colega, terminando o importante documento com estas expressões textuais: “Finalmente, o Brigadeiro Manuel Luís Osório, ficou a légua e meia de distância, comandando as cavalarias.”

O fato produziu dolorosa impressão no Exército, porque compreendeu-se, incontinênti, a perspectiva da referência epigramática, – tangenciar o prestígio tradicional do destemido, do benemérito cabo de guerra que poderia, sem exagero culminante, andar ombreado hoje ao descomunal herói do Marne.

É fácil perceber: perdida a batalha de 24, desbaratado o Exército brasileiro nos campos inesquecíveis de Tuiuti, o Governo imperial enfrentaria homéricos embaraços, quiçá insuperáveis, e, conseqüentemente, uma paz vergonhosamente, humilhante para a honra e os brios nacionais.

López não seria tão beócio, para permitir o tempo preciso para nos reconstituirmos. As suas exigências teriam caráter feroz.

Punge a alma, confrange o coração, no entanto, dizer-se que o ínclito marechal Marquês do Herval, ainda não teve a homenagem de uma estátua na terra em que viu a luz!... É contristador deveras!

Propício era tão irredutível chefe conservador, quanto Osório liberal. Jamais transigiu um com o outro.

Como disse linhas acima, em todo o Exército desagradou a alusão ferina e S. Ex^a, na frase de alguém, perdeu ótima ocasião de silenciar sobre – essa légua e meia de distância – em que durante o assalto sanguinolento permaneceu o legendário Osório com os seus valorosos cavaleiros, sem dúvida nenhuma por ordem do general-em-chefe, nunca a seu talante.

Propício, o preclaro soldado levou bem longe a sua invejável abnegação e patriotismo, embarcando gravemente enfermo com a infantaria, artilharia e petrechos bélicos para as imediações de Montevidéu, visto af continuar a resistência, com o Presidente da República à frente, só retirando-se para o Brasil dada a rendição da capital e feita a paz, com os sofrimentos agravados em excesso, exaurido, pouco sobrevivendo à esplêndida vitória. O alto comando do Exército coube ao seu imediato, o General Osório, em boa hora, não só por ser o mais antigo, senão o mais competente, e que havia seguido por terra a marchas forçadas a igual destino, com grande parte da cavalaria, deixando o resto em Santa Luzia às ordens do valente General José Luís Mena Barreto, em lugar apropriado a exercícios de evoluções, dispondo de boas pastagens para as cavalladas dos corpos, af detendo-se algum tempo na expectativa.

Capitulando a capital em 20 de fevereiro de 65, tão logo a demonstração armada em seus arredores, secundada pela atitude agressiva da esquadra e dos termos enérgicos e terminantes do “ultimatum” de Rio Branco, progenitor do Barão – o integralizador da Pátria, *primus inter pares* dos diplomatas brasileiros de todos os tempos, – José Luís, com as suas forças, retrocedeu à vila do Salto e estacionou na margem do arroio Dayman, pouco dela distante, aguardando a incorporação das outras armas do Exército.

Na praça entregue, apenas aquartelou a Brigada de Infantaria de Antônio de Sampaio – o ilustre cearense promovido a coronel por atos de bravura, em Paissandu, como foi Carlos Resin, ferido na pugna, e outros.

A grande unidade sob as ordens do também Coronel Jacinto Machado de Bittencourt e mais a artilharia, armaram barracas bordando o serro eminente da fortaleza de S. José, avistada de longe algumas milhas por mar.

Diariamente recebíamos reforços do Brasil. Já declarada a guerra com o Paraguai, os corpos de linha, de Voluntários da Pátria, afluíam sem cessar.

A permanência no local andou por meses, aproveitada na reorganização do Exército, preparo de fornecimento se mais aprestos de viagem, etc.

Exercícios faziam-se quotidianamente. Pela manhã, escolas de recruta e pelotão; à tarde, de batalhão em ordem cerrada ou extensa. Era mais fácil o céu criar flores do que não haver formatura para esse mister, desde o toque de alvorada, uma vez que o dia permitisse.

Osório dizia, com abundância de fundamentos, que um Exército bisonho, baldo de instrução, embora valente, numeroso, arremessado ao inimigo, assim descrriteriosamente, além de uma desgraça colossal para o país, representava verdadeira desumanidade, senão crime hediondo.

O autor destas linhas recorda-se, sem saudades, é preciso que se diga, do célebre simulacro de assalto àquela praça de guerra, escalando-a a marche-marche, mochila às costas, que parecia pesar 50 arrobas, pois a essa época orçava pelos anos frágeis da vida verdejante. Mal suportava a tremenda carga bélica.

Simplemente um horror! Regressou extenuado e enfermo por ausência do necessário treino, condição essencial ao soldado, sobretudo ao de infantaria.

O serro não se prestava para acampamentos intensos, e as forças engrossadas dia a dia, dos contingentes que iam recebendo, avolumavam-se sobremaneira. Por tal motivo, Osório fê-las embarcar Uruguai acima, direção ao Salto, estabelecendo-as de modo consentâneo.

Seguiram em bons e espaçosos vapores, por brigadas, ainda assim mal alojados, os batalhões já com o efetivo de 800 homens cada um.

Àquele tempo, os cadetes, mormente os de Voluntários, estavam em número extraordinário e, como a classe ombreava com os oficiais, a

câmara de ré tornava-se insuficiente; dificilmente se transitava. O asseio do compartimento de refeições, camarotes e mais dependências do navio não correspondia às exigências higiênicas. Os transportes encalhavam seguidamente, dois ou três dias no rio Uruguai. Então, o mal-estar de todos incrementava-se, ultrapassando os limites traçados à resignação.

Imagine-se a angustiada emergência resultante do aglomerado de 2.500 e tantos indivíduos a bordo de um paquete imobilizado no meio do rio, sem o conforto preciso no mês de março, em que a canícula senegalesca quase ferve.

Esse era, em miniatura, o belo prenúncio do que haveríamos de experimentar nas plagas que serviram de túmulo a mais de 100.000 brasileiros patriotas.

Durante a nossa demora em Montevideú, aparecia de ordinário, no acampamento, um francês, de regular estatura, inteligente, loquaz, insinuante, inquirindo minuciosamente acerca de pormenores da marcha a empreender-se, número das tropas, itinerários, de tudo, enfim, que poderia interessar à causa do inimigo. Sujeito maneiroso, perspicaz, dissimulava tão habilmente o seu papel de espião, vendendo bonés, que os rapazes o concitavam à palestra na melhor boa fé e o iam pondo a par com magno empenho. De quando em vez desaparecia do Exército para voltar, sempre provido de nova fatura, trazendo no dorso um saco cheio de suculentas e ambicionadas pesquisas a proceder... O patife comia a dois carrinhos impunemente. Pertencia à plêiade dos imperecíveis *savoir-vivre*. Acompanhou-nos até o Aquidabã, último estádio de López.

A sua ação perversa e traidora exercia-a sem expor-se a perigos no nosso Exército.

IV

Os acampamentos viviam à mercê de quem quisesse percorrê-los. Penetrava neles e saía, com franqueza ampla, qualquer indivíduo, sem que lhe fossem às mãos ou, ao menos, o advertissem da obrigação de apresentar-se à autoridade encarregada da identificação conveniente.

Por um lado as linhas, posto que bem atendidas, mostravam soluções de continuidade, devido aos múltiplos obstáculos naturais do ter-

reno; por outro, a nossa clássica imprevidência, o nosso sentimentalismo piegas, a nossa elástica confiança em nós mesmos, eram a causa do fato altamente pecaminoso e de más conseqüências.

Não fora o Deus dos Exércitos, de contínuo à nossa ilharga, cobrindo-nos com o seu manto misericordioso, era uma vez vitória extrema!...

Os corpos de Voluntários da Pátria chegavam às pressas, comandados por cidadãos incompetentes, à carência da noção dos preceitos militares e nada instruídos, o que jamais se poderia coadunar com as boas práticas disciplinares.

Certamente, guindados aos cargos, estes às injunções da avassaladora política, aqueles em recompensa ao agenciamento de pessoal, fardando-o à sua custa.

Tais serviços, porém, realmente de relevo culminante, parece, deveriam ser indenizados de outra maneira.

Dispúnhamos de títulos nobiliárquicos que tanto lisonjeavam o amor-próprio brasileiro e, igualmente, de fartos empregos de saliente representação social.

Concedessem-nos antes. Nunca colocar em posições de inteira, absoluta, rigorosa responsabilidade, homens inaptos que, não só se sacrificariam a si inutilmente, como arrastariam consigo a desgraça de centenas de camaradas, e, para a pátria, a desolação, o descalabro do desastre.

O general-em-chefe, judiciosamente selecionava bem o que vinha chegando. Confiava os comandos à perícia, à impecável competência de oficiais da envergadura de Diodoro, Floriano e outros de artilharia, os quais fizeram carreira na infantaria e provaram dispor também de aptidão particular para essa arma. O que não podia ser aproveitado sem grande inconveniência, tornava ao Rio logo.

Osório, dotado de gênio alegre, pachorrento, cheio de bom humor, muito amável em geral, qualidades que o fizeram totalmente popular no Exército, mostrava-se um ou outro dia nervoso, aborrecido. Os que o cercavam compreendiam-no logo.

E este estado se justificava. A sua árdua tarefa, poucos a desempenhariam com tão nítida compreensão, melhor coragem e solicitude. A cada passo enfrentava um mundo de obstáculos a remover.

O organismo humano, todos sabem, não é de ferro. Por muito bem constituído que seja, e o de Osório primava pela resistência, mesmo assim, melindrava-se com a tensão do espírito.

Em um dos tais dias, desditoso para quem dele se aproximava com frívolos fins, prejudicando o seu precioso tempo, apresenta-se-lhe certo coronel, dos referidos acima, comandante de Batalhão de Voluntários da Pátria, procedente da corte, naquele momento, portador de uma carta do ministro da Guerra, recomendando-o como muito digno de aceitação e trato especial.

O oficial trazia nos lábios sorriso encantador e irresistível do sexo das graças; era todo caído e dengoso, no intuito de cativar o bravo cabo-de-guerra. Osório leu e releu atentamente a missiva, e, em seguida, revestido da calma e sangue-frio, que lhe eram próprios, acrescentou com riso sarcástico:

“Perfeitamente Sr. Coronel, o Sr. ministro envia-mo, carecendo de um tratamento especial. Ora, em campanha não disponho de recursos apropriados a restituir-lhes a saúde perdida. Prepare-se assim para o pronto regresso e, enquanto não embarca, mandarei vir já de Correntes uma boa ama-de-leite e duas irmãs de caridade para encarregarem-se do seu tratamento exclusivo em minha presença; vá pairando por aí, ouviu?”

O autor, alferes de comissão, comandante da guarda de pessoa do maravilhoso general, sentado à sua mesa sóbria, não pôde conter uma estrepitosa gargalhada, infringindo assim a medonha disciplina de ferro do Conde de Lippe, aliás, grande fator no triunfo final da campanha.

Uma bomba da *Vovó* – o famoso canhão paraguaio, que houvesse estalado entre o nosso grupo, certo não produzira no ânimo do pobre coronel perturbação mais acentuada. Sem proferir palavra afastou-se, tendo antes feito a continência ao querido, ao imortal Osório.

Após o fato, continuamos no magnífico churrasco, silenciosamente.

Entre a grande cópia de indivíduos comandando corpos de Voluntários da Pátria, apareceram alguns que fizeram bonita figura na guerra, assimilando realmente a instrução, a disciplina, os preceitos militares. O Dr. Pinheiro Guimarães, por exemplo, lente abalizado da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi um de tantos. Empolgava, apanhava no

ar até questões difíceis de administração, manobrando com o seu histórico 4º batalhão como se fora um bom profissional. Ninguém o excedia, como também ninguém se surpreendeu nunca ao vê-lo nomeado comandante de brigada, da qual faziam parte corpos de linha.

O príncipe Conde d'Eu, quando na última fase da campanha achou-se à frente do Exército e o conduziu à vitória final, nomeou-o seu ajudante general, cargo somente confiado aos mais práticos e competentes oficiais superiores. No Paraguai, mais um outro, o bravo e provecto Tenente-Coronel Tinoco, de cavalaria da Guarda Nacional, morto de encontro às trincheiras de Humaitá, logrou ocupar o lugar, isso mesmo junto a corpos de Exército do preclaro Osório. Verdade é na *guascaria* do Rio Grande, se não abundava gente de pena aparada, linguagens polidas, sobravam os Andrade Neves, os Jocas Tavares, os Vasco Alves, os Chananecos, os Docas, os Buenos, os Hipólitos, os Guerreiros, os Limas, os Mouras, etc., etc., que atopotaram as páginas da história pátria com os seus feitos grandíloquos e inesquecíveis.

Concorreu certamente para isto, particularidade assaz reconhecida, inata no gaúcho, de já nascer com a inclinação e o característico do soldado e, – bom soldado – exceções em expoente.

Um fato, com efeito apreciável, notava-se no Exército, em todos os tempos.

Oficiais e praças irmanavam-se por completo, nos acampamentos, não existindo a menor divergência entre si. Assemelha-se em geral a velhos amigos do mesmo ofício, tendo como único escopo a defesa da pátria comum.

Apenas nas bandas de música transparecia dissonância particular, originada de uma rivalidade sem razão de ser.

Cada qual timbrava em sobressair vantajosamente.

Tínhamo-las de 1ª ordem, em afinação, harmonia e execução.

A da Polícia da Bahia, esplêndida como nenhuma, a do Pará, a do 3º, a do 10º, a do 11º e as de alguns outros corpos de infantaria, destacavam-se muito.

Davam retreta no Quartel-General do comando-em-chefe, nas noites de quintas-feiras e domingos, escalando-se para o mister as mais capazes.

Não raro, os mestres e as primeiras figuras, chegavam a apunhalar-se.

Os agressores eram sempre os vencidos no torneio.

Excetuando a anomalia curiosa, o congraçamento da oficialidade e da soldadesca da 1ª linha, Polícia, Guarda Nacional e Voluntários da Pátria, podia-se julgar perfeito.

É que, sem discrepância, advogavam a mesma causa santa, comungando, solidária em toda classe de labores, glórias e infortúnios, sem a vil preocupação do impatriótico egoísmo e veleidades repelentes.

Em S. Francisco e no Dayman, proximidades do Salto, as tropas novatas e as antigas entregavam-se a continuados exercícios, conquanto as primeiras sofrendo imenso com a mudança radical do clima, da alimentação, mormente as procedidas do Norte do Brasil.

Aí registramos baixas enormes, e os cemitérios atulharam-se.

Causava lástima, ver como a disenteria ceifava impiedosamente.

Houve necessidade palpitante de suspenderem-se os exercícios diários e apressar a transposição do Uruguai.

Em dado momento, nos trasladamos à margem do Juqueri, penso, e atravessamo-lo para Concórdia, servindo-nos de uma ponte resultante da união de embarcações ancoradas no porto.

Para Osório, as dificuldades, impossíveis, não o perturbavam, não o envileciam.

Nos percalços acidentados da campanha, nas suas mais perigosas vicissitudes, sobretudo na passagem do Paraná, o bellissimo florão da sua invejável coroa de glórias, na grandiosa batalha de 24 de maio, é que se revelou nitidamente a têmpera de aço da sua extraordinária personalidade.

Só quem viu o grande general, de espada em punho ou lança em riste no fragor do combate, correndo de batalhão em batalhão, com a sua figura insinuante, imponente, animando os seus comandados, imprimindo-lhe coragem a multiplicando-se em toda linha, é que pode avaliá-lo magistralmente.

V

O Exército brasileiro pisou terras da confederação platina, indo acampar a duas léguas da cidade da Concórdia, como assim o argentino e o uruguaio, estes perfazendo mais ou menos 15.000 homens.

Também nesse ponto, as nossas perdas pessoais se avolumaram.

Lembro-me ainda com mágoa que o infeliz corpo de polícia do Pará quase se extinguiu totalmente. As poucas praças que restaram foram incluídas em outros batalhões.

A esse tempo o inverno surgiu rigorosíssimo.

Nesta localidade recebemos grandes reforços e o Exército já se apresentava bem numeroso. Avaliavam-no em perto de 30.000 combatentes, bem fardados, bem equipados, mas armados com as tais carabinas e mosquetões a Minié, de carregar pela boca como auxílio indispensável da vareta que, uma vez desaparecida, impossibilitava a arma de funcionar, para servir-se o homem unicamente do sabre-baioneta.

Como se vê, um fuzil inconveniente, e, além de tudo, muito pesado.

No entanto, avantajava-se ao de pederneira, usado pelo inimigo.

Tivéssemos naquela época da campanha a magnífica carabina retrocarga, mesmo a antiga Comblain de tiro tão preciso e certo, embora de igual modo pesada e propensa a esquentar o cano facilmente, defeito removido com a colocação da *telha* no sítio conveniente.

Outro sistema de espingarda apareceu no Exército, suponho de origem belga, e a experiência a que se procedeu no combate do Estabelecimento, deu como resultado um completo desastre.

O Major Meyer, alemão, antigo instrutor de Infantaria na Escola Militar da Praia Vermelha, passou a comandar o 15º batalhão, ao qual estava distribuída essa arma de agulha, com a obrigação de preparar no manejo e em esgrima a baioneta, um oficial e um inferior de cada corpo.

Quando tivemos que distrair a atenção do inimigo e avançar àquela fortificação a peito descoberto, para poder a esquadra encouraçada, onde pessoa alguma aparecia, atravessar pela frente das afamadas baterias de Humaitá, o batalhão incorporou-se à coluna de ataque e marchou na vanguarda.

Aos primeiros disparos, as armas se inutilizaram, não conseguindo o projétil ser expelido na forma precisa, ficando aderente às paredes interiores da boca do cano.

Um descalabro horroroso!

O autor destas linhas, testemunha ocular do monumental fracasso, verificou a realidade do fato, ao empunhar uma das malfadadas espingardas.

Os soldados, inteiramente desarmados, porque não podiam fazer uso da baioneta à beira do largo fosso do parapeito, suportando bárbaro fogo de metralha, metidos bem dentro de um ângulo reentrante, que os fulminara aos punhados, esperavam a queda dos companheiros servidos da Minié, para se apoderarem dos meios de agressão e defesa.

Não sei se, devido ao insucesso colossal das “bichinhas de agulha”, como chamavam os soldados do germânico major, ou porque fosse ele mandado a outra comissão, os oficiais e sargentos recolheram-se a seus corpos.

O caso funesto, a princípio muito comentado, cheio de angústia dolorosa, acabou resvalando para o domínio faceto da pilhéria.

Daí em diante, no Exército, uma coisa não correndo à medida esperada, dizia-se chistosamente: – “a bala engasgou na boca da arma”. Em tratando-se de promoções, então, o dito aplicava-se, de ordinário, como remoque.

Larga foi a demora em Concórdia, despendida em sérios preparos para a travessia da República até a margem esquerda do Paraná, onde devíamos aguardar o momento de transpô-lo.

Pouco antes da partida, formou o Exército em ordem de marcha, melhor uniforme, em linha de batalha, sem faltar praça alguma, o que causou determinada estranheza, pois, de praxe, ficavam nos acampamentos os camaradas dos oficiais, bagageiros, empregados em diversos serviços, e os recrutas.

Em semelhante ordem de formatura, compreende-se, a extensão ocupada no terreno orçava por muitos quilômetros, tanto mais que os argentinos e orientais concorreram igualmente.

Soube-se logo que a exibição da totalidade da força aliada, em argumento constante, tinha por fim provar ao general Urquiza, marom-

beiro velho, quais os elementos de que dispunha a aliança para levar com êxito a guerra ao Paraguai.

O célebre caudilho, governador de Entre-Rios, influência política na sua terra, espantalho do governo de Buenos Aires, havia reunido tropas para auxiliar López na contenda, e não acreditava na nossa pujança.

A revista solene, porém, a que passou em companhia do ministro brasileiro Otaviano de Almeida Rosa, o General-em-chefe Emílio Mitre e General Osório, o levaram a recuar do propósito e dissolver os seus adeptos mobilizados.

O perverso tiranete arrojado, como todos do seu padrão, succumbiu ao bacamarte compatriota.

Recebidos os últimos contingentes do Rio, pusemo-nos em marcha lenta através dos campos entrerrianos.

De certo ponto em diante, no encalço da coluna paraguaia, ao mando de Robles, que López destacou para fora do país, estivemos na iminência de capturá-la, se tão rapidamente não transpassasse o rio Correntes, sem nos dar combate, o que custou a vida ao general, pois “El Supremo” – como o chamavam –, determinando a sua substituição, fê-lo executar no passo da Pátria.

O Exército avançava vagarosamente, por não dispor dos meios próprios de condução do material, gêneros alimentícios, bagagens, etc., vendo-se à inteira mercê de particulares que se encarregavam desses transportes e de fornecer os mantimentos e gado necessário ao consumo, o que tudo nos vinha de Buenos Aires, homens, coisas e animais.

Hoje, eram os vapores de carga que encalhavam no Uruguai por falta de água; amanhã, o gado de corte que escasseava por magreza; no outro dia, a boiada enfraquecida pela dureza da estação invernos, impossibilitava-se de conduzir a carretame; no outro, os caminhos intransitáveis. Em suma, os pretextos para as delongas abundavam, e assim foi que, só depois de trabalhosa e comprida jornada, conseguimos alcançar a Lagoa Brava, onde estacionamos muito tempo, aproveitando em exercícios freqüentes e na reorganização do Exército, porquanto os reforços aí recebidos diariamente eram importantíssimos, 6 a 8 batalhões de voluntários às vezes.

Os fornecedores estavam no seu papel, empenhando o máximo esforço em retardar o movimento do Exército. Enriqueciam-se e enriqueciam a pátria, como se viu a olhos nus.

Exclusivamente, ao governo imperial increpava-se a responsabilidade do dismantelo desolador em que se via o Exército, principalmente para arremessá-lo a uma guerra externa e, o que é pior, em país longínquo e desconhecido.

Nada tínhamos organizado. Faltava tudo.

É por isso que o caráter homérico do General Osório tomava proporções fora do comum, pairava muito acima daqueles que comandavam o Exército já pronto, operando de triunfo em triunfo.

É de relativa facilidade o cometimento dessa ordem, quando os elementos estão congregados e à mão de semear.

Nunca, porém, onde domina a anarquia e onde falecem os meios de ação, que, para criá-los, reclamam inteligência, força de vontade e valor espartano.

VI

A vida na Lagoa Brava foi de grande descanso para as tropas treinadas, as quais não se molestavam mais com os assíduos exercícios e o tirocínio dos acampamentos de guerra.

Se a soldadesca continuou de barracas armadas, a oficialidade instalava-se em cômodos ranchos, cobertos de palha e paredes de torrão.

Alguns camaradas de mais habilidade e paciência construía curiosas mobílias que cobriam com fazenda, aparentando trabalhos de arte.

Bem confortáveis as moradias, todas na linha de bandeira, recursos relativamente abundantes, passavam-se os meses suavemente, alegremente, a ponto de esquecer-se a gente de que andava em campanha.

Logo ao cair da noite, principiavam a gemer os violões, cavaquinhos, violinos e flautas, até o toque de silêncio, seguidos dos clássicos descantes *à luz da sedutora lua*.

Com os mesmos materiais, levantavam-se teatros, salões para bailes, banquetes e jogos.

Quem dera, a esse tempo, o cinema; se já fosse uma realidade, claro, entraria em cena aberta!

Vivia-se, enfim, em constantes folguedos, e quem na pátria não houvesse deixado esposa nem filhos, gozava os dias em meio de perfeito regalão.

A cidade de Corrientes demorava a curta distância e, já se vê, proporcionava-nos também regulares distrações, sem falar no belo concurso do gentil sexo fraco, aí representado com elegância.

Os soldados, pelo menos os de infantaria, entretinham-se em ver laçar o gado para a carneação, e, na pesca deliciosa aos jacarés, de que a lagoa era povoadíssima. Para isto, atravessavam um pedaço de madeira coberta com carne na extremidade de qualquer corda reforçada, e, assim, os fisgavam.

Na dificuldade de tirá-los da água, para o que se juntava grande número, consistia o passatempo predileto.

Como nos achássemos muito próximos do inimigo, de permeio apenas o Paraná, os alarmes começavam durante a noite, sempre de prontidão com os seus oficiais, uma hora, cada companhia de batalhão ou regimento.

Às 3 horas da madrugada, formava todo o Exército, e só debandava à chegada das descobertas.

Quando já contávamos um Exército adestrado, perto de 50.000 homens, inclusive argentinos e orientais, pensou-se na passagem do rio.

Tendo, em janeiro de 1866, o inimigo, que primava pela audácia, atravessado o Passo da Pátria para o território correntino e surpreendido uma força argentina da vanguarda, resolveu-se fazer seguir, para aumentá-la, a divisão brasileira Sampaio.

Em dias de abril do mesmo ano, o Tenente-Coronel Vilagrã Cabrita, anos antes instrutor no Paraguai, a pedido deste governo, é morto na ilha da Redenção a bordo de pequena embarcação, onde ditava a parte do triunfo alcançado ao rechaçar o inimigo.

A pontaria do tiro de artilharia que o trucidou foi feita do forte Itapiru por um oficial, seu antigo discípulo e amigo.

Contou mais tarde que o paraguaio, sabedor do sucesso, lamentou-o sinceramente.

Caso quase semelhante ocorreu nas avançadas do Exército, na famosa *linha negra*.

O valente Tenente-Coronel Francisco Frederico Figueira de Melo, chegando com o seu batalhão, postou as sentinelas nos lugares vulneráveis e recomendou em particular a uma delas, um cadete seu parente, que não trepidasse em fazer fogo a qualquer vulto que lhe aparecesse na frente, sem dúvida nenhuma, inimigo.

Acontece que, ao retirar-se, encontra-se com o General Argollo, depois Visconde de Itaparica, comandante da divisão, acompanhado do Estado-Maior, e pede-lhe para examinar o modo da disposição do serviço. Erram o caminho, e todos vêm surgir, justamente enfrentando a sentinela.

O cadete, sem vacilar, leva a arma à cara e atira contra o grupo.

A bala atingiu de lado a lado o bravo chefe, que ali tombou exânime.

O rapaz, por pouco que não enlouquece.

Foi eloqüente quem disse um dia que a fatalidade combina as coisas de um modo bem engenhoso.

Mês e meio antes de funesto acontecimento da ilha, roubando-nos camaradas distintos, de reputação ilibada, experimentamos funda consternação.

O encouraçado *Bahia*, ao mover-se, em retirada do bombardeio ao Itapiru, foi alcançado por uma bala em sua casamata, matando o comandante e mais quatro oficiais da tripulação.

Em começo de abril circularam versões sobre o ponto exato do desembarque no país fronteiro.

Entre as melhores, a preferência recaía em certo lugar acima do Itapiru uma légua, conduzido o Exército em navios protegidos pela esquadra, como mais tarde se deu.

O território inimigo, ignorado inteiramente, pela ausência completa de mapas por onde os nossos generais pudessem se orientar, não permitia uma resolução firme e pronta, deixando a todos perplexos.

O Passo da Pátria, defendido pela fortaleza bem artilhada, acampamento bem entrincheirado das forças disciplinadas de López, avaliadas

em mais de 30.000 homens, muitas dezenas de canhões de respeitável calibre, mandava a prudência não cogitar escolhê-lo.

Os generais da Tríplice Aliança conferenciavam seguidamente sobre o assunto, e nada ficava assentado em definitivo.

Debaixo de rigoroso sigilo, confiou-se à pessoa de reconhecido valor, critério e competência técnica, a exploração de toda a costa leste e oeste banhada pelos rios Paraguai e Paraná a partir da ponta do espigão à ilha de Santana por um lado, e, do outro, até légua e meia acima aproximadamente.

As conferências continuavam sem cessar, sempre de resultado negativo.

Por último, Osório, aborrecido de tanta delonga, munido dos ligeiros esclarecimentos das pesquisas procedidas, declarou: “Uma vez que o Conselho opina pela passagem aqui ou ali, eu vou realizá-la na margem esquerda do Paraguai com a devida vênias dos chefes aliados, e é depois de amanhã, infalivelmente, fazendo eu questão imperiosa de ir na frente com o meu Exército.”

As ordens foram expedidas.

Na tarde de 15 de abril, conchegaram-se à margem do rio as duas divisões de infantaria, Argolo e Sampaio, 50 atiradores a cavalo, 100 praças de engenheiros e 8 bocas-de-fogo.

No dia seguinte, 16, pela manhã, embarcaram em vastos transportes, chatas, canoas e avisos, cada uma ao costado do navio de guerra, e largaram em direção ao forte Itapiru.

Ao meio-dia, mais ou menos, e no momento em que a esquadra, descarregando as suas baterias, enfumaçou completamente toda a margem, de improviso, a expedição virou de bordo, desceu o Paraná a toda força, e subiu o Paraguai.

O panorama, então, desenrolado, não podia ser nem mais deslumbrante, nem mais encantador.

No lugar escolhido atraca um vapor e uma chata.

Osório, de lança em punho, a bandeirolinha a tremular, acompanhado somente da inseparável ordenança, é o primeiro a pôr o pé em terra, e, montando logo a cavalo, sai em descoberta.

Sucessivamente, desembarcaram o 2º de Voluntários da Pátria, ao mando de Diodoro da Fonseca; o 26º, de Figueira de Melo; o 13º Batalhão de Infantaria, de Augusto César da Silva, e quatro canhões, de João Mallet, seguindo-se depois a 1ª divisão e a 3ª.

Osório, por duas vezes, perseguido pela guarda inimiga, regressou ao desembarque. Houve um momento de vacilação, mais determinante, quando um grumete, de vigia na extremidade do mastro do vapor, avistou mais força ao nosso encontro.

De súbito, sem medir conseqüências, o grande general, com o seu piquete de 12 praças apenas, comandado pelo intrépido capitão Pantaleão Teles de Queirós, avança denodadamente, sulcando as águas de enorme e funda lagoa, dá combate ao inimigo, e sustenta-o, até chegar o auxílio daqueles corpos que correram pressurosos.

As peças de artilharia, conduzidas ao ombro dos soldados com água pelos peitos, guarneciam-nas praças do 26º de Voluntários, com o Tenente Sousa Castelo e o autor deste livro, que foram distinguidos com a condecoração do hábito de Cristo, este imerecidamente.

Osório, na véspera da passagem, havia publicada Ordem do Dia, onde estava escrito o seguinte:

“Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres; basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está ali em frente. Avante, soldados!”

VII

O inimigo, recuando à bala e à ponta de baioneta, banhados a dentro, assombrado com o arrojo do primeiro contingente que desembarcou, só se equilibra para nos fazer frente em um campo mais limpo onde achavam os seus reforços mandados a toda pressa.

Já havíamos conquistado, talvez, meia légua de terreno, e desabou um temporal medonho, chovendo ininterruptamente durante a noite inteira, não dando lugar a assentarmo-nos uma vez sequer. Os soldados atravessaram-na também, debruçados na coronha das espingardas, umidade e frio até a medula dos ossos. Foi uma terrível noite que ainda hoje, e lá se vão 58 anos, não nos fugiu da lembrança. Tivemos muitas outras

idênticas no desenrolar das operações, mas essa da estréia, do batismo de fogo, se nos gravou no espírito para todo o sempre.

Ao clarear do dia seguinte, López mandou atacar-nos por numerosa brigada de 3 a 4.000 homens.

João Mallet, tendo, então, assestada a sua bateria em pequena eminência, dominando o campo de batalha, fez-la tropejar desde logo.

Por acanhado terreno, circundado de densas matas, marcharam para repelir a coluna, unicamente, 5 batalhões de linha e 3 de Voluntários da Pátria, ficando o 26º de proteção à artilharia, recebendo mortífero fogo a pé firme e sem lhe ser lícito descarregar as armas.

O 13º de infantaria, havia permanecido à retaguarda, na reserva.

Osório tinha-lhe tal ou qual confiança. Pertenceu à sua brigada em Jaguarão, e sabia do seu comportamento brilhante na tomada de Paissandu.

Assim é que, de binóculo aos olhos, as rédeas do magnífico corcel caídas em desprezo, postado no flanco direito do 26º, para onde convergiam as pontarias, seguindo as peripécias do combate, vira-se para trás e dá ordem ao corneta que toque 13º avançar, e, após, em acelerado. “Isto já está durando muito”, dizia com a maior calma e sangue-frio, como se estivesse apreciando um exercício em plena paz.

Passando por ele o batalhão de armas suspensas, a marche-marche, na frente o insigne Augusto, um dos afamados chefes de infantaria, ao molde de Fernando Machado de Sousa e Genuíno Olímpio de Sampaio, recomenda-lhe em altas vozes: “Srs. comandantes, não quero um tiro.”

O 13º, pouco adiante, armou baionetas e desenvolveu em linha.

A carga violenta que levou ao inimigo foi tão eficaz, que o desbaratou completamente, fugindo em debandada.

O combate cessou como por encanto, conseguindo-se assinalada vitória.

A perseguição foi tenaz, alcançando a proximidade da fortaleza, e muito concorreram para o triunfo as descargas certeiras de metralha por parte da esquadra, varrendo toda a costa.

Alguns navios já haviam bombardeado antes o Itapiru e Passo da Pátria.

Este fato decidiu López, a todo transe, abandonar as suas fortificações ribeirinhas do leste, internando-se no Estero Bellaco.

Para proteger a sua retirada, é que expediu a coluna que derrotamos a 17.

Nunca passou pela idéia do tirano a possibilidade dos nossos pequenos vasos de guerra, como a *Henrique Dias e Greenhalg*, navios de madeira que eram, meterem-se debaixo de suas baterias, sondando canais desconhecidos, para bombardear-lhe o Quartel-General e os acampamentos do Exército.

Limpo o campo de combate, incinerados os cadáveres, acampamos em Itapiru e, dias após, no Passo da Pátria, ainda fumegam muitos ranchos paraguaios.

No local existiam poucas casas de moradia, que também foram presas de incêndio proposital, escapando uma ou outra, onde de instalou o Quartel-General.

Deste ponto, partiam diariamente explorações aos diversos rumos, pois, é sabido e discutido, andava-se às apalpadelas, ignorando-se totalmente a conformação topográfica do país invadido, os recursos naturais, os seus meios de ação na guerra.

A López consideravam-no um mito, um enigma, um encanto, um talento superior. Todos o temiam, não há que duvidar.

Consequentemente, o bom critério aconselhava a maior prudência nos cometimentos, buscando na eloquência do tempo, ajudado das difíceis informações fidedignas, o instante preciso do pô-los em prática, segurança absoluta, desde que não dispúnhamos de bons elementos para uma investida plenamente orientada.

Osório repetia, de ordinário, que o inimigo é que nos havia de ensinar o caminho de Assunção, cabendo-nos a nós remover os óbices da estrada.

Em um dos reconhecimentos forçados, o seu grande amigo, valente Tenente-Coronel João Simplício Ferreira, que fazia parte do seu estado-maior, caiu do cavalo varado por uma bala certa.

A nossa boa cavalaria, durante muito tempo, andou mal montada.

Não se tratavam os animais com o preciso interesse, proporcionando-se-lhes alimentação suficiente, saudável, succulenta. Recorria-se somente às pastagens das vizinhanças dos campos que atravessávamos, e, essas, ligeiramente, trazendo-se a cavallhada abaixo de pastoreios e respostes constantes, de modo que vivia enfraquecida, exausta, incapaz de serviço aturado e urgente. Despendiam-se, seguidamente, em remontas, fabulosas quantias, em pura perda, porque a praxe não sofria reforma. Não raro, em marcha, víamos soldados de arreios às costas.

Na passagem do Paraná, escasso o número de cavaleiros aproveitados, e, no Passo da Pátria, apenas a Brigada Ligeira do General Neto e um ou outro corpo de linha dispunham de cavalos, e, ainda assim, digamos, de tal natureza que, na batalha de 24 de Maio, caíam, sendo necessário o ajudarem-nos a levantar puxando-os pela cauda.

É provado que, nesse dia, a guerra tocaria a seu termo se houvésemos perseguido o inimigo, que ficou por completo desbaratado, e consumiu uma semana inteira a reconstituir-se.

O Duque de Caxias, chegando ao Exército, mudou a face das coisas. Imediatamente fez racionar a cavallhada com milho e alfafa, de sorte que, desde então, pudemos contar com a arma valiosa temida por López, e que, na realidade, prestou serviços importantíssimos nas alternativas da campanha, excursionando em diferentes direções, sempre ao comando de prestimosos oficiais que souberam honrar o nome rio-grandense.

O resumido Exército argentino e o, ainda menor, oriental, transpuseram o rio depois de Osório se haver coberto de glórias e louros imarcescíveis, e de se achar de armas ensarilhadas em plagas paraguaias.

Quando palidamente falei do combate de 17 de abril, omiti um episódio digno de ser mencionado: o oficial encarregado da faxina para incineração dos cadáveres ocupava-se no trabalho penoso, procedendo a exame minucioso em cada um deles, para se não dar algum engano fatal. Julgando terminada a tarefa, ordena que, indistintamente, se formassem duas pilhas e se atacasse fogo, sem mais demora. De chofre pula, já de carabina engatilhada, um paraguaio que fingia de morto e, rápido, o agride. O soldado próximo, por sinal, desprezível, sempre embriagado, negligente em seus uniformes, pesadelo dos superiores, enfim, volta-se para o oficial que se preparava para a vindita, e diz-lhe: “Não, seu alferes, este é meu.” Ato contínuo, como um

raio, cai à retaguarda quatro passos, arranca em vertiginosa carreira e pespegalhe, bem na região do estômago, cabeçada tão enérgica e violenta, que o jogou a distância, com armas e tudo, desta vez, de verdade, sem sentidos.

Não escapou da fogueira, o canalha.

Quanto ao Rolambóide, assim conhecido o destemido soldado baiano, teve a recompensa de oito dias de folga da prontidão e do alarme, ele um dorminhoco a valer que era, apreciando mais esse prêmio do que as vantagens de uma boa promoção.

VIII

Ao Passo da Pátria começou a fluir comércio em grosso, alojando-se embarcações, onde nada faltava; mas custando tudo os olhos da cara.

Não havia tabela de preços, multiplicando-se assim os abusos despejadamente.

O rabiscador destas impressões incolores, mal alinhavadas, porém repassadas de verdade, pagou uma libra esterlina por duas pequenas bolachas, duras como projétil, na picada de Caraguataí, logo após o combate.

Os homens já não vendiam, saqueavam.

Aí é que, se o Dr. Pessegueiro aparecesse em companhia do saudoso Rio Branco, bem cabia-lhe o dito que passou a ser tradicional: “Dinheiro haja, seu Barão.”

Os negociantes de uma coragem, ou, antes, ambição inaudita, insinuavam-se por toda parte: nas linhas avançadas, nas explorações perigosas, em carroças, cargueiros, a pé muitas vezes.

À sua “Delenda Cartago”, única, exclusivamente – a libra –, por ela sacrificava sem rebuços, vida e bem-estar.

Nada os detinha.

Movidos pelo proveito pecuniário, praticavam prodígios. Contudo, nem sempre obrigavam o bom êxito. A 3 de novembro, em Tuiuti, na ocasião da batalha em que o heróico Conde de Porto Alegre, fardado de grande uniforme, esporas de ouro, a golpes de bravura indômita, salvava a nossa base de operações e as honras da pátria, nesse dia, experimentaram prejuízos incalculáveis. Arderam as suas mercadorias expostas ao fogo e à pilhagem do inimigo.

Não desanimaram, entretanto, e sortiram-se com mais profusão e esmerado gosto, a despeito de tudo.

O acampamento do comércio era o *Boulevard*, o nosso famoso clube. Concorríamos a ele nos interregnos dos malvados exercícios. Aí se palestrava com amigos em viagens contínuas da pátria, portadores de notícias frescas dos parentes e pessoas caras; saboreava-se o bom café, os doces finos, os melhores vinhos e cervejas, intercalados das chistosas pilhérias e anedotas ao gosto brejeiro e sugestivo de Zola e Paulo de Montegazza; cavaqueava-se, fugitivamente embora, com as hetairas de alto coturno, de origem platina ou européia, acessíveis apenas aos argentários, aos elevados chefes de gola bordada, calça de galão e chapéu de penacho.

“On ne fait pas d’omelette sans casser les oeufs”, diz o brocardo.

Nem todos dispunham de topete altaneiro para as injunções da ventura.

Osório determinou o regresso das mulheres de vida alegre, inclusive viúvas, que a sorrelfa saltaram no Passo da Pátria. Tal celeuma e charivari levantaram, que ele mandou revogar a ordem, deixando o “pessoal” em liberdade ampla de ação.

E não foi desacertado o alvitre.

Esse povo infeliz deu provas repetidas de caridade e altruísmo, em meio das agruras do seu infortúnio.

Ao ribombar do canhão, nos pontos mais perigosos da linha de combate, elas surgiam a galope, quais amazonas, acudindo a feridos e correndo aos hospitais de sangue. Dilaceravam as roupas em ataduras e lá permaneciam até o fim da refrega, atendendo a todos com solicitude carinhosa. Retribuíam com generosidade espontânea o favor da meia-ração que recebiam.

Uma houve que se salientou.

Amásia inseparável de distinto general, acompanhava-o nas excursões difíceis até, e, aos primeiros tiros de qualquer peleja, aí se achava ela em seu cavalo garboso, bem apurado, pondo em prática os belos sentimentos, que tão bem se aninhavam no coração maculado, mas ainda com laivos de virtude.

A 2 de maio, a vanguarda ao mando de Flores composta dos orientais seus compatriotas, a brigada de infantaria do Coronel Pedra e

4 peças de artilharia, foi surpreendida, salvando-se este oficial acidentalmente, no cavalo da ordenança, não lhe restando tempo de montar o seu, desencilhado.

Acudindo forças próximas, destacou-se o 26º de Voluntários da Pátria, de Figueira de Melo, forte de 800 homens, um dos batalhões bem cotados no Exército, que trabalhava com precisão admirável, constituído de gente escolhida no Ceará e valente bastante.

Marcha apressado, ora estendido em atiradores, ora carregando em linha, ora, finalmente, formando quadrado em defesa às agressões da cavalaria.

O inimigo, dado o golpe de surpresa, de pronto embrenha-se na mata, por uma picada larga de vinte metros, bem trilhada.

Figueira, supondo-o em retirada, forçada, sai-lhe em perseguição, avançando denodadamente.

Já não avistava mais o Exército e distanciou-se além de mil e quinhentos a dois mil metros, mata adentro. O inimigo, em ocasião propícia, contorna-o, acomete-o pela retaguarda com cavalaria e mete-o entre dois fogos.

A derrota, súbita, foi tremenda!

Desfeita logo a ordem da formatura, sob o domínio do pânico nas fileiras, ninguém mais se entendeu. Vieram a confusão, a balbúrdia, o desatino, o horror. A luta, corpo a corpo, tomou proporções que não se descrevem assim facilmente. Cada qual defendia-se como podia. Era o *salve-se-quem-puder* —, o pandemônio, debaixo de uma gritaria infernal. Matava-se, feria-se, golpeava-se a lança, a espada, a baioneta e a tiro de revólver. Oficiais e soldados que saíam em carreira estrada afora eram baleados como animais e postos à garupa dos cavaleiros. Os poucos aprisionados por entregarem-se, retiravam-nos da arena. A hecatombe só cessou quando não houve mais sangue a correr.

Conseguiram sair com vida unicamente os refugiados na mata, e mesmo entre esses, mais tarde, alguns foram capturados e mortos também, em vista de ignorarem os acidentes do terreno em que pisavam e faltar-lhes a calma e o sangue-frio preciosos para se orientarem.

Do Estero (banhado) à boca do mato, havia um bom trecho de caminho limpo, espécie de praça.

Ao anoitecer, quase noite cerrada, número regular de camaradas, a exemplo de um que teve a feliz idéia de abandonar a casa alheia onde, assim como, incontestavelmente seria frito e bem torrado, aventurou partir em desabrida carreira, pensando, talvez, fazê-lo com impunidade. A cavalaria, porém, que se achava de emboscada, deu-lhe em cima como uma avalanche e vitimou ainda dentro do maldito Estero, cujo lodo do fundo agarrava-se aos pés da gente, à maneira de ostras ao casco do navio.

O pobre do França Leite, o Zeferino Martins, o Joaquim Lauro, o Carlos Manuel, e soldadesca muita, aí ficaram, à exceção do primeiro, quase desmunhecado e com a falta de uma orelha, o qual foi arrastado e salvou-se.

O lindo batalhão perdeu 600 e tanta praças, mortas e feridas na picada, sem haver sido possível transportá-las. O Major fiscal Oliveira, mais 8 oficiais prisioneiros, 10 mortos e 4 feridos, desfalcaram enormemente o efetivo da oficialidade. A bandeira só apareceu no dia seguinte, conduzida por um cabo, toda esfarrapada, em pedaços. Bordada a ouro, trabalho artístico e mimoso, saiu das mãos de distintas senhoras da capital do Ceará, a que pertencia o mesmo batalhão, como disse.

Depois dos restantes destroços serem incorporados à divisão estendida à beira do banhado, a nossa artilharia bombardeou a mata inutilmente, porque já o inimigo se tinha posto a bom recato.

Osório, indignado com o desastre, pretendeu submeter a conselho de guerra o bravo comandante Tenente-Coronel Figueira de Melo; uma injustiça, se o levasse a efeito. Figueira não fez mais do que seguir o movimento da frente e, em momento obrigado pelo inimigo, contornar o Estero. Envolvido em combate sério, a contragosto, recuar seria comprometer a situação, ou antes, agravá-la, tanto mais que contava com o auxílio, e o teve, da ala do 13º Batalhão de Infantaria, também desbaratada.

Cavacos do ofício, e só.

Na injustificável surpresa, filha das nossas facilidades e arrogâncias, tomaram-nos uma bateria de boas 4 peças, retomadas no assalto de Lomas Valentinas.

IX

O Exército demorou-se no Estero Bellaco alguns dias e avançou, por haver López caído mais à retaguarda para dispor de espaçoso terreno, com o fim de combater. Não podia ele se conformar com a nossa audácia de talar os seus domínios e de ver iminente a queda da tirania absoluta exercida no sul da América e à luz brilhante do século XIX.

Com efeito, a 24, onze horas da manhã, nos campos de Tuiuti, soa lugubrememente o canhão. O tirano lança-nos o seu Exército por completo, alvejando a nossa base de operações do Passo da Pátria, e supondo em batalha geral aniquilar a Tríplice Aliança, jogando assim cartada decisiva, na certeza matemática da empolgadura da vitória.

No seu tentâmen, porém, desprezou, ou não figurou em linha de conta capital, ver-se enfrentando pelo verdadeiro gênio da guerra encarnado no vulto estupendo de Osório.

Na batalha, o Exército argentino ocupava a direita. Flores, comandando a vanguarda, da qual faziam parte as suas diminutas forças, estacionou junto ao 1º Regimento de Artilharia, anexando-lhes os seus seis canhões.

De véspera, todas as bocas-de-fogo de que dispunham os aliados achavam-se decididamente assestadas, como se tivessem certeza do ataque no dia imediato; as trincheiras acabavam de prontificar-se.

O inimigo, procurando antes colocar-se bem, nos descongestionou, aliás, permitindo-nos o alargamento das posições, melhorando destarte a situação do Exército, que se tornou de mais fácil movimentação.

Simulando a agressão para a direita, decaiu ao centro e esquerda com a impetuosidade de quem queria vencer ou morrer.

As nossas tropas, contudo, resistiram-lhe o choque vantajosamente, e a derrota estrondosa foi fato consumado dentro de 5 horas de encarniçada luta, a mais importante que já se feriu nesta parte do novo mundo.

Ameaçando o flanco direito, que sabia fraco, arremessa-se, furioso, aos outros pontos da linha, para voltar àquela com o fito de surgir-nos à retaguarda, cortando-a, o que felizmente, nunca consegui, porque Osório, como um raio, o alcançou com a divisão encouraçada de Sampaio e fê-lo retroceder, sofrendo perdas enormes.

Até hoje, não se sabe quem mais brilhou na grandiosa ação: se a artilharia do impávido Mallet, se a infantaria dos nossos provecos generais, se a Brigada Ligeira, servida da deplorável matungada que, rondando aqui e ali, mantinha-se de pé por esforços ingentes, acontecendo grande parte dos soldados combaterem como infantes. O que se assegura, todavia, o que está gravado indelevelmente na imaginação de todo aquele que acompanhou os incidentes, o fluxo e refluxo da batalha, é que Osório foi o herói único do dia, a imagem, a personificação do anjo da vitória.

A galope sempre, ponche de pala enrolado no braço esquerdo, chapéu-do-chile, de espada em punho, percorria a linha de fogo, de ponta a ponta, e a tudo atendia. Tinha o dom da ubiqüidade.

À falta de boas cavalgaduras para os soldados, formaram uns 200 oficiais, armados de lanças, comandados pelo Coronel Manuel Amaro Barbosa, com o próprio General Neto à frente, e deram cargas de efeito horroroso.

Às 4 horas da tarde, as hostes paraguaias, esfaceladas por completo, batiam em retirada, deixando o campo juncado de cadáveres, para atestar o desbaratamento colossal.

López, de suas trincheiras, de onde não se afastava, testemunhou, assombrado, as peripécias do feito: o desfecho desastroso, a ruína do seu Exército. Para ele, a tragédia não teve limites no seu pavor. Acima de 6 mil mortos e 7 mil feridos, em grande porção abandonados, foram as suas perdas nesse dia memorável e, por muito tempo, a sua pobre gente, desorientada, andou à matroca.

A nossa artilharia portou-se admiravelmente, sobressaindo a de Mallet, de modo distinto. As divisões de cavalaria manobraram bem, posto que privadas do elemento principal e de consideração extrema.

A infantaria, ainda uma vez, pôs em evidência o justo conceito de arma superior às outras, e capaz de remover impossíveis.

Ultimamente, a guerra européia forneceu disso centenas de provas cabais e exuberantes.

Jamais a América Meridional presenciou prélio de tanta magnitude, e onde o caro Brasil se revestisse de glórias imortais, em profusão, como mostrando à posteridade o patriotismo modelar, o valor de seus filhos diletos.

Avantajados escritores têm trazido em relevo frisante o histórico minucioso e autêntico dos volteios e aspectos diversos da batalha, para nos poupar repeti-los demasiadamente.

Mesmo o nosso exclusivo intuito restringiu-se a respingar fatos e acontecimentos que a história não capitalizou, emitindo também, ligeiramente, juízo individual dos personagens figurados na campanha, cuja confirmação anda estampada no critério dos camaradas e companheiros da homérica cruzada.

Devido à ausência de cavalcada própria e de recursos de ordem imprescindível à mobilização pronta do Exército, nem mais um passo adiante foi permitido dar, ulteriormente ao gigantesco sucesso.

Preparou-se, varreu-se a arena assinalada de Tuiuti, estabeleceu-se a mortífera “linha negra” – e invernamos debaixo de incessante bombardeio do inimigo, afinal de contas, sem maior moça moral à força do hábito, que transforma o organismo. Belos e característicos ranchos para a oficialidade ergueram-se; construíram-se as singulares mobílias artísticas, os suntuosos salões de teatro, bailes e concertos, reproduzindo-se a vidinha deleitável da Lagoa Brava acompanhada do seu cortejo de exuberâncias deliciosas, quiçá, subindo de ponto.

“Houny soit qui mal’y pense.”

Começando a grassar a disenteria, de modo assustador, e, atribuindo-se ao fato da distribuição da carne no momento de abatido o gado, este serviço passou a ser feito com antecedência de 12 horas, cessando o mal em erupção, para reaparecer mais tarde, transformando em cólera morbo asiático, bexiga pele de lixa, tifo e sarampo, tudo a um tempo.

Esta ocorrência fúnebre, porém, em nada desmereceu o tom alegre dos acampamentos, sempre recrudescente, na razão direta das contrariedades emergentes do oceano de lutas em que nos víamos mergulhados.

É um caso impressionante, o estoicismo daquela época. Ninguém se apavorava da incongruência da sorte, desferindo os seus lances funestos.

A terrível “linha negra” – vamos tentar descrevê-la – situava-se na mata serrada, com pequenas soluções de continuidade em partes baixas e altas, depressões sensíveis do terreno, mais ou menos alagadiço, onde parcimoniosamente penetrava o ar e a luz.

Em dias enuviados, fazia-se a escuridão.

Na retaguarda, qualquer elevação obrigava a força, com direção a ela a marchar em acelerado, quase de cócoras, outras ocasiões a arras-

tar-se, a fim de evitar as pontarias certeiras do inimigo, descobrindo-nos através da ramagem. Nos lugares secos, sacos de areia sobrepostos; nos úmidos, chapas de ferro da espessura de um centímetro serviam de abrigo passageiro às sentinelas, rendidas de hora em hora, às vezes, em menos tempo, tal a exalação pútrida e deletéria de cadáveres em decomposição adiantada, nunca sepultados, por se acharem entre as duas linhas beligerantes. A distância de uma a outra era tão curta, que se ouvia distintamente os paraguaios baterem no rosto para matar mosquitos.

A quantidade destes insetos subia a coisa inenarrável. Insinuavam-se pelos ouvidos, boca, narinas. Um inferno em suma. O desenvolvimento, que se prolongava aos orientais e argentinos, contava a artilharia assestada e uma célebre bateria de morteiros, alvo constante, nos pontos convexos, e, já se sabe, piquetes de infantaria à testada, recolhidos a bocas-de-lobo no campo raso.

Diariamente a maldita linha enviava feridos ao hospital e cavava fundo no estômago combalido do brasileiro guloso, pois sair de serviço sem expelir boa cópia de perdigotos, julgava-se milagre.

Ainda assim, havia indivíduos aos quais o ambiente deletério não envenenava nem produzia abalo.

Não admira, porque nas margens do Nilo africano há quem viva sem a mais leve dor de cabeça.

Segredos do temperamento humano.

X

A grande proximidade do inimigo, era origem de bem curiosos episódios.

Racionava-se a aguardente no alarme geral, pela madrugada, e a praça que a rejeitava, podia fazê-lo em favor de outra, que indicava. Igual a prática nas avançadas. Acontecia, não raramente, o preferido ficar espingardeado, como se dizia em gíria de quartel, àquele que se embriagava.

Um dia, na reserva, após a distribuição, cabendo-lhe pelo dobro ou triplo a pitaça, certo soldado esgueira-se da forma sem ser visto, ilude a sentinela e atravessa a zona perigosa, em silêncio.

O inimigo achava-se todo entregue aos braços de Morfeu, casualmente, em redor do fogão apagado. Com a pachorra peculiar a quem armazenou na cachola uns decilitros bons da mavórtica pinga, junta os tições esparsos, faz um feixe, e, quando decidido a partir, lança um enorme pontapé num dos dorminhocos e diz-lhe, com ar de autoridade: “Acordate, bruto! Há muito tocou alvorada!” Quando o piquete despertou meio tonto do sono, não atinando com a possibilidade da África, já o caboclo paraense, mesmo meio desaprumado, se tinha escafedido. Com o tiroteio desordenado que se seguiu, é que se soube do incidente.

O 13º Batalhão de Infantaria, espontaneamente, carregava nos bornais, ao partir para a linha, cacos de garrafas e de louças, pedras, etc. e respondia ao fogo ativo, jogando esses objetos. Os paraguaios tornavam-se furiosos com o pouco apreço à sua fuzilaria que, por tão nutrida, inspirava reparos na reserva.

Ao longe, sabia-se da presença desse corpo nas avançadas.

De outra feita, à frente dos morteiros, conservava-se uma guarda em terreno despraiado, nas tais estreitas bocas-de-lobo. Pouco adiante, em pequena roça, apareciam melancias. Dois soldados, sabendo do esconde-rijo, sorratamente colhem a fruta, procurando as mais maduras, preferindo esta ou aquela, debaixo de fogo contínuo; e, depois de pronta a provisão, da colheita do que não plantaram, regressam gamenhos, incólumes, com felicidade incompreensível.

Por uma melancia, arriscar a vida!... Que desprendimento brutal!...

Osório enfermando gravemente, de antigos achaques, retirou-se para o Brasil, a fim de tratar-se.

O Exército estremeceu, e, na ausência de seu ídolo, colhido de profunda saudade, descambou para significativo desânimo.

A substituição pelo General Polidoro, espada virgem, baldo do tirocínio de guerra, geralmente antipatizado da moderna geração que passou pela Escola Militar, da qual era comandante, veio concretizar mais o abatimento, o desgosto que lavrava.

Os combates de 16 e 18 de julho, dirigidos por este ilustre general desconhecido, insignificante resultado positivo trouxe à situação desanimadora. Continuou quase a mesma.

Todos os dias, abandonavam o teatro da guerra oficiais de prestígio notável, acabrunhados com a impenetrabilidade, a intolerância, o rigorismo feroz do novo chefe, antítese perfeita do seu antecessor. O êxodo só paralisou com a chegada de Caxias, homem aguerrido, de relevantes e iniludíveis serviços à pátria, de competência administrativa, diferentes vezes comprovada.

Principiou a agir, rodeando-se de elementos de valia, capazes de o auxiliarem sinceramente na nova e importante fase da campanha.

Lá tornou Osório, mesmo doente, viajando de carro e cavalo encilhado, a cabresto da ordenança, portadora da lança histórica; lá correu Porto Alegre com o fulgor da sua antiga carreira militar, assim também a plêiade de conspícuos rio-grandenses que desprenderam-se da família e dos fartos recursos de vida, para acudir ao grito altissonante da pátria.

Reviveu o Exército, e Caxias, havendo reclamado novos reforços, pôs mãos à obra da reorganização, traçando novo plano de campanha que, como se viu, originou o desmoronamento dos designados de López e o conduziu algemado, passos breves, a assistir aos últimos arrancos da guerra que o seu gênio e sentir de selvagem o obrigaram a declarar, no meio da orgia perene de concepções tresloucadas.

No Paraguai, agrupavam-se bons generais, excelentes comandantes de corpos e majores fiscais, nas armas de combate.

Alguns destes, não na altura de satisfazerem as necessárias condições, ficaram agregados, sem exercício, em posição esquerda, preteridos por colegas de realce, e com a carreira condenada.

Caxias observava muito esse meio de punir falta de capacidade, diminuindo o desar do delinqüente, respeitando, outrossim, direitos adquiridos, não incidindo no inconveniente caso de manter em função um chefe ou um fiscal, em certo momento, envolvido em compromissos sérios para si ou seus subordinados.

O Duque tinha o cacoete, pronunciado, de agitar os braços, a cavalo. Propalavam, então, os rapazes, fazendo espírito: O homem vai dizendo, “com este promovo, com este outro agrego; tomem sentido”.

Se aos oficiais em geral, – já tive ensejo de aludir –, faleciam habilitações científicas, por não haverem alisado os bancos acadêmicos, eram

militares de reconhecido senso prático e conhecimentos intuitivos acerca dos mais aplicáveis preceitos da arte tática.

Osório, conquanto inteligentíssimo, nem o curso de cavalaria estudou.

Os Generais Mena Barreto, Salustiano, Sampaio, Mallet, Jacinto Machado, Vitorino, Brandão, etc., e os oficiais superiores do Exército que se distinguiram pelo comportamento brilhante, não possuíam instrução de vulto, na generalidade.

De saber medíocre, igualmente tivemos-los, e com o curso completo de engenharia, poucos, muito poucos. Sem embargo, salvou-se a pátria honrada e gloriosamente.

Isto, porém, não obriga a julgar prescindível a boa teoria, digna de aplicação vantajosa. Muitíssimo ao contrário.

É opinião corrente que disporemos de Exército idôneo, aparelhamento completo, se os nossos homens políticos prestarem-lhe a atenção merecida, não regateando os necessários recursos para torná-lo na altura da defesa da pátria. Que não seja enormidade deseja-se, mas em número, ilustração e competência prática capazes de evitar a série de decepções monstruosas que na campanha experimentamos, custando vidas de subido valor, a par de absoluta orgia de dinheiro.

Sobram-nos oficiais jovens, inteligentes, entusiastas, de saber teórico apreciável, portadores de patriotismo legítimo; faltam-lhes apenas soldados para comandar e o material necessário de molde moderno. Carecemos de um núcleo, no caso de rapidamente transformar-se em tropas eficientes, nunca disso que por aí anda, cada dia que passa em novo dismantelo, à feição de indivíduos políticos, que se elevam muitas vezes ao impulso do filhoteísmo e sacrificam o bem público aos baixos interesses da personalidade.

Se splendendeu a nosso lado a vitória no Paraguai, digamos francamente, de ciência certa, éramos em número superior, armados e municiados com mais vantagem, primando pela educação militar; enfrentávamos, por último, inimigo mais atrasado, pois em valor individual nada deixava a desejar, justiça se lhe preste.

Acautelemo-nos, portanto, para qualquer eventualidade, pois as nuvens do sul, hoje cor-de-rosa, douradas, fulgurantes, amanhã bem podem ser precursoras de intensa e violenta borrasca.

Não há que fiar no sopro embalsamado dos pampas.

XI

Caxias, general de quem o Exército tudo esperava firmemente, circunspeto, acessível e maneiroso, desenvolvia atividade freqüente, não lhe pesando nunca os seus 60 e mais anos de vida consagrada com glória aos reclamos da pátria.

Desde a alvorada, mesmo em pleno inverno rigoroso, percorria todos os acampamentos, fardado de 2º uniforme, cordões dourados de ajudante-de-campo do Imperador e, variavelmente, de sobretudo, quando dia muito frio. Montava bem e em escolhidos cavalos. Acompanhava-o seu estado-maior quase completo.

Enérgico, consciente das responsabilidades do seu alto cargo, sabia colocar-se em atitude séria e respeitosa, não permitindo a ninguém faltar-lhe com a consideração devida. Os próprios amigos não se animavam a ultrapassar os limites.

Cercada de madeira tosca a sua barraca, postava-se à frente a guarda de pessoa, com música, e que somente chegava a forma, rigor pragmático, em continência a si ou à autoridade superior de Mitre, comandante-em-chefe do Exército aliado, a quem, aliás, não dava a honra de sair a seu encontro, se o visitava.

Com Osório, coisa muito outra.

Ao sinal de comandante do 3º corpo, indicado pela corneta, descobrindo à distância o carro do general, de pronto, punha a espada à cinta e esperava-o de guarda formada, e, em boa camaradagem, o conduzia ao alojamento.

A ninguém mais, essa deferência.

Ele bem compreendia a importância do homem que homenageava. Certa ocasião, percorrendo as tropas em sua companhia, presenciou, emocionado, os vivas espontâneos erguidos pela soldadesca dos batalhões, em sua passagem.

Em Tuiucúê, cercando-se Humaitá, feita a marcha de flanco, a linha comprida de léguas facilitava as comunicações com Tuiuti e Passo da Pátria, nossa base de operações, garantida pelo Exército do Conde de Porto Alegre.

Levantaram-se redutos e trincheiras em todo prolongamento, e o duelo constante de artilharia só cessou sexta-feira santa, em cujo dia e noite afluíram as bocas-de-fogo em geral, do Exército aliado, para, ao romper de sábado de aleluia, despejarem, de extremo a extremo, toneladas de ferro sobre o inimigo, de tal maneira extraordinária, que, atordoado, não nos respondeu com um só tiro.

Caxias resolveu a inútil tomada da fortificação Estabelecimento, demorando a nossa direita para a retaguarda, à margem de um braço do rio Paraguai, para o que, fez-se uma marcha de cinco horas, com todas as cautelas, e num silêncio de túmulos. Não haviam surgido os primeiros clarões da madrugada de 19 de fevereiro, noite fechada, recebiam os batalhões de assalto, inesperadamente, marchando em coluna cerrada, a descarga medonha, traiçoeira, de uma força oculta dentro de grande valo situado a 300 metros do parapeito das trincheiras a que se abrigou, causando-nos bastantes estragos. Por momentos, vacilante e surpresa, a coluna de ataque avançou resoluta, indo se colocar cegamente dentro de uma reentrância fortificada e a fogos cruzados. As vítimas da formidável metralha mostravam-se em montões enormes. Despontou o dia, sem ninguém haver transposto, nem sequer a linha de abatizes anteposta ao fosso fundo, da largura de 5 ou 6 metros, numerosas as perdas, a brigada recuou dizimada, ao despejar da artilharia, aumentando o prejuízo de nossa gente de modo assustador.

Foi então que os bravos do General Andrade Neves, depois Barão do Triunfo, à frente dos quais seguia de largas barbas ao vento, temível como um leão, o 4º corpo de caçadores a cavalo, precedido de esquadrões de clavineiros, a meia rédea, arremessaram-se às trincheiras, puseram pé em terra, e, com impetuosidade apavorante, lançaram-se no terraplano da praça, matando e ferindo a torto e a direito. O distinto Alferes Augusto Vieira Rodrigues cravava na crista do entrincheiramento o estandarte que conduzia, quando uma bala o fez rolar sem vida pela contra-escarpa abaixo, perdendo-se assim um oficial de futuro animador.

Vitória resplandecente nos coube.

Nesse dia, a esquadra, passando as afamadas baterias de Humaitá, sulcou rio acima, não perdendo viva alma, ao passo que nós regresamos aos acampamentos, diminuídos consideravelmente. Cada um dos

itinerantes acomodado no fundo de arcas impenetráveis de rijo aço e bom ferro sueco, alcançou duas promoções e uma condecoração, por semelhante bravura descomunal; os menos felizes do Exército, exceção dos que jor-dearam com escala pelo célebre capão das Laranjeiras, contentaram-se com as homenagens cívicas dos contemporâneos.

Este mundo de lágrimas, é assim mesmo.

Na milícia, o caso é muito comum: a retribuição distinta, quase atinge na razão inversa do valor exibido.

Caxias, neste particular, pecava um tanto. Nem sempre acertava, galardoando serviços.

Tinha por norma que os oficiais nos quartéis-generais de brigada, divisões, etc., trabalhavam superiormente aos da fileira.

Já o príncipe Conde d'Eu, pensava bem ao contrário. Na reclamação de qualquer preterido, em serviço nos estados-maiores, despachava: *“Se o peticionário ambiciona promoções por atos de bravura, recolha-se a seu corpo, porque, só arregimentado, é que pode praticá-los.”*

E discernia perfeitamente sobre a situação privativa de cada um.

Na campanha, o posto de sacrifícios do oficial nenhum outro pode ser, senão a sua companhia. Os próprios cargos de ajudante e secretário, já não representam o mesmo apreço.

O piquete, a guarda, a linha avançada, os exercícios contínuos, a maneira de agir em combate, peculiares, uns aos capitães, outros aos subalternos, esses serviços, não têm paralelos.

Os assistentes ou ajudantes-de-campo, transmitindo ordens no seu fogoso e bom cavalo, para este ou aquele lado, a todo galope, dificilmente prestam-se a alvo vultoso das pontarias do inimigo. Jamais se arriscam como os colegas arregimentados. Naturalmente, os projéteis os podem atingir. Claro, quem vai à chuva sempre se molha, diz o rifão.

Assim aquilatando, de maneira ponderada e justa, as questões transcendentais dos seus comandados, e, deslizando sereno, sem paixões, pela diretriz auspiciosa que traçou na comissão prenhe de melindres, o príncipe se tornou credor da estima e consideração geral. Conquistou também a confiança ilimitada na sua ação em face do inimigo. Que os conceitos corresponderam à expectativa, no-lo diz o historiador insuspeito e

os poucos veteranos da cruenta e exaustiva guerra do Paraguai, que por ali ainda perambulam valetudinariamente.

Caxias determinou o reconhecimento armado da fortaleza de Humaitá, confrontando o reduto central.

Outorgada a comissão ao ínclito Osório, na manhã de 16 de abril, após algum bombardeio, o valente e intrépido Coronel Chananeco, com o 1º corpo da Guarda Nacional do seu comando, bate e destroça um grande piquete avançado, não lhe dando tempo a correr à fortificação. Não obstante, a sua corajosa gauchada lá ficou estendida, em esfacelo, pela viva metralha, conseguindo voltar, o destemido chefe e um punhado de bravos. Ato contínuo, a brigada de Vanderlei Lins, composta do 38º, 39º, 52º de Voluntários e o 13º Batalhão de Infantaria, da do Coronel Mesquita, depois da guerra Barão de Cacequi, outro bravo de invejar, que ali foi ferido gravemente, pai do atual marechal reformado, do mesmo nome, avançam apressados, estendendo em atiradores, e, de tal sorte, que boa parte alcançou os largos, fundos e extraordinários fossos das trincheiras, sem de lá poderem sair mais, tornando-se por conseguinte, prisioneiros. Comandavam os corpos os Tenentes-Coronéis Campos Melo, também ferido, Genuíno Olímpio de Sampaio, Frias Vilar e João Nepomuceno da Silva, cada qual mais valoroso e distinto. O Coronel Freire, creio, do Estado-Maior de 2ª classe, comandante de outra unidade, o 40º de Voluntários, que igualmente tomou parte no assalto, o vi tombar com o cavalo transpassado por uma bala rasa de artilharia. Os batalhões regressaram em mísero estado, a menos de quarto dos efetivos. Osório, havendo perdido o Estado-Maior, exceção do sobrinho Manuel Luís e outro, 2 ou 3 animais de montaria, a pé, armado de clavina, alvejava a guarnição das peças, fazendo calar uma delas. Ouvi-o, distintamente, dizer a alguém que, querendo afetar bravura, talvez, com os olhares cravados na recompensa, sem necessidade e sem ser chamado, se aproximou: “*Cheguem-se para lá, não vêm este despropósito?*”

Compararam a bandos de passarinhos pretos a quantidade incalculável de projéteis de metralha partidos das faces dos ângulos reentrantes. Deste modo, consistia a trincheira com pequenas intermitências, prevenindo-se um ataque. Em menos de uma hora estávamos reduzidos a terço da força. Na retirada, o prejuízo avolumou-se. Homens, já com ferimentos, recebiam 2 ou 3 outros, em direção ao hospital de sangue. As

carroças que entravam para retirá-los, aí ficavam com os animais mortos. Os padioleiros, raros regressavam incólumes.

O Major Pereira Júnior, ferido mal, a braços, carregavam-no sob forte excitação nervosa lastimável.

Correu que, nesse dia, se Argolo, em Passo-Pocu, houvesse avançado com o corpo de Exército, Humaitá teria caído.

No Paraguai, realizado o feito de armas, é que se vinha a reconhecer o erro de previsão em que porventura se tinha incidido. A ignorância absoluta da topografia exata dos pontos a atingir, do número de tropas a combater e outros meios de ação do inimigo, impeliam-nos a sulcar caudaloso mar de dúvidas e receios, avançando sempre sob o exclusivo amparo da sorte vária e caprichosa.

XII

O reconhecimento, posto que de resultado negativo, e apesar de não termos penetrado na sua Sebastopol, como considerava López a sua principal fortificação, todavia o convenceu de que, mais dia menos dia, o Exército brasileiro, prescindindo de qualquer auxílio, levaria a efeito a conquista.

Por isso, tratou de abandoná-la, incontínenti, atravessando para o Chaco, e, decorridos poucos dias, entrávamos aí, a galope e de mão direita armas. Uns mil e tantos homens que logo se entregaram deixou-os pairando defronte à fortaleza para proteger a fuga rápida. Horrorizava, afligia o coração, encarar o campo do combate de 16, quando ocupamos a posição: cadáveres de homens e animais, disformemente inchados, olhos esbugalhados, aqui e ali em várias atitudes, muitos aos pedaços, veículos destruídos, peças de armamento, bonés, arreios por toda parte, tudo em pronunciada promiscuidade. O Tenente Parrot, na ocasião empunhando uma enxada, ele próprio cavava a sepultura do irmão, a seu lado, partido ao meio na refrega.

O Visconde de Pelotas, como coronel, antes no posto de major, comandando 300 praças do 1^a Batalhão de Infantaria, tendo concorrido de modo eficaz no assalto de Paissandu, no Exército, encarregava-se da fiscalização das linhas e piquetes avançados.

De atividade inexcedível, apesar de padecimentos físicos que não empanavam o cumprir do dever, inteligente, atilado, desprendido e valente, correspondia eficientemente à confiança de Caxias, que o nomeou para as trabalhosas funções sem tréguas.

Ao menor estrondo do canhão, lá acudia de binóculo a perscrutar, demorado, os acampamentos e as intenções do inimigo.

Às vezes, adiantava-se para distinguir melhor, ficando em perigosa evidência.

Em momento dado, a vida poderia ir-se-lhe, em troca de tamanha temeridade.

Achávamo-nos, muitos camaradas, apreciando o bombardeio em Parecuê, quando vemos passar para a frente, a galope, o Visconde com o seu séqüito. Na distância de 200 metros, não mais, do nosso local, rebenta uma bomba de 68, bem no meio do grupo. A densa poeira e a fumaça envolveram-no por completo, e, extinguindo-se, vimos Pelotas que, tendo caído do cavalo, montava de novo, nada lhe tendo acontecido, nem aos seus oficiais.

Os rapazes de serviço nas linhas, temiam-no, porque, a qualquer hora do dia ou da noite, lá surgia inesperada e manhosamente.

A especialidade do General Argolo Ferrão, posteriormente Visconde de Itaparica, e para a qual inclinava-se a gosto patente, era a fortificação.

Nesse assunto, hábil e previdente, como era, não tinha competidor no Exército.

Adverso ao acatamento de opiniões alheias, uma vez convencido do plano preferível de trabalho, transigir, só em caso muito excepcional.

De sangue-frio a toda prova, valente, ilustrado, taciturno, calma admirável, persistência tenaz, falando sóbria e vagarosamente, medindo as palavras, sobressaía no quadro dos generais em campanha a sua brilhante reputação. Um tipo invulgar para os labores e preocupações, adequado, amoldado por completo à guerra.

As surpresas calculadas do inimigo, nem tangenciavam sequer as forças do seu comando. Chegando a um ponto, embora de ligeira permanência, tratava logo de garantir o acampamento por meio de defesas passageiras e próprias. Em pessoa, fiscalizava seguido os trabalhos, não se confiando de outrem.

Apelidavam-no “Tuco-Tuco”, animalzinho contraído a escavações constantes, vivendo no interior delas.

Revelavam-se nítidos os seus dotes de ação. Uma vez, nomeou certo engenheiro, pedantesco a valer, para encarregar-se do levantamento de fortificações em lugar determinado. De costume, comparecendo ao serviço, e examinando-o, aduzia observações criteriosas em oposição aos conhecimentos técnicos do cientista *manqué*. E este, amuado sempre por ter de ouvir em silêncio, com toda atenção e respeito, aquilo que lhe parecia erro crasso do seu superior, animou-se, entretanto, a dizer-lhe mansamente, carinho fingido, que julgava-se competente no ofício, e o general aguardasse tranqüilo a conclusão da obra. Terminada esta, faltando apenas o necessário revestimento das trincheiras, e, querendo deitar sabença, com malícia, mandou dizer-lhe que o escolhesse entre os aconselhados pela ciência, isto é: faxina, pau-a-pique, leiras, etc. Argolo compreendeu o alcance da tirada e, sem se perturbar, respondeu: “Tenente, diga ao senhor doutor que pode revestir a trincheira como lhe aprouver, menos com pomada.” Poucas vezes envergava a farda bordada. Preferia o comprido sobretudo e o chapéu de feltro, abas largas. Mais baixo do que alto, franzino de corpo, não aparentava elegância, como outros generais. Epigramático, aprazia-se em soltar a sua piada, mas sério e sisudo.

Achavam-se ele e um oficial superior, de altura elevada, colocados em ponto onde as balas atravessavam com freqüência, e o coronel, muito nervoso, desviava-se a todo instante.

Argolo, de mau humor, disse-lhe friamente: “Veja, meu camarada, é uma fortuna ser-se pequenino; não preciso me abaixar, elas passam por cima.” Nos diversos comandos que exerceu, houve-se de forma vantajosa.

Os generais-em-chefe, distinguiam-se consideravelmente. Pertenceu-lhe a glória da passagem do Exército pelo Chaco, perseguindo o inimigo. López, sabendo que ele iniciava por essa região alagadiça o trabalho descomunal da estiva de três léguas formada por coqueiros, mandou uma comissão examinar a sua viabilidade. Os engenheiros informaram ser tão impossível a travessia por aí, que seria de bom conselho não se opor resistência à marcha do Exército, porque ficaria sepultado logo ao começo da enchente do rio, prestes a dar-se.

Argolo, agiu esplendidamente; a estrada construiu-se, e, quando as águas assoberbavam o primeiro dormente assentado, pisava nele, quase boiando, o último soldado do Exército.

Decepção estrondosa para o tirano, que pouco se deteve em embargar-nos o passo, transportando o Exército para Villeta, onde, na batalha do Avaí, foi derrotado, apesar de ferido gravemente no rosto o grande Osório.

As boas e esmagadoras cargas de cavalaria das divisões de Câmara, Andrade Neves e João Manuel, as manobras prontas e decisivas da aguerrida infantaria, o ribombar ensurdecedor dos invulneráveis canhões do velho Mallet, levaram-lhe a convicção íntima de estar irremediavelmente perdido, com o acúmulo dos desastres de Angustura e Lomas Valentinas.

O mais que se seguiu, foi o estertor da agonia lenta da morte do condenado.

– Ainda hoje, é uma interrogação no ar a fuga de López acompanhado de meia dúzia de maltrapilhos, pelo potreiro Mármore, após o grande revés de Lomas, e onde se postava uma brigada de cavalaria que, diziam, se mandou retirar na ocasião... A maçonaria, alguém garantiu, não andou alheia ao negócio. Se, realmente, a interventiva se realizou – o que não acreditamos –, diabos levem a instituição que sacrifica milhares de vidas inutilmente, em holocausto a uma só, de catadura pior do que a do animal feroz, pois este jamais se abalançaria atentar contra a vida da autora de seus dias.

A jornada feliz de dezembro último nos escancarou as portas de Assunção, a 5 de janeiro de 1868.

Quando, ao longe, principiamos a distinguir as torres das igrejas e as culminâncias da capital, nós, em cujos cálculos jamais figurou a hipótese do regresso com vida à terra natal, sentimos expressiva comoção e um raio de viva esperança iluminou o nosso horizonte.

A cidade, outrora populosa, pitoresca, com alguns edifícios arquitetônicos, igrejas bonitas, ruas largas e bem alinhadas, conquanto ressentindo-se da falta de calçamento, arrabaldes encantadores, majestoso e impressionante cemitério da Rigoleta encravado em um deles, passeios lindíssimos, a *urbs* paraguaia causava lástima vê-la desprovida por completo do ente humano. Prédios abertos, mobiliados com luxo e apuro, armários

cheios de roupas finas de homem, mulher e crianças, louças, cristais e talheres de valor, instrumentos e objetos de arte, tudo, enfim, concernente ao conforto, ao bem-estar de um povo que se trata, ali jazia num abandono incrível, devido somente aos instintos perversos e indomáveis do indivíduo aberrado dos sagrados ditames da razão humana.

Do Exército, parte acampou e parte acampou nos subúrbios. Os oficiais serviam-se das casas e coisas que escolhiam.

Gozamos boa vida algum tempo.

Às famílias restituídas ao lar, era entregue imediatamente o que lhes pertencia. O comércio do Rio da Prata invadiu pressuroso as ruas de Assunção, de maneira a nada nos faltar sobre roupas, de que precisávamos com urgência, e comestíveis variados.

Aquela desgraçada época militar, não se aproximava aos belos dias de hoje. Em campanha, mesmo não havendo onde se adquirir um grão de arroz ou um grama de café, o oficial tinha direito unicamente à triste ração de carne.

Aquele que, amante do bem-estar da família no Brasil, quisesse enviar-lhe alguma migalha dos parcos vencimentos, apelava, submetia-se ao regime dietético do *macaco* assado com farinha na ponta da faca e chá sem açúcar, das folhas da laranjeira! O miserando charque (jabá), magro como o de cão vagabundo, estendido ao espeto sobre as brasas, realmente assemelhava-se ao símio aberto, dourado pelo fogo.

E assim, no viver absorvente, exaustivo de privações e provações de todo gênero, conquanto muitas das quais de efeito remediável, suportamos submissos, estoicamente a luta titânica de 5 anos e tanto, que enobrece a cara pátria.

Mercê de Deus, para nos retemperar o espírito debilitado, o físico enfraquecido, afloravam os interregnos que os atritos da guerra produziam.

A mocidade vigorosa, pujante, bem concorria, como respeitável fator, no caso de resistência.

XIII

Assunção, de cidade deserta, deplorável no abandono premeditado, transformou-se de "*fond en comble*".

Hotéis, cafés, bilhares, teatros, casas de bailes, festas de igreja impulsionadas pelo velho Hermes que, de batuta em punho, regia magistralmente as orquestras, o convívio confortante de muitas famílias de oficiais chegadas do Brasil, tudo isso, em plena atividade, roçava pelas fronteiras da verdadeira delícia. O concurso assíduo e joeirado em meio do opulento elemento comercial fortalecia e emprestava tom alegre ao quadro já de si risonho e próspero da existência agradável que fruíamos, após os sofrimentos deprimidores do organismo por marchas constantes e combates sucessivos.

Caxias, dando a guerra por acabada, com a derrota e fuga de López, que o supunha à frente dos seus últimos defensores em Lomas Valentinas, de Assunção embarcou para o Rio de Janeiro, transferindo o comando do Exército ao General Guilherme Xavier de Sousa.

Em um dos riquíssimos dias de maio, quando inteiramente descuidados, absorvidos na contemplação dos melhores ideais recreativos, entregues à indolência, às carícias suaves do *dolce far niente*, eis que brutalmente, de surpresa, somos colhidos ouvindo o toque de chamada ligeira – nos quartéis e esquinas de ruas. Todo mundo corria desnortado, em rumos diversos da cidade, sem poder atinar sobre a causa determinante do alarme. As casernas animaram-se, e as divisões de pronto marchavam para Luque.

Era o bárbaro tirano da serra de Piraju que, onde se achava já com alguma gente reunida de Vila Rica, na estrada de ferro em seu poder e que os nossos esqueceram de inutilizar, mandou duas peças de artilharia bombardear ali os acampamentos do grosso do Exército. Partiu logo, penso, a divisão de cavalaria do General João Manuel, que, excursionando além de Piraju, apoderou-se de toda a linha férrea, cujo tráfego terminava em Paraguai, tendo o leito preparado quilômetros além, e, hoje, prolonga-se à antiga Itapira, limite do país com a Confederação Argentina, interpondo-se-lhe o alto Paraná.

Em Luque, a permanência foi breve. Seguimos para Taquaral e acampamos por dois ou três meses. Quase diariamente, acabados os exercícios da tarde, resvalávamos, não lá de modo muito lícito e correto, no trem da noite, para a fascinante Assunção, a proceder, de ordinário, à laia do boi que, solto, lambe-se todo, como se diz.

No alarme da madrugada já se estava em forma, pronto, lesto e agudo, regressando às duas horas, ainda mesmo encarrapitado em fardos de alfafa, nos quais a gente se sujeitava à incineração em vida.

Durante a demora na localidade, fizeram-se reconhecimentos sobre Ascurra e pontos suspeitos da existência do inimigo.

Foi daqui que partiu a expedição do intemerato General João Manuel Mena Barreto em busca de Vila Rica e que, na marcha para Ibicuí, tendo salvo 10.000 famílias das guarras de López, a sua retaguarda, ao mando do Coronel Bento Martins de Meneses, foi cortada, por se haver distanciado demasiadamente da divisão.

Este bravo, bem como o seu digno êmulo, Tenente-Coronel Chananeco, com os corpos que comandavam, abriram caminho por entre o inimigo, a talhos de espada e golpes de lança, conseguindo juntar-se ao Exército, através da mata virgem, abrindo picadas, transpondo rios a nado, alimentando-se de frutas agrestes que encontravam, exaustos, maltrapilhos e mortos de fome, tendo perdido praças envenenadas pela mandioca-brava, de que lançaram mão em momento extremo.

– Em Assunção, organizou-se o governo provisório da república, com indivíduos incapazes, por falta de habilitações.

Os homens no caso de desempenhar cargos elevados, López os mandou eliminar, e o que restou da matança, mal dispunha de conhecimentos rudimentares.

Lançou-se mão, portanto, do que se encontrou, visto a necessidade urgente de se reconstituir a nação.

O Congresso foi composto de igual modo, não permitindo seleção, pois não havia possibilidade de fazê-la em meio do pessoal muito abaixo da mediocridade. Assim mesmo, arranjou-se como se pôde, guiado pelo espírito perspicaz e o talento engrandecido de Paranhos.

As sessões diárias do Parlamento, interessantíssimas, faziam rir a bandeiras despregadas, e desde que folgávamos, perder o espetáculo, nunca! Exemplo: Certa ocasião, grita agitado um senhor congressista: “*Señor presidente, yo le pido la palabra.*” Em seguida, levanta-se porque lhe foi deferida a pretensão, tira o lenço encarnado do bolso, enxuga o pescoço e as mãos, bebe o clássico copo d’água, e diz todo ancho e cheio de si, achando-se a Câmara em profundo silêncio:

“Señor presidente, yo, Juan Pablo de las Mercés, he pedido la palabra a vuestra excellencia, para decir a usted que, yo, D. Juan Pablo, soy deputado por Caacupé, señor presidente, e, como deputado, yo soy, como de Caacupé, e, como yo soy deputado por Caacupé, quiero ser nombrado, nunca por D. Juan Pablo e siempre, por deputado por Caacupé; tengo tambien la honra de rogar a usted mande publicar en los anales del parlamiento esto mi discurso que le hecho. Tengo terminado, señor Presidente.”

Nada melhor pode dar a medida perfeita do expoente intelectual dos membros de tal arcópagos brilhantemente representado pelo senhor D. Juan Pablo de las Mercés!

Dizia-se que o Brasil era o bodinho expiatório das maiores ou totais despesas com o novo governo do Paraguai.

A Argentina e o Estado Oriental, depauperados como andavam, certo, impossibilitavam-se para a concorrência.

O príncipe Conde d’Eu assumia o comando em chefe do Exército, quando nos achávamos acampados em Luque, no mês de abril de 1869.

A retirada de Caxias, a ausência de Osório, preocupavam o ânimo das tropas, que caíram em marasmo evidente.

Os oficiais esforçavam-se por licenças, na maioria à inspeção de saúde, doentes ou não, e isto constou no Rio. Chegando o príncipe a Assunção, em momento exato da partida de um vapor com 50 e tantos a bordo, mandou sustá-lo e desembarcar todos para submetê-los a novo exame médico. Destes, somente a quinta parte, achando-se de fato doente, conseguiu partir para o Brasil.

Os demais, reuniram-se aos seus corpos; e isso foi um bom decreto da Providência, porque, 4 meses depois, obtinham um posto de acesso, no correr das operações logo iniciadas.

Entusiasmado com a nomeação de comandante do Exército brasileiro, ele, príncipe consorte, de competência militar então desconhecida, tinha por divisa trabalhar ativamente na medida de suas forças, sacrificando-as mesmo.

Passou em revista o Exército no dia da posse, dividiu-o em duas colunas, uma às ordens de Osório, ausente, mas prestes a chegar, e a outra às de Polidoro, dando a Mallet o comando geral da artilharia; examinou

o material, tomando as disposições precisas para em breve recomeçar as operações.

A estrada de ferro foi restabelecida, a linha telegráfica estendida quanto convinha, e, assim, tudo teve apresto para o tentâmen da chamada Campanha das Cordilheiras, seu padrão de glórias.

Achando-nos em Taquaral, ordenou forçado e minucioso reconhecimento aos desfiladeiros da serra de Ascurra.

Em madrugada frígida do mês de junho – daquelas que no Paraguai, acompanhadas do implacável minuano, fazem gelar até a medula dos ossos –, a divisão do General Carlos Resin se move às 2 horas, devendo transpor forte lagoa, do comprimento de 400 metros em seu trajeto. Ali chegando, aviaram-se pontões de borracha desguarnecidos de parapeitos, oscilando perigosamente à intranqüilidade dos soldados em pé. Embarcaram 40 ou 50 em cada um dos tais meios de condução.

Antes de alcançar-se a margem objetiva, os movimentos descontrados fazem virar um deles, onde ia o autor destas linhas.

No atropelo, na confusão do momento, ninguém se pode eximir da queda na água, conduzindo a soldadesca, além do armamento, o peso de 100 cartuchos na patrona e outros tantos na bolsa a tiracolo. A friagem desagradabilíssima que experimentamos ao contato inesperado do elemento à temperatura de muitos graus abaixo de zero, foi-nos ao âmago do coração.

Não houve maior desastre, por isso que a profundidade só atingia o peito dos homens; um palmo mais, e subiria de ponto. Em terra, marchando-se em acelerado para alcançar forças tiroteando, a reação trouxe calor senegalesco, extinguindo o encharcamento da roupa.

No primeiro desfiladeiro encontrou a expedição o que presumia – fortificações detalhadas, e dali o regresso imediato, sem outros incidentes.

XIV

Em Piraju, donde avistamos os acampamentos inimigos de Ascurra e Cerro-León, fez junção o Exército. Ali mandou López um parlamentar protestar contra o uso da bandeira da república que tre-

mulava nas fileiras da Legião paraguaia, declarando que fuzilaria os nossos oficiais e soldados seus prisioneiros, no caso de não ser atendido na reclamação.

O príncipe respondeu na altura da insolência, e, não se falou mais nisso.

Milhares de famílias chegavam diariamente em estado de cortar a alma, cobertas de sarna e outras moléstias de pele, devido aos maus-tratos e exclusivo alimento do milho torrado; muitas pertenciam à primeira sociedade de Assunção, afirmava-se.

O príncipe fez reconhecer, para assegurar a nossa nova base de operações, Piraju, estradas e picadas que vão a diversos povoados; levantou um fortim na margem da inesquecível lagoa do colossal banho a contragosto, estabelecendo nela esquadrilha de lanchas artilhadas, e, seguiu com o Exército para o Paraguai. Às ordens do General José Auto, ficou respeitável força em Piraju. Pelo caminho, fomos vendo os horrores a que López sujeitava as pobres famílias, obrigando-as a acompanhar o seu Exército. Acoitadas nas matas, corriam a pedir-nos proteção, à medida que marchávamos para Peribebuguí.

Esta vila, uma das últimas capitais da república, sem importância pela edificação, pois, como em geral no Paraguai, à exceção de Assunção, as casas eram cobertas de palha, demora na encosta de uma colina, atravessando-a pequeno rio.

Fortificada com 20 canhões assestados nas trincheiras que circundavam, o terreno adjacente ficava-lhe a cavaleiro.

Era ponto de convergência de estradas de suma consideração.

Parece que, se não fora o empenho do general-em-chefe em negar quartel ao inimigo e ir-lhe ao encaço sem tréguas, poder-se-ia ter prescindido de assaltar Peribebuguí, evitando assim a perda de vidas, principalmente a do simpático e bravo General João Manuel Mena Barreto, que tão assinalados serviços prestou na emergência difícil das operações; e ainda muito mais se esperava do seu valor e envergadura distinta. O cerco perfeito nos proporcionaria vitória mais pomposa.

Todavia não lhe censuramos o alvitre que tomou, certamente de harmonia com o plano de campanha traçado. López, aí, perdeu perto de 2.000 homens, artilharia, etc.

Osório, após seu concurso brilhante na refrega de Pirebebuí, retirou-se para Assunção, por se haverem agravado os seus ferimentos. A sua ausência, como era de prever, tornou-se bastante sensível.

De Pirebebuí marchamos para Caraguataí, na entrada de cuja picada, aossado por nossas forças desde Campo Grande, onde se deu a batalha, o inimigo, extraordinariamente desfalcado, nos fez frente, mas a bateria de quatro bocas-de-fogo ao mando do temerário e saudoso João Vicente Leite de Castro, falecido em Paris na qualidade de marechal reformado, e o 9º Batalhão de Infantaria de Floriano Peixoto, o fizeram recuar caminho afora, tomando-lhe peças.

Esta nossa força fez prodígios de valor.

Leite de Castro, que tinha garantida a sua artilharia pelo 6º de Infantaria, comandado por José Antônio Alves, de quando em vez, arremessava-se com um canhão, a toda disparada, até a linha contrária, seguindo-lhe na pista Floriano com o 9º para protegê-lo e também se regalava com descargas de horrorizar. Chegando à insignificante vila de Caraguataí, vimos arder seis vapores paraguaios no Manduvirá, rio pouco abaixo da povoação. Aqui veio surgir pouca gente da que nos combateu, completamente destroçada, acompanhando López espavorido em busca da mata.

A cavalaria e parte da infantaria saiu-lhes em perseguição, procurando contorná-la e cortar-lhe a retaguarda.

O ditador levava fuga tão acelerada que abandonava pelo caminho carretos de sua bagagem. Nos combates de agosto, o seu prejuízo em homens orçou por perto de 10.000.

Na picada, perseguindo o inimigo, o abaixo assinado, com o estômago capaz de digerir pedras, ia sendo vítima, não das balas, que o pouparam, mas de formidável indigestão proveniente de sardinhas de uma lata, engolidas com a voracidade do abutre voador, tendo bebido, logo depois, exagerada porção d'água lodosa. Por muitos anos lhe repugnaram, depois disso, os tais peixinhos acamados em azeite. Em Pirebebuí já lhe havia sucedido caso idêntico, porém no tocante ao rico melado de cana, em cujo preparo os paraguaios são exímios e sabem conservá-lo largo tempo sem azedar-se, em grandes bolsas ou surrões de couro cru.

Nas cidades e vilas, mesmo no campo, as pessoas abastadas, dispondo de valiosos recursos pecuniários, por ocasião do abandono do lar, punham-nos a bom recato, enterrando.

Na capital, encontrou-se muito dinheiro em ouro nos pátios e outros lugares. Aconteciam freqüentemente casos de decepções tremendas para quem se apoderou de prédios. Quando menos se apercebia, apresentava-se o dono ou seu procurador, com a ordem expressa de o entregar, e, na presença do decepcionado ocupante, arredava móveis e objetos, cavava as paredes e retirava preciosos tesouros ali escondidos, nunca cogitados por ninguém.

Ficou por mania comum a procura de dinheiro. Por toda a parte, arrabaldes, campos, matas, etc., encontravam-se indivíduos paisanos, munidos de picaretas e pás, experimentando qualquer lugar suspeito, mormente, depressões do terreno. Poucos lograram a felicidade; no geral, sacrificavam-se em pesquisas inúteis. Por último o governo tomou conta das somas descobertas e a ninguém se concedia o direito de locupletar-se com elas.

E o critério observado, de justiça clara, foi o meio de pôr paradeiro ao acúmulo de desventuras do pobre povo que, conseguindo a sorte de salvar-se, ainda em cima privar-se dos seus legítimos haveres.

Aventureiros houve, que depois de coroados os seus esforços, caíram nas mãos de malfetores, perdendo tudo, inclusive a vida.

Em Caraguataí, no dia da entrada do Exército, achavamo-nos e dois camaradas conversando em casa de uma moça clara, esbelta, bem educada, regularmente vestida de luto, de família que parecia notável, inspirando-nos interesse especial o caso de ser respeitada por López, na véspera ainda ali. E o que reparávamos com atenção era a sua toaleta, diferente das suas compatriotas que, na totalidade, traziam presa à cintura pequena tanga, sem distinção da passada vida social. O Calígula americano, inexorável, como se sabia, nos seus gestos malévolos, não deixava transparecer nunca a menor transigência.

De que maneira, pois, explicar-se o fato extraordinário?

Não tardou a conhecer-se a sua origem real. O malvado envidava quanto meio possível para chamar a si o comandante da Legião Paraguaia, incluída no nosso Exército, a fim de vingar-se com estrondo. Sendo

sempre infrutíferos os seus intentos, recorreu ao ardil de distinguir com escândalo a família do oficial, em seu poder, emprestando-lhe, com pasmo de todos, atenções, diferenças que a nenhuma outra dispensado houvera, em caso algum.

Bem se vê que a perfídia, a aleivosia de tão hediondo homem, não tinham limites. Ainda palestrávamos distraídos, encantados com o espírito vibrátil da senhorita, quando, inopinadamente, surge a vítima que a instância descomunal, López desejava imolar no altar da sua vingança feroz – o tenente-coronel da Legião. Não posso descrever a expansão de júbilo, de contentamento dessa gente. Os abraços, os beijos, os risos se confundiam e só terminaram ajoelhando-se todos aos pés da Virgem, no grande oratório da sala, onde, em altas vozes, agradeciam a dita do encontro feliz.

Comovedora a cena imprevista, a que assistimos sem proferir palavra.

Em Assunção tornei a ver a família, figurando na alta sociedade, rodeada do fausto e da grandeza, havendo, naturalmente, se empossada de qualquer fortuna; de outro modo, naquela época, ninguém lograria viver assim a coberto dos comentários atentatórios da honestidade pessoal.

XV

No Exército, o jogo, coisa estupenda, dificilmente se pode narrar. Imagine-se que, não se jogando por interesse e cálculo, faziam-no *pour amuser le temps*. O número destes referindo-se ao mínimo, a uma insignificância, também não arrancava para a estonteante “carpetas” se não ao brilho sedutor do vil metal... Valorizado, só entendia-se o recreio, para ser agradável e satisfazer. A diferença entre um e outro só notava-se nas paradas de arrojado. A espécie de jogo variava ao infinito, dos mais usados, os preferidos, *Lasquenet*, 31, 1^a, 9, e *Ponto Maior* – principalmente este gargântua, por breve, fácil, pois consistia na agitação de dois dados em pequeno copo de sola que se lançavam em seguida na mesa.

Homens havia tão práticos que por movimentos calculados obtinham o número desejado para suplantar o do ingênuo parceiro.

Perdiam só por conveniência. A respeito de paradas, o caso passava quase à loucura.

A contagem do dinheiro só se procedia em bancas de importância inferior. Nas de ordem elevada, adaptava-se o sistema de montes introduzidos por um “pente-fino”. A moeda, a libra esterlina, ocupava lugar de honra. Tinha-se o soberano, a onça de ouro, o mexicano, o dólar, sendo, porém, a mais cotada, a de cunho inglês. Do Brasil partiam exclusivamente para o jogo no Paraguai magotes de sujeitos profissionais no gênero de vida em que, como disse o sábio autor dos *Miseráveis*, o menos que se perde é o dinheiro.

Caxias publicou uma ordem do dia eloqüente, profligando o vício e mandou expulsar do Exército a malta numerosa de jogadores incorrigíveis.

Acampados na vila de Caraguataí, havia pouco o príncipe determinou a expedição a S. Joaquim, ponto ocupado pelo inimigo e convergência sabida de estradas largas e de trânsito contínuo, mormente a de Vila Rica.

Com efeito, partiu ela composta das três armas de então, com um efetivo provável de 6.000 homens sob o comando do valoroso General Carlos Resin, um dos bem experimentados desde o assalto de Paissandu, em cujos muros, praticando atos de consagrada bravura, as balas espedaçaram-lhe carnes, fraturando-lhe ossos.

Atravessamos o Manduvirá, embrenhando-nos na mata cerrada, através de estreitos caminhos escabrosos, que mal a artilharia os transpunha, à força de animais, muitas vezes a pulso dos soldados. Vencidas as picadas, caímos em terrenos ingratos, alagadiços e pantanosos, de tal forma que, para os vencer sem queda a todo o instante, era necessário marcharmos sem ordem de formatura, amparados uns aos outros. Quando lográvamos campo melhor, isto é, mais firme, imperava tormento quase insuportável. Descalços, pisando em tocos de capim queimado dias antes pelo inimigo, na sua fuga precipitada, até as lágrimas nos vinham aos olhos. Pela madrugada, principalmente, ao sair da cama, com os pés quentes, inchados, cobertos de estrepes, o martírio nos tragava a alma. Para cúmulo de males, apareciam, de tempos a tempos, areais enormes, que esgotaram-nos as forças alquebradas, esaldando-nos os pés em feridas.

A artilharia, desfalcada de animais que iam ficando, avançava dificilmente. Cavalos de montaria e bagagens, já não os possuíamos. As cargas perdidas nos reduziam a roupa a uma muda, além da que ia no corpo e, essa, os soldados a conduziam na mochila.

Mal alimentados, porque com dificuldade o gado acompanhava a divisão e os cargueiros de mantimentos se atrasavam também, desse modo percorremos 40 e tantas léguas bem puxadas, felizmente em época cálida e de calma, sem passar pela idéia de ninguém que nos aguardavam dias calamitosos, de infortúnio muito mais duro e cruel.

Não sei o que seria da expedição, perseguida ou enfrentada por inimigo superior! Talvez uma segunda retirada da Laguna, em condições mais desgraçadas.

À divisão ia incorporada uma brigada de dois ou três batalhões argentinos, fazendo a vanguarda, sob o comando do Coronel Paleja, penso.

Finalmente, depois dessa marcha penosa e de privações por tempo prolongado, conseguimos alcançar o cerro de Caaguaçu, só acessível por veredas ínvias, nos seus arredores. Os argentinos, inesperadamente, chocaram-se com o inimigo, o qual, feitas as primeiras descargas, corre a reforçar a sua reserva no alto da posição, varrendo o caminho à distância.

Houve necessidade de avançar uma brigada brasileira, com o 6º Batalhão de Infantaria, à frente, em coluna cerrada. A ingremidade do morro, muito mais pronunciada que daquela onde assenta a fortaleza de S. José, em Montevideú, nos fez estacar, recebendo fogo em massa acompanhado de formidáveis pedras que faziam rolar, ou arremessavam sobre nós. Não havia meio de subir, nem recorrendo ao franqueamento, conservando-se a formatura coesa, ao menos por seções. Esgotadas as tentativas possíveis e sendo urgente desalojar o inimigo, embora à custa de prejuízos sensíveis, o bravo comandante Major José Antônio Alves determinou que o batalhão, mesmo disperso, porém obedecendo mais ou menos ao alinhamento, carregasse, evitando ser envolvido. Os soldados deram-se as mãos uns aos outros e, a lances de verdadeira acrobacia, menoscabando da fuzilaria e medonho arremesso de pedras, que também matou a muitos, encostados à orla da mata, lá foram ter ao *platô* da montanha, cai aqui, cai acolá.

O inimigo, assombrado, batido às deveras, com o auxílio de mais gente que seguiu, o 6º, deu às de Vila Diogo, para mais adiante estacionar.

A artilharia, ocioso é dizer, fez a ascensão no ombro das praças. O esquadrão de cavalaria, a pé, puxando os depauperados animais, igualmente atingiu a eminência. Reunida toda a divisão, incontínenti marchamos sobre a vila de S. Joaquim, não longe daí, abandonada por completo.

Na véspera, em Inhum, povoado um pouco além, forças que nos combateram partiam conduzindo por ordem de López milhares de famílias distintas, até brasileiras de Mato Grosso, aí localizadas há muito tempo, desde que foram roubadas à pátria.

Nos primeiros dias de nossa chegada ao malfadado torrão, cuidou-se da adaptação dos ranchos encontrados, para instalar parte da força, abarracando o resto dentro da praça e suas vizinhanças. Simultaneamente, procediam-se a explorações em diversos rumos servidos de estradas e caminhos suspeitos, ao que procurava-se descobrir plantações e mantimentos, que o inimigo, com a sua costumada providência, era fértil em proporcionar nos pontos em que permanecia por certo tempo e naqueles que presumia atravessar mais tarde, visto que os aliados, nunca desprendidos da clássica lentidão de movimentos, permitiam-lhe cultivar tudo de que carecia para o consumo farto do Exército, sem a mínima preocupação do bloqueio em que o traziam.

Nada se encontrou, entretanto, nesse oásis negativo do país, nem mesmo a caça de ordinário abundante nas matas, capoeiras e campestres. A não ser a belíssima água potável, por toda parte, S. Joaquim representava o verdadeiro inferno de Dante. Até os dias, aí, não se pareciam com os de nenhum outro sítio.

Céu chumbado sempre, mas úmido, tristonho, pouco sacudido por virações salutaras, variantes bruscas de temperatura, tudo isso concorria para tornar-nos execrado semelhante pedaço de terra, de uma esterilidade desoladora, e onde, pela agrura lancinante da sorte, sepultamos dolorosamente boa soma das nossas melhores energias de moços fortes e robustos.

Desde o começo da estadia aí, as munições de boca, enviadas de Caraguataí em cargueiros, chegavam com pouca regularidade, e parcamente abasteciam a divisão. Pouco a pouco, os comboios foram rareando, de

modo a comprometer a situação da tropa, que passou a ser melindrosa. As rações até então distribuídas integralmente, reduziram-se à metade a um quarto, cessando afinal por completo em dado instante.

Os soldados espalhavam-se em várias direções em busca de alguma fruta agreste ou raiz tuberosa, capazes de alimentação, e regressavam ainda mais enfraquecidos por não depararem com coisa alguma. As baixas à enfermaria, por debilidade penetrante, tomavam vulto inquietador e, multiplicando-se todos os dias, foram suspensas devido à ausência de cômodos próprios e alimento.

Os óbitos subiam a grande número; a contingência angustiosa invadia a divisão, que se desfalcava sensivelmente.

Os diminutos animais de montaria e carga iam desaparecendo sob o cutelo afiado das vítimas diárias da fome desesperada. A soldadesca, aos magotes, de armas embaladas, desertava para as picadas e caponetes, onde, ao assalto, assenhoreava-se dos comboios que venciam as dificuldades da viagem.

XVI

Mandar gente para garantir os caminhos, desfalcando ainda mais a força, sobretudo ignorando-se a posição certa do inimigo, seria grande risco.

Em S. Joaquim não se cogitava já, nas formaturas, da ordem, nem a exigia o Comando Superior do bom Resin, chefe disciplinador, porém inclinado à tolerância bem cabida, não atentatória dos severos e inelutáveis preceitos regulamentares. A preocupação geral visava tão-somente o meio de se sair da emergência acabrunhadora e aflitiva. Os soldados ao serviço particular dos oficiais, camaradas, esforçavam-se por descobrir qualquer coisa, ao menos assemelhando-se a alimento, e voltavam com um vegetal a que chamavam caruru, mas que não passava de viçoso capim. Cozido, sem sal, na água pura, foi esse, durante 4 ou 5 dias, o nosso sustento, disfarçando um tanto a fome canina. Quando surgiu um quarto de ração do principal adubo, deitado por completo no cozimento, a ingestão do repasto infame nos intumescceu de modo extraordinário toda a região do estômago, produzindo mal-estar insuportável. Quase não nos podíamos ter em pé, tal o nosso estado de fraqueza.

Assentados, para erguer-nos, a vista escurecia-se e difficilmente nos contínhamos na vertical. O sono era freqüente. Durante o seu domínio, deparávamos com esplêndidos e lautos banquetes em que abundavam as melhores e mais esquisitas iguarias deste mundo.

Somente imagina o grau de decepção que se experimenta ao acordar de tal sono, quem uma vez passou por ele, de modo que palidamente o descrevemos.

Simplemmente honrosa a situação contristadora em que se viu colhida a expedição de S. Joaquim.

Quatro ou seis officiais de cavalaria da Guarda Nacional, desanimados, mingando-lhes já a energia para sopitarem os impulsos tormentosos da natureza, em conjuntura descomunal, afastaram-se a seu talante do lúgubre teatro dos acontecimentos. Reconduzidos, o príncipe Conde d'Eu os mandou expulsar, como indignos de pertencerem ao Exército Brasileiro em operações no Paraguai.

A pena foi recebida, em geral, como rigorosa em excesso. Os homens, dizia-se, mais ou menos, coonestaram a ausência, em conselho de investigação, porém o comando-em-chefe não admitiu a justificativa.

O Major Alves, comandante do 6º de Infantaria, operoso e caritativo, fabricou para os doentes uma espécie de farinha das fibras do âmago do coqueiro, conhecida por farinha-de-pau. Em outra ocasião seria intragável. Mesmo assim, nem todos a ingeriam sem repugnância.

Certo dia, a força de exploração diária conseguiu matar um veado, e o trouxe ao acampamento, em ocasião mesmo psicológica.

A primeira idéia, aliás bem justa, foi a de entregarem-no à enfermaria. Prevaleceu, todavia, o protesto formal dos mais famintos, opinando pela distribuição aos officiais prontos somente, pois que o mal, comum a todos, não se compadecera com exceções, máxime os de fileira, sobrecarregados de serviço, além de tudo. Assim é que, o bom quadrúpede, espicaçado com engenho e arte, coube geralmente, embora, a cada um o pedacinho de poucas grammas, pesado com a maior equidade e lisura. Quando o comboio de mantimentos era avultado, os desertores da picada serviam-se do que precisavam, e, só consentiam na passagem do resto, que nos vinha ao encontro das nossas necessidades palpitantes, quiçá, salvar-nos dos últimos reclamos da existência.

O grosso do Exército, acampado em Capivari, teve também os seus dias de privações por causas de outro carácter. Nunca, porém, na altura e à medida do que a direcção expedicionária de S. Joaquim foi obrigada a experimentar lamentavelmente.

O príncipe com o louvável empenho de acelerar o curso das operações, para não permitir às forças de López o menor descanso de modo a retemperar-se criando-nos dificuldades, confiava demasiado no êxito luminoso das suas previsões. Daí o perigo iminente em que nos vimos envolvidos, de a todo momento nos precipitarmos em pleno desastre, pouco salvando-se do naufrágio, para o que bastante concorreu a empresa de fornecimentos, grande fator dos contratemplos e decepções que nos molestavam, ou, propositalmente, consultando os seus interesses, ou à força de circunstâncias fortuitas.

O estado de cousas em S. Joaquim chegou unicamente ao seu termo, depois de aberta a picada para Capivari, onde permanecia o general-em-chefe com o grosso do Exército em descanso e preparando-se para novos decisivos avanços sobre o inimigo, que já não tomava pé.

Desde então, passados os inesquecíveis 45 dias de suplício, começamos a ser abastecidos regularmente. Não era sem tempo, pois na fisionomia cadavérica da tropa, em geral, estavam impressos os traços característicos do sofrimento agudo a que com abnegação sublime sabe submeter-se o estóico soldado brasileiro, com escassas exceções.

Destarte, terminou o regime do couro seco assado, já utilizado, de arreios e outros que tais misteres, sem falar na forragem rasteira do cognome enganador, ingeridos avidamente, assim à laia de saborosíssimo pitéu culinário. O instinto de conservação, nos casos extremos, subjugava-se de pronto aos maiores sacrifícios, principalmente associado ao cumprimento do dever religioso, em se tratando da causa santa da pátria.

O General Carlos Resin foi incansável, procurando minorar os transe aflitivos dos seus comandados, encorajando-os, dando exemplos sucessivos de resistência tenaz à ironia da sorte. Bebia com eles no mesmo cálice da amargura.

Quando, por enfermo, passou provisoriamente o comando ao Coronel Hermes, este já encontrou uma modificação radical na aparência do estado físico de todos. O pessoal era outro. Em cada semblante mos-

trava-se o cunho da satisfação, do prazer pela grandeza da luta que venceu golpeada com as armas poderosas do patriotismo.

Na plenitude considerável da guerra, é opinião firme dos historiadores, foi a força expedicionária de S. Joaquim a que mais se salientou em sacrifícios descomunais. Felizmente os nossos pró-homens políticos, após meio século de acabada a epopéia brasileira nos campos inóspitos do Paraguai, vão reconhecendo a relevância dos serviços prestados aí pelos seus poucos compatriotas, que ainda existem alquebrados, valetudinários, no último quartel da vida. Permitiram-lhes, aos reformados e Voluntários da Pátria, cujo soldo era pago pelo da tabela antiga, que o fosse pela da atual. Recentemente prestaram grande homenagem, não há dúvida, a certa ordem de oficiais, concedendo-lhes as honras de general-de-brigada.

Parecerá talvez ao Congresso que, assim procedendo, remunerou generosamente os veteranos da homérica guerra; que disse a última palavra em assunto de tanta magnitude. No entanto, isso não representa um ato de importância suprema.

O Estado argentino e o Oriental do Uruguai, que, em relação aos nossos recursos, são dois pigmeus, e os não devemos julgar com mais patriotismo que nós, há muitos anos mandaram incluir, como prontos nas fileiras do Exército, os seus veteranos, para vencerem sempre como os efetivos, o soldo e todas as gratificações a que estes tiverem direito.

Na terra do Cruzeiro pratica-se, para com os seus servidores beneméritos, sensíveis injustiças. Vencem, sim, o soldo geral, mas sem direito a mais nada. Agora mesmo, devido à carestia da vida, concedeu-se um aumento à oficialidade dos corpos, declarando-se logo não se estender aos inativos, como se a favor destes não militasse causa igual.

As honras do posto de general, simplesmente, outorgada a aqueles que não as tinham, certo, desvanecem o espírito adormecido da sua velha hierarquia militar, mas não caucionam uma existência ao abrigo das conhecidas dificuldades do momento.

É verdade que Anatole France lembrou-se um dia de dizer: “As recompensas mais estimadas são as que dão honra sem proveito.” O ilustre escritor, porém, no arroubo do pensamento, olvidou o *primo vivere*... Hoje, pelo menos, a existência honesta e decente é um ponto de interrogação no ar.

Os sobreviventes dessa falange que, noite e dia, em largo período, escudando a honra nacional, esgotou por completo o seu inestimável capital de vigor e juventude, estão em número limitadíssimo, incapaz, por isso, de esmagar o tesouro público.

Por que então trepida-se em ampará-los contra os golpes cruentos da sorte?

O General Resin retirou-se para o Exército com a maior parte da divisão, deixando em S. Joaquim e Ihum uma força de 2.000 homens ou mais, sob o comando do Coronel Hermes da Fonseca, progenitor do marechal do mesmo nome.

A marcha se fez pela comunicação aberta até Capivari, de 8 léguas de extensão, sendo 5 em matas virgens.

Resin e sua gente foram recebidos por entre entusiásticas expansões de júbilo, por parte dos camaradas, que o rodearam e saudavam em estrepitosos vivas aos mártires de S. Joaquim, debaixo do som festivo das bandas de música. O príncipe, radiante, cheio de orgulho, acompanhado de todo o seu Estado-Maior, foi ao nosso encontro, abraçando efusivamente e beijando o general, e dirigiu em seguida à tropa eloqüente palavras de conforto e agradecimento, em nome da pátria. O carinho andou a tal ponto de nos deixar faceiros.

Refeitas as respectivas provisões, o Exército continuou a perseguição de López, daí de Capivari a rumo de S. Estanislau sobre Curuguati, por caminhos difíceis, tendo à frente da vanguarda o Coronel Hipólito.

XVII

O Paraguai é um país custoso de ser percorrido por forças numerosas em conjunto, desde que não disponham de meios de transportes abundantes e apropriados, porque os acidentes do terreno aparecem por toda parte e de caráter a impossibilitar operações rápidas e de certa importância estratégica. Os campos, limpos de matos, de capões extensos, de restingas, de pantanais a perder de vista, de areais, ou então de enormes cerros de pedra solta, pode-se afirmar, não existem, pelo menos por onde o Exército atravessou.

A quantidade avultada de lagoas de grandes proporções, interceptavam, a cada passo, a marcha, obrigando a contornamentos contínuos, penosos, demorados. Frequentemente os nossos acampamentos se faziam sem se obedecer às leis da arte da castrametação. Arma-se a barraca indistintamente, no melhor sítio deparado, distante o menos possível uma da outra, respeitando-se apenas o espaço necessário às formaturas.

De ordinário, durante a marcha, em manhãs de forte cerração davam-se casos de divisões inteiras perderem o seu norte, rodeando uma lagoa cujas margens, bordadas de acidentes, precisavam despontar-se. A topografia particular e desconhecida dessa pobre terra do Nero americano, e, principalmente, a falta de valiosa remonta da nossa cavalaria, foram as causas reais do prolongamento da guerra, dos dias assombrosos do tirano. O exemplo de S. Joaquim dá idéia exata da ignorância e do quanto nos foi fatal esse desconhecimento. Achávamo-nos morrendo à fome ali, no entanto, a 8 léguas de trânsito possível, como mais tarde se viu com a abertura da picada, podíamos ser socorridos em parte, poupando-se a perda deplorável de infinidade de bons camaradas. A qualquer das armas do Exército era dado superar obstáculos de certa natureza, uma vez a caminho. A infantaria, a que menos sujeitara-se ao rigor dos óbices, em razão de sua fisionomia tática, ainda assim via retardados os movimentos em muitas ocasiões.

Favorecido pela má configuração do terreno, sobretudo, López porfiava em multiplicar-nos as dificuldades, entrincheirando-se em quaisquer desfiladeiros para cansar-nos, e, mormente, consumirmos os fornecimentos. Quando menos pensávamos, abandonava as posições.

A penúria que assaltou o Exército ao investir, decidido, pelo coração da República e as fronteiras, também proveio de se haver atendido a muitos milhares de famílias famintas, que assim concorreram a esgotar as reservas dos grandes depósitos, obstando o prosseguimento das operações.

De Capivari em diante, começamos a encontrar pelo caminho gente de López, degolada ou lanceada por sua ordem severa, visto que não podiam acompanhar na desastrada fuga a Panadeiro, na direção do norte. O Calígula terrível, não deixava à retaguarda ninguém com vida; tinha por escopo o extermínio total do povo. Em geral eram mulheres, velhos, crianças os sacrificados selvagememente, cruelmente.

Parece inacreditável que um homem só pudesse dominar, subjugar uma população completa, tolerando-lhe, impassível, os maiores desatinos de monstro que era, sem reagir com energia, sem sacudir, um momento sequer, o jugo pesado e aviltante. Os assassinatos constantes, o miserável mandava praticar friamente, como em Humaitá, S. Fernando, Tebiquari, Capivari, etc., a título de reprimir conspirações imaginárias contra a sua pessoa, pois ninguém dispunha de coragem cívica para, oferecendo-se em holocausto à pátria, descarregar-lhe um golpe certo e mortal.

Vimos a hecatombe exposta de Tebiquari, onde foram sacrificados, na presença do malvado, centenas de homens de alta esfera social; em Assunção, entre os quais o bispo e um ministro, com o fim único de não deixar empalidecer o terror que precisava assegurar ileso.

A exposição dos cadáveres recentes, da véspera, creio, como a encontramos, visava a apreciação de Caxias, a quem julgava capaz de minar-lhe, com diplomacia, o prosseguimento do seu proceder feroz, a sua influência nefasta, e assim jugular o tremendo prélio.

Constava no Exército, realmente, à boca pequena, que o notável homem de guerra, com as maiores cautelas, tentou um dia corresponder-se com os vultos proeminentes da primeira camada da capital, servindo-se de paraguaiois passados, esclarecidos e criteriosos aos quais López era antipático. É possível isso se houvesse dado.

O que com efeito não se discute é que o nobre Duque, além de figurar brilhantemente na galeria da pátria como a mais cotada sumidade militar, sabia manejar com destreza também a arma fina e humanizada que bem distinguiu a individualidade máscula de Talleyrand.

Não seria, pois, de surpreender uma tentativa a tal respeito que, se houve, fracassou aos embates do terror pânico, ao fanatismo implantado pelo déspota.

Este indivíduo de forma humana, de fato um animal bravo carniceiro, possuía em elevado grau o poder de insinuar-se no ânimo do povo e, singularmente, no dos seus soldados e oficiais. Uma vez expedida uma ordem terminante, ela cumprir-se-ia religiosamente onde quer que fosse.

Robles expedicionou para Entre-Rios comandando 20 e tantos mil homens, força perfeitamente aparelhada e que o obedecia cegamente.

López, indignado, considerando-o traidor por não nos ter feito frente quando penetramos na República Argentina, batendo em retirada até as proximidades da cidade de Corrientes, aí mandou-o substituir por outro general e retirar-se preso para o Paraguai. À chegada deste, Robles, que nunca supôs o colega capaz de tamanha tirada, todo ancho, estendeu-lhe a mão, para apertá-la sorrindo.

O ministro da Guerra, o substituto, recusou e respondeu-lhe com arrogância.

“No doi la mano a um miserable traidor: vengo assumir el comando del ejército, e retirese usted promptamente para nuestro paiz, preso a la orden d’El Supremo.”

Robles, que podia ali mesmo mandar fuzilar o tal enviado, que sabia perfeitamente qual o destino que o aguardava ao apresentar-se a López, não vacilou um só momento, entretanto. Desapresilhou a espada da cintura, não proferiu uma palavra, e, dirigindo-se à barraca, montou a cavalo e partiu incontínenti.

Chegando ao Passo da Pátria, onde se achava o tirano, com o Exército, foi no mesmo dia executado sumariamente.

O fato estereotipa, por completo, o estado d’alma daquele pobre povo governado pelo maior dos vândalos.

O servilismo, a degradação moral penetraram tão fundo no coração daquela gente, pelo hábito da obediência incondicional, que até entendia um dever sagrado, passando pelo palácio de López, muito embora não estivesse ele à janela ou à porta, descobrir-se e curvar-se respeitosamente.

Parece, nunca haver ninguém gozado de tamanho prestígio como semelhante pessoa desnaturada, cuja história verídica toma proporções fantásticas.

O inimigo, a miúdo, teimava em surpreender as nossas linhas avançadas, empregando artimanhas de todo quilate. Obrigava-nos a uma vigilância invariável, perseverante, principalmente em noites de inverno, escuras, tempestuosas. Ninguém dormia nem descansava durante as 24 horas de serviço. Os oficiais em atividade contínua à retaguarda das praças às vezes não conversavam nem fumavam, se a linha contrária estava próxima, como sucedia ordinariamente. As sentinelas perdidas, vigiadas a todo momento. O general do dia não descurava de suas visitas obrigatórias.

Apesar das maiores precauções, em Tuiucuê ou Parecuê, em plena escuridão noturna, neblina e minuano violento, que até a alma enregelava, não se enxergando coisa alguma, surgiu-nos de improviso um piquete, apenas armado de espada em punho, que arrastando-se silenciosamente, qual traiçoeira serpente, acutilava a torto e a direito, sem proferir palavra.

Coube-me dessa feita, bem a fio do lombo, como se diz, uma espadeirada, descarregada com tanta impetuosidade, que levou-me ao chão sem outra consequência, felizmente. Bem forrado de roupas como me achava, o golpe não me produziu nem sequer contusão. Até hoje ando por conhecer as feições do patife que me foi ao costado tão brutalmente.

O meu distinto amigo, companheiro de barraca e de companhia no 13º Batalhão de Infantaria, Alferes Teotônio Lopes de Barros, de saudosa memória, que veio falecer em Alegrete, muitos anos depois, como major reformado, era uma boa alma, divertido, comunicativo e sempre disposto à chalaça.

Dizia-me ele no dia seguinte, no acampamento, com muito espírito: “Você nunca se poderá gabar de não ter sido castigado com espada de prancha, em presença de seus camaradas, com as divisas de oficial no punho.”

Homem de cor, o Teotônio jamais negava a sua condição, e, se era convidado a comparecer a qualquer festa particular, furtava-se e respondia logo: “Negro não dá carreira certa. Não vou.” Modesto, valente, adstrito aos seus deveres, a sua carreira militar nem por isso esteve na altura dos merecimentos que ornavam a sua pessoa. Talvez a sua exagerada independência de caráter fosse obstáculo à ascensão próspera.

Após a proeza inaudita, o inimigo desapareceu da mesma forma sorrateira, mas não sem deixar alguns dos seus, mortos ou feridos.

XVIII

Um dia, no cerco de Humaitá, comandávamos um piquete, na frente da extrema direita, o qual se apoiava imediatamente nuns precipícios dentro de densa mata. Aí colocamos, à distância, sentinelas dobradas,

sem se avistarem umas às outras, apenas comunicando-se pelo choque da mão na vareta da carabina. Rondávamos pessoalmente os grupos, de meia em meia hora, em menos tempo às vezes.

Qual não foi o nosso espanto, em determinada ocasião, ao dar pela falta de uma delas, sem antes haver percebido o menor rumor!

Os soldados, sem dúvida agredidos subitamente, não tiveram tempo de dar alarme e deixaram-se conduzir caladinhos e prisioneiros.

Nos redutos artilhados, guarnecidos periodicamente por um batalhão de infantaria, tornavam-se quase impossíveis as surpresas. Entretanto, a 3 de novembro, em Tuiuti, o inimigo penetrou em um deles, aprisionando o comandante Major Cunha Matos, oficiais e praças.

O serviço nessas fortificações não tinha nada de suave nem de tranqüilizador. Para elas convergia o bombardeio noite e dia e, quando muito intenso o fogo e diversos os projéteis, fazíamos as refeições protegidos pelos parapeitos, que as balas rasas não varavam. Apoiados às trincheiras, passávamos as noites, quase sempre, a sono tão profundo que não ouvíamos as descargas dos nossos morteiros de grosso calibre, espantando-nos pela manhã ao dizer-se ter havido verdadeiro duelo de artilharia.

O homem se amolda perfeitamente às contingências do momento, à força do hábito.

Bem como o do jogo, muitos rapazes distintos na campanha, e oficiais de meia idade, contraíram o terrível vício da embriaguez.

Uns esqueceram o mau vício do álcool, terminada a luta, e se salvaram; outros, menos senhores de si, contaminados pelo mal deprimente do característico militar, sacrificaram o futuro risonho que os aguardava. Caprichos da sorte!

Quem nos dirá que alguma gola bordada, com todo seu brilho fulgurante, não andasse também a conquistar os galanteios fascinadores da corte numerosa de Baco!...

Consoante ao juízo já externado sobre as qualidades morais e segura orientação de comando do príncipe Conde d'Eu, nos é grato reafirmar a noção nítida de que ele dispunha sobre os profundos sentimentos de justiça.

Desde que chegasse à sua presença qualquer reclamação lícita, de caráter atendível, prestava-lhe a devida importância imediatamente, re-

solvendo o caso de maneira a contentar a aspiração de cada um. Sobre assunto de direitos adquiridos para promoções, era então de uma meticulosidade absoluta.

Houvemos de recorrer ao seu alto critério em certo dia: Preteriu-nos, com mais outros, no posto de Tenente, o Alferes Dionísio Evangelista do Castro Cerqueira. Inteligentíssimo, ninguém ignorava os elevados merecimentos de Dionísio, que ulteriormente foi tudo o que quis no Exército, porque para tudo que lhe sobrava real competência. Filho da Bahia, montava como um gaúcho e exerceu cargos inerentes à cavalaria; foi excelente oficial de infantaria, de artilharia, de Estado-Maior de 1ª classe e do corpo de engenheiros. Mais tarde, ocupou cargos de eleição popular e o de ministro do Exterior e da Guerra, de chefe da comissão de limites com a Bolívia e República Argentina, sendo, por último, promovido a general-de-brigada, destacado para a Europa em comissão importante do governo, onde faleceu prematuramente, deixando consternados os seus amigos, que eram todos os camaradas do seu tempo.

Seria hoje a primeira figura do Exército, incontestavelmente.

Pois bem. A esse mocinho seu amigo, dotado de aptidões extraordinárias, muito querido dos superiores, companheiro distinto e insinuante, em suma, o conde não permitiu conspirasse o nosso direito assinalado. Dizia ele: “o Sr. Dionísio é um soldado completo; por onde passa deixa um rastro de luminosa evidência, não há dúvida. No caso ocorrente, porém, identificaram-se oficialmente, e é mais moderno que o seu colega.” Atendeu-nos, portanto.

O que fez conosco, praticou-o exatamente em relação a outros camaradas. E é que a justiça, ele a distribuía a qualquer categoria, desde que fosse solicitada, ou implicitamente mesmo.

Em ocasião azada, marchava uma divisão do Exército nas proximidades do Paraguai, a rumo diferente daquele que determinara. Percebendo-o, vem a galope, e na frente da coluna censura em altissonantes vozes o ajudante-general aí presente, autor da contra-ordem.

Era um homem enérgico, de ação pronta, sabendo querer e impor-se, além de outros atributos de apreço que exornavam a sua personalidade.

É corrente e demonstrado à evidência, jamais se haver imputado a descaso dos diferentes comandos do Exército que sempre os tivemos bons,

a começar pelo invicto Osório – as intermitências pecaminosas das operações produzindo males e resultados funestos em todo sentido, nem carência se deu nunca de generais e comandantes de corpos capazes, esclarecidos e de valor, podendo mesmo dizer-se, abundavam, conquanto baldos de superiores conhecimentos teóricos, exceções resumidas.

Aos nossos antigos militares, afastando-se da atividade em anos, avançados ao consenso da lei, restava-lhes a vantagem, por curtos de inteligência que fossem, tornarem-se homens bastantemente cumulados de tirocínio, bem familiarizados com as coisas da profissão, de modo a quase não transparecer a falência de conhecimentos científicos. Corroborando a afirmativa pronuncia-se eloqüentemente a história e a memória dos contemporâneos sobreviventes da campanha, em traços inapagáveis.

O simpático e prestigioso General João Manuel Mena Barreto, sobre quem ainda não dissemos, aliás, a última palavra, se estudos, na qualidade de coronel de cavalaria, comandando o 1º Batalhão de Voluntários da Pátria, apenas com esta pequena unidade tática e poucos cavaleiros mal armados, sem maior instrução militar, enfrentou e conteve galhardamente o ímpeto da grande coluna paraguaia de Estigarribia, forte de 10.000 homens, que atravessou o Uruguai, até poderem retirar-se as famílias domiciliadas na vila de S. Borja; empregando ardis e negaças perspicazes de tático ousado e competente, ao passo que estreava-se no cenário da guerra, aparentou a eficiência de enorme força e alcançou belo êxito na façanha; mais tarde expedicionou para Laureles, ao mando de 5.000 homens, mais ou menos, 4 bocas-de-fogo e tomou Potreiro Ovelha, garantido de sólidas trincheiras, largos fossos e força opulenta, posição importantíssima que só caiu esmagada após 3 horas de combate sério; marchou sobre Tagi, e ocupando este ponto estratégico, houve-se com proficiência tal, que para aí atraiu embarcações carregadas de tropas inimigas, que desembarcaram e fortificaram-se, sendo derrotadas quase exclusivamente à ponta de baionetas, ao tempo em que eram metidas a pique, pela artilharia do bravo Capitão José Tomás Teodósio Gonçalves, meu saudoso conterrâneo e professor, falecido aqui em Porto Alegre, julgo, no posto de coronel, muito cotado para o de general; expedicionou para Tebiquaraí, e Passo-Posta; desempenhou papel proeminente na batalha do Avaí, levando ao inimigo, com a sua intrépida divisão, cargas tremendas e irresistíveis.

XIX

Resenhando ligeiramente os feitos notáveis do inesquecível General João Manuel, ainda diremos que, com a sua legendária divisão, uma brigada de infantaria e uma bateria de artilharia, arremessou-se sobre as fortificações de Piquissiri, derrotando o inimigo, tomando-lhe trinta e tantos canhões e matando perto de 700 combatentes, aprisionando 300, isto debaixo de fogo estupendo; comandando a grande coluna formada pela mesma divisão de cavalaria, duas brigadas de infantaria e um regimento de artilharia, marchou de Luque para Piraju e lagoa Ipacará, na última fase da campanha; expedicionou para Vila Rica, passando por Ibicuí, Ibitimi, Paraguari, libertando milhares de famílias, sendo nesta comissão cortados pelo inimigo, na retaguarda os bravos Coronéis Bento Martins com o seu corpo de cavalaria e Chananeco com 80 praças, que, para socorrê-los, engajou-se em renhido combate coroado do melhor sucesso.

O bravo General Antônio de Sampaio, igualmente “tarimbeiro”, como apelidaram os científicos àqueles que não haviam alisado os bancos da academia, que, desde as barricadas das ruas de Paissandu, principiou a revelar o seu indômito valor e habilidade militar, foi considerado um dos vultos de mais culminância no Exército. Sempre no comando da divisão encouraçada, por tal modo conhecida, combateu denodadamente a 2 de maio e na gloriosa batalha de 24, em Tuiuti, onde fez prodígios e concorreu brilhantemente para arrancar-se das garras afiadas do inimigo a mais esplêndida vitória, mas custou-lhe a vida preciosa.

O distinto General Salustiano Jerônimo dos Reis, a quem o governo, por ato de notória justiça, galardoou com o título nobiliárquico de Barão de Camaquã, era um dos servidores da nação, de alto realce, senso prático admirável, e conhecedor exímio das minudências das praxes militares. Muito valente, muito modesto, muito ponderado, de uma calma invejável, entrou na campanha como major de infantaria. Em poucos combates deixou de tomar parte, sendo um dos chefes apontados como de mais prestígio e sangue frio, nos momentos difíceis da refrega.

No fragor da batalha de 24 de maio, na ocasião do seu maior entusiasmo pelas cargas, que animava em altas vozes contra o inimigo, participaram-lhe que seu filho dileto, Alferes Salu, acabava de morrer varado

por uma bala, em meio do seu batalhão, que avançava a marche-marche. O bravo general apenas respondeu, continuando na peleja com o mesmo ardor: “Morreu defendendo a sua Pátria; teve um fim nobre e feliz.” Alcançado o triunfo, do qual participou com brilhante patriotismo, viram-no na barraca derramando copiosas lágrimas, por entre freqüentes soluços, porque, pai extremoso, o golpe recebido no âmago do coração o acabrunhava sensivelmente. A sua boa soma de conhecimentos práticos era, de ordinário, aproveitada em comissões importantes e salientes.

Concluída a guerra, exerceu, durante muito tempo, o comando de fronteira, assumindo o cargo de inspetor de corpos de infantaria, no qual se conservou por mais de 7 anos, passando ao comando desta Região, onde o colheu a reforma pela lei da compulsória.

O General José Luís Mena Barreto, cuja envergadura vibrante é constatada também nos fastos da história da guerra, encetou a série volumosa dos seus assinalados serviços na campanha de Paissandu chamada, quando, no comando da brigada composta do 4º Regimento de Cavalaria ligeira, 4º corpo provisório da Guarda Nacional e 13º Batalhão de Infantaria, dirigiu-se a Cerro Largo, como já dissemos em outro lugar, para bater forças do governo oriental do Uruguai, aí fortificadas; no Potreiro Pires, Paraguai, sob o comando de forte divisão apoderou-se de obras avançadas do inimigo bem artilhadas e defendidas; em S. Solano, mais ou menos, seguindo a socorrer o Capitão Chananeco, agredido por 500 e tantos homens no seu piquete de 50 bravos, derrotou essa força completamente, em cujo dia foi promovido a major o mesmo capitão, por ter sustentado o combate até a chegada de reforço; na grande batalha de 3 de novembro em Tuiuti, em que o vulto gigante de Porto Alegre, com a sua bravura tradicional, salvou bizarramente a base de operações do Exército aliado, comandando as suas tropas invencíveis, sendo o seu fardão furado por balas, que, aliás, não atingiram o seu corpo. No fim da luta ingente, foi mortalmente ferido ao assaltar um dos redutos ocupados já por milhares de paraguaios; após a tomada de Itororó, aí ficou no comando do 2º corpo do Exército, garantindo a posição, enquanto Caxias rumava a Ipané com o 1º, seguindo logo para Villeta e depois para Lomas Valentinas, onde combateu; marchou sobre Tobati com a sua força ao longo do Manduvirá. Enfim é um rosário de bons serviços os deste competente general, que, se não se sobressaiu mais

na guerra, atribuía-se antes às prevenções e vinganças políticas, arrastadas vilmente até à campanha, em prejuízo dos interesses vitais da pátria, acontecendo com o seu digno parente João Manuel coisa um tanto semelhante, talvez de mais escândalo, por tratar-se do “cherchez la femme”, na faceirice das priscas épocas da juventude, cujas cinzas de ardente fogo apagado jamais deveriam ser revolvidas em detrimento dos sentimentos nobres do cavalheirismo. A Porto Alegre, o herói, por seu turno, uma das vítimas da revoltante baixa política, se ela não o fulminou deveras, o deveu ao brilho deslumbrante dos seus feitos, broquel impenetrável sobre o qual se iam fragmentar as ruins paixões dos invejosos de esfera tacanha.

Entre outros, dois dos nossos bons generais, de fé de ofício acima de todo o elogio, em assunto de preparo teórico eram de apoucamento palpável. A um referia-se a seguinte anedota: marchava o Exército para Assunção, ao longo da linha telegráfica de López, e, por ordem superior, ia-se colhendo o arame pendido dos postes ou alastrado pelo terreno. O nosso ingênuo, de punhos a fio de ouro, com a maior boa fé deste mundo, achando supérfluo e penoso o trabalho determinado, avançou a dizer: “Não sei porque se manda fazer tal serviço; no Paraguai só se fala o espanhol e o guarani, não nos aproveitando em nada, portanto, este material em língua estrangeira.”

Outro colega (ambos foram baronizados já no Brasil) achava-se na barraca, em ocasião de grande trovoada, e, querendo conhecer a origem da queda da fásca elétrica ou raio, chamou o seu assistente, oficial de engenheiros, para explicar-lha. Este, no correr da lição, falou-lhe em pontas expostas na atmosfera, para as quais mais freqüentemente convergem os fenômenos físicos.

Isto bastou para que ele, em certo dia de trovoada, dissesse ao seu camarada, todo ancho de si: “Junte sem demora todas essas pontas de cigarros e charutos por aí espalhadas, para evitar a caída de algum raio; não ouviu, seu burro, quando fazia mate, as explicações do doutor?” No entanto, a sua feição militar, revelada no decorrer da campanha, representava um personagem digno de imitação, quiçá, veneração, se não lhe empanassem o brilho a ação repugnante de mandar trucidar cruelmente no Espinillo, 300 e tantos inimigos indefesos, aí refugiados, depois da batalha de Campo Grande.

XX

Se cogitarmos do grande número de coronéis, tenentes-coronéis, majores e capitães que se distinguiram sobremaneira na campanha, pertencendo à 1ª linha, teremos de afirmar que poucos, muito poucos, perambularam pelas escolas militares, como assim também nenhum dos relativos a corpos de voluntários da Pátria e da Polícia, da nossa exemplar cavalaria da Guarda Nacional, tendo à frente, de espada desembainhada, o vulto homérico de José Joaquim de Andrade Neves, Barão do Triunfo. Desta plêiade brilhante de bravos que conquistaram vitórias sobre vitórias, no fervor das batalhas, não se destaca absolutamente quem quer que seja favorecido pelos conhecimentos clássicos da milícia.

No Exército, Mesquita, Augusto César, Oliveira Belo, Genuíno de Sampaio, Alves, João Nepumuceno, Kelly, Plácido Fialho, Buys, Lima e Silva e outros, foram astros de primeira grandeza na constelação das competências militares; sem embargo, não lhes eram peculiares as doutrinas da teoria especial.

Parece-nos, quer isso dizer, a inexistência destas pode ser tolerada sem prejuízo de alto valor para o domínio da prática, não sendo verdadeira a recíproca.

No próprio Exército inimigo, nós vimos a evidência do conceito. Ali, como se sabe, jamais ninguém deu um passo no terreno teórico, exceção feita do pequeno concurso de instrução prestado pelo saudoso Cabrita e que bem caro lhe custou; tudo era empírico e os seus generais, oficiais superiores, subalternos, não contando disciplina tática nem técnica, desempenharam os postos com clarividência notavelmente estratégica em sensível número de casos. Compreende-se que López, claramente inteligente e bem enfronhado nas coisas militares de alta concepção, conquanto chamasse sempre a si o estudo e iniciativa das operações de qualquer caráter, nem todas as vezes poderia prever a marcha extraordinária dos acontecimentos da peleja, e, no entretanto, elas sofriam modificações de momento, com resultados felizes. O preparo prático de cada oficial, digamos, era completo, tanto assim, de comum qualquer simples tenente comandava grandes unidades, subindo facilmente de hierarquia. O Paraguai, ao tempo da guerra, não dispunha de institutos de instrução superior, quer militares,

quer civis. Vivia na completa cegueira intelectual, por assim convir à segurança e permanência do governo ditatorial, despótico de López. Mesmo quem pretendesse enxergar qualquer bocadinho, havia meios de fechar-se os olhos para todo o sempre, sem escândalo maior. Da ausência de saber do seu povo, é que ele fez ressaltar o fanatismo e a obsessão tão necessários aos fins infernais que sempre teve em vista. Se até certo tempo suportou Berges, a grande, a única ilustração da República, é porque precisava dos seus insubstituíveis serviços e, no dia em que os pôde dispensá-los, mandou fuzilá-lo, sob insignificante pretexto. Deixou também o malvado de aproveitar os conhecimentos de estrangeiros domiciliados no país, com receio de que o contato deles tendesse a perturbar a disciplina feroz que implantou, da qual colheu a maior soma de frutos possível.

Em nossa humilíssima opinião, quando a uma prática sólida, preponderante num Exército como o nosso de outrora, ou o paraguaio, em que a sobriedade, o valor e, sobretudo, a obediência comprovada eram o apanágio, lhes é dado associar uma perfeita instrução técnica, esse o ideal de idoneidade da tropa que quiséramos, de coração, ver figurar em nosso país, muito embora em proporções modestas, mas capazes de ampliarem-se em momento imprevisto, sob o concurso de pessoal preparado de antemão pela sábia lei das sociedades do tiro, criadas pelo benemérito Marechal Hermes, e que, infelizmente, vão arrefecendo de entusiasmo umas e eliminando-se outras.

No Exército, em campanha, os comandos em geral eram bem exercidos e de real competência. Qualquer capitão manobrava desembaraçadamente com um batalhão ou regimento, quiçá, uma brigada. Nesse particular nada tínhamos a invejar do adversário. Na revolução de 93, neste Estado, os veteranos do Paraguai, que nela se envolveram, provaram-no bem. Esse tirocínio que revelaram, nada admirava, porque na guerra o descanso era o exercício, como em certas obras, em que se repousa carregando pedras... Uns assimilavam mais prontamente e melhor que outros, todos, porém, empolgavam o aprendizado.

Não se discute. A força pública, isenta de instrução, da prática suficiente, da disciplina severa, na altura do acatamento, do respeito às ordens superiores e das prescrições da lei, longe de preencher os fins a que se destina, é um elemento perigoso e nocivo à tranqüilidade e à honra da pátria.

Assim, se não pudermos possuir um Exército nas melhores condições de eficiência, tenhamos-lo, ao menos, essencialmente treinado, com as suas unidades completas e nunca divorciado da primacial condição de vida, que é a sua sadia disciplina.

Alguns camaradas, tomados de sentimentalismo piegas, censuraram o imortal Osório por haver mandado, em formatura geral do Exército em Curuçuquatiá, castigar fisicamente, sobre as armas, dois soldados que assaltaram um oficial argentino, para roubar; assim como condenaram também o General Victorino, por ato semelhante em relação a outra praça que matou friamente, com um lançaço, um pobre paraguaio velho, no momento de alcançar-lhe um tição de fogo, a seu pedido.

Digam-nos, porém, se um Exército moralizado poderia nunca contar em suas fileiras tais indivíduos perversos, de catadura tão vil e tão infamante?

Há casos que empalidecem as leis, mormente em se tratando de disciplina ao ruído das armas inimigas. O exemplo moralizador jamais deve merecer a clava pesada do vitupério.

Mercê dos auspiciosos dias republicanos, em que pese aos fari-seus impenitentes, neste interregno de plena paz, que praza aos céus perderem largos anos, o Exército vai-se ilustrando, preparando-se criteriosamente e, hoje, o quadro de oficiais é de caráter recomendável.

Um acontecimento extraordinário, que fragmentava completamente a monotonia do Exército, trazendo à crista das trincheiras mangulhos e pontos elevados, até doentes do hospital, empregados, comerciantes e mais paisanos, era quando no campo inimigo tremulava a bandeirinha branca do parlamentar. Nos acampamentos, então, a azáfama não tinha limites. Corria-se em todas as direções, e no olhar de cada um, na fisionomia geral, estampava-se a expressão cabal da curiosidade, do contentamento por se julgar logo como possível a pronta terminação da guerra, apesar de ignorar-se o fim da missão do enviado. Os comentários fervilhavam, através das discussões calorosas. Ninguém se entendia. Os oficiais e cadetes mais arroçados – porque não havia que fiar na lealdade do inimigo – mais irrequietos passaram as linhas e piquetes fronteiriços para confabular com os paraguaios, recebendo e oferecendo pequenos objetos como lembrança. Durante as horas das tréguas, os parapeitos

regurgitavam, não se cogitando de mais nada, além do assunto ocasional. Os comandantes toleravam a espécie de anarquia que, aliás, nos proporcionava a interrupção, sem maior inconveniência, da vida apática do acampamento. Terminada a impressão deliciosa do gesto inimigo, caía-se no pleno marasmo costumado e lá se ia pelos ares mais uma fagueira esperança.

XXI

Uma ou outra vez nos apareceu parlamentar. O mais importante foi o que López mandou, pedindo aos aliados a conferência de Jataiti-Corá, para tratar da paz, segundo dizia cinicamente, ao passo que o seu fim único era ganhar tempo para fortificar Curupaiti, como conseguiu, engazopando-os com pasmosa facilidade, que redundou em desastre colossal para o Exército brasileiro.

Supondo-nos capazes de ilaquear a boa fé e a honra militar, o que não trepidaria fazer, ele, o tirano, de véspera, dizem, à meia noite, postou em lugar estratégico, próximo ao sítio do encontro, escondidos no macegal a dois quilômetros dali, 1.000 homens de toda confiança, bem armados e municados, prontos ao seu primeiro sinal, caso fosse atraído.

A 12 de setembro de 1866, acompanhado de uma escolta de 25 praças e numeroso estado-maior, compareceu no ponto escolhido, fardado a grande uniforme de marechal, sobre o qual flutuava um pala de seda tricolor forrado de finíssima vicunha, ricamente bordado a ouro.

O General Emílio Mitre trajava pequeno uniforme, sem bordados, chapéu de feltro e espada comum. O seu acompanhamento era modesto.

A sessenta passos de distância, as duas comitivas fizeram alto, avançando somente os dois chefes de nação, que, ao encontrarem-se, apertaram-se, apertando cordialmente as mãos.

O General Polidoro negou-se a comparecer, e Flores, sendo solicitado por López, também compareceu, retirando-se em seguida, protestando energicamente contra acusações insólitas que lhe foram feitas, bem como ao governo brasileiro, e, afinal, declarando que não concordaria com proposta alguma que não tivesse por fim o tirano depor as armas e render-se com o seu Exército à discrição.

A conferência prolongou-se por cinco horas, e, para comemorá-la, os dois chefes trocaram os chicotes prateados que traziam.

López retirou-se radiante, e com a certeza íntima de poder respirar perfeitamente, sem que o molestassem até, para nós, o malgrado dia 22.

Na campanha, se desde o começo houvesse melhor orientação e humanidade, ter-se-ia evitado boa cópia de sacrifícios que concorriam para depauperar ou enfraquecer, pelo menos, as energias do oficial e mesmo do soldado combatente.

O serviço de fornecimentos em primeiro lugar, de maneira péssima, fazia ressaltar daí imensos males. À oficialidade, como já referimos, só lhe era concedido o direito de ração de carne fresca ou seca, e, raramente, um pouco de farinha e sal. Por tal forma mal alimentados, os camaradas nas marchas, se as faziam a pé, atrasavam-se muito, em razão de constantes fadigas, e, quando no acampamento, à noite, estavam mais mortos do que vivos. Subiam de ponto os sofrimentos, em ocasiões de frio e chuva, em que as bagagens, conduzidas em cargueiros, molhadas por completo, os campos e matas de igual modo não permitiam armar-se barraca nem fazer fogo. Os parques vencimentos, recebidos a 1º do mês, sempre, pontualmente, o que não acontecia entretanto, com as praças de pré, pagas às vezes com o atraso próximo de um ano, com dificuldade cobriam as despesas urgentes, dando ensejo a privações injustas, mal cabidas, tanto mais que o comércio reputava os gêneros de primeira necessidade por preços exageradíssimos, só acessíveis aos oficiais empregados nos estados-maiores, cujas gratificações reforçavam o soldo.

No princípio da guerra ou até meados, andávamos fardados regularmente, decentemente. Passado esse tempo, era uma vergonha, na verdade, pois vestíamos peças de uniformes dos soldados, e na falta, roupa à paisana, já velha, mais semelhante a andrajos, tendo por distintivos a espada e os galões do braço tão-somente.

No inverno, mesmo recolhidos a ranchos como em Tuiuti, Tuiucû e Parecû, onde permanecemos largo tempo, experimentamos a crueza da estação com a ausência indefinida do elementar conforto.

De contínuo fazíamos fogo para poder dormir. Enfim, com a evasiva de que o pagamento mensal era infalível, como se aumentasse de valor, por isso mesmo, o mísero dinheiro, nunca, durante toda a campanha, rece-

bemos uma gentileza do governo atinente a suavizar-nos a vida de insanos trabalhos, dissabores, de transe infortunosos. O soldado dir-se-ia mais feliz. De quando em vez, recebia reforma gratuita de fardamento e equipamento, e à sua alimentação ligava-se importância capital, tanto quanto possível.

O serviço das trincheiras, especialmente, de molde a estragar de pronto os uniformes que nos custavam os olhos da cara, ainda dando graças a Deus quando apareciam à venda, deixavam-nos exauridos durante comprido tempo.

Após as marchas e combates de dezembro de 68, os quais nos abriram as portas de Assunção, ficamos esfarrapados, e, aí na capital onde havia chegado algum comércio, nos refizemos de roupas com sérios custos, sem que se nos houvessem auxiliado, sequer, com um ceutil. Para cúmulo de injustiças do destino, como se não bastassem as explorações desbragadas dos vendedores, surgiu em certo dia no Exército a agência de um banco do Rio de Janeiro, oferecendo-se com alto empenho para mandar entregar no ponto determinado do Brasil, isenta de despesa ou contribuição, qualquer quantia dos oficiais, na mesma espécie, declaração do cunho monetário, para prova da sua nímia lealdade. O gerente alardeava os únicos, os exclusivíssimos intuitos do bem conhecido estabelecimento de crédito, que era prestar um insignificante serviço aos seus patrícios que se batiam pela pátria a distância considerável, nem sempre com proporções fáceis de remeterem as suas economias à família; interesse pecuniário, dizia, nenhum... Todo o mundo no acampamento encheu-se de entusiasmo, sentimentalizou-se, bebeu os ares pela artimanha, e caiu na armadilha. Houve quem repetisse o brocardo italiano: *“Si non é véro, é bene trovato.”*

Os soberanos, as onças, as libras esterlinas, os dólares rolaram em profusão para a sacola sinistra do finório preposto.

Posteriormente à sua retirada do Exército, a um tempo só, soube-se que o dinheiro havia sido entregue aos destinatários, mas... em papel-moeda e não em ouro como fora confiado para o envio.

Note-se que, na época do fato pérfido, o ágio do precioso metal excedia em muito do dobro do valor real; consequentemente, uma perfeita extorsão praticada sem alma e sem pudor, à luz meridiana, saudada pelo ribombar do canhão. O autor destas linhas foi uma das vítimas do astuto e perverso banqueiro.

Como se vê em todos os tempos sempre foi mais que conhecido o artístico conto do vigário. A pilhagem elevou-se a bons milhares de libras. A calculada deslealdade visou somente o latrocínio miserável.

XXII

O nosso aliado argentino, posto que recebendo de nós gentilezas de toda sorte, manifestava, de contínuo, má vontade, prevenções e zombarias chulas, procurando sempre envolver-nos no ridículo, sem razão de ser. A causa, outra não era senão a inveja dos nossos inesgotáveis recursos e progresso, sobretudo porque, durante toda a guerra, o efetivo do seu Exército nunca foi além da quinta parte do nosso até Humaitá, e daí por diante, pouco excedendo de 4.000 homens.

Chegavam certa vez a Corrientes oito navios de guerra nossos e dois transportes argentinos, com tropas que desembarcaram e retomaram a cidade ocupada por forças paraguaias de Martínez, poucos dias depois fuzilado no Passo da Pátria, por ordem de López. A imprensa da terra, dando notícia do ocorrido na véspera, disse: “*Ha llegado ayer a nuestro puerto, la escuadra Argentina e alguns buques brasileños, etc.*”

É patente a aleivosia. Não se comenta, os “amáveis” vizinhos jamais nos toleraram.

Por isso mesmo o boa prudência aconselha-nos um *modus vivendi* de precauções legítimas, consoante interesses vitais a defender. Um traiçoeiro golpe de mão, nos pode ser fatal. É o caso do – confiar desconfiando... Ainda deve persistir na memória dos nossos camaradas, o fato ocorrido em Buenos Aires, num banquete oferecido ao grande, ao inolvidável Osório. Discursava um senhor qualquer sobre a batalha de 24 de maio, em Tuiuti, exaltando com calor descomunal a bravura, o patriotismo, o sangue frio do Exército argentino no gigante prélio, e avançando a heresia de dizer que, se não fora ele, sob o comando do ilustrado autor da *História do General Belgrano*, a derrota dos aliados teria sido uma realidade inconcussa. Ora, quem ignora, a não ser uma opinião perversa, que, nesse dia, ocupava a direita de toda a linha atacada pelo inimigo, o Exército portenho, e que não suportando a violência do embate, recuou a toque de caixa, sendo acudido por Osório à frente da divisão Sampaio, que marchava a passo de carga?...

O General Mitre, porém, homem de consciência, sério, criterioso, aí presente, protestou solenemente contra o tremendo carapetão, declarando o insigne brasileiro rio-grandense o único, o verdadeiro herói da jornada ciclópica, jamais aventurada nas plagas da América meridional. E é que não fez mais do que render preito de justiça verdadeira.

A sociedade ultimamente organizada na Faculdade de Medicina desta Capital, a exemplo da que existiu e não sei se ainda perdura na Escola Militar da Praia Vermelha, dando fecundos resultados à instrução e futuro de numerosos rapazes inteligentes e dedicados aos livros e que por falta de recursos ficariam impossibilitados de prosseguir em seus estudos, o fundo humanitário desta bela instituição, dizemos, teve também congênere na campanha, ou, antes, o seu alto fim altruísta.

Companheiros, uns, infelizmente, por mal avisados, outros por batidos pelo sopro maligno do infortúnio, viviam em um *mare magnum* de privações e necessidades. Sucedia, quando enfermos, avolumar-se o mal-estar, baixando aos hospitais, cujos estabelecimentos no Exército, mal atendidos, num lamentável descaso, desaparelhados de tudo, mormente de abundante pessoal de enfermeiros com o necessário preparo, de bom arsenal cirúrgico, de utensílios indispensáveis, enfim, daquilo que concerne ao conforto relativo, inspiravam em geral estranhada repulsa, horror mesmo, subindo de ponto, quanto aos feridos em combate. Os instrumentos de operação, talvez por força de circunstâncias, gozavam da fama funesta, ou pela sua má qualidade, ou por não os sujeitarem a uma assepsia completa, perfeita. Mui raramente escapava das garras da morte quem se via na obrigação de amputar um braço ou uma perna, sem falar em outras intervenções de cirurgia.

O corpo de saúde, escandalosamente deficiente, contava até estudantes do 1º ano das escolas de medicina, que seguiam para a campanha contratados, aliás, com pingues honorários, às vezes superiores aos dos médicos antigos do quadro. Semelhantes indivíduos desempenhavam trabalhos peculiares à alta cirurgia, empunhavam um ferro com a maior sem-cerimônia, cortando, retalhando carne humana, desalmadamente.

Um sem-número de vezes, vimos no hospital central do Exército, em barraquinhas mal armadas, de porta aberta, soldados doentes deitados em puro e frio chão, desapiadadamente. Em uma delas, lembro-me

bem por sinal haver presenciado revoltante fato. O capelão, um senhor padre Moura, já ido desta para a melhor, há boa soma de anos, lá pelo Estado de Mato Grosso, julgo eu, para dar contas ao credor das suas brilhanturas cá por este mundo, sujeito dado a pilhéria descriteriosa, ao gracejo canalha, chamado a encomendar um cadáver, cobriu-lhe de areia o rosto e o corpo todo quase nu, dizendo com sarcasmo de alcouce: *“Coitadinho, finou-se no verdor dos anos quando a existência lhe era tão feliz e risonha; está bom, carreguem o brejeiro, que já está encomendado.”* Que passe sem mais comentários a narrativa.

Para evitar, pois, que os oficiais, tendo a desgraça de recorrer a esses hospitais, experimentassem tratamento alheio aos comezinhos preceitos de humanidade, à carência de meios condignos, na Lagoa Brava, antes da homérica passagem para o Paraguai, fundou-se a sociedade denominada Saudades do Brasil, no 13º Batalhão de Infantaria, admitindo-se sócios de outros corpos, a qual prestou relevantíssimos serviços enquanto estacionamos por largo período em diferentes pontos. Foi um grande sucesso o dia da instalação. Dir-se-ia esplêndida festa em plena pátria. O abarracamento do batalhão desapareceu por completo, entre a folhagem verde dos matos, trazida em profusão. Junto à linha de bandeira estendeu-se uma magnífica mesa de 200 talheres, enfeitada a capricho e onde se viam as melhores iguarias, os capitosos vinhos e doces procedentes da próxima cidade de Corrientes. Concorreram generais e comandantes de corpos mais graduados, a oficialidade do invicto 13 e mais um outro camarada distinto. Ao champanha, os discursos, os brindes não olvidaram a saudação tradicional “àqueles que longe de nós, de nós se lembram”. À noite, o baile esplêndido, até as horas do alarme, que não prescindia do seu pessoal, nem a voz do Deus Padre. A diretoria compunha-se do comandante, como presidente, do fiscal, vice-presidente, e os demais cargos distribuídos pelos capitães e subalternos.

A jóia de entrada de 3 libras esterlinas e a mensalidade de uma elevou, tanto desde logo, a quantia em depósito, que permitiu subsidiar-se a música do corpo, que tornou-se uma das melhores do Exército.

Cada qual dos funcionários esforçava-se em bem-servir, de forma que em pouco tempo a instituição ficou um colosso.

XXIII

A benemérita sociedade Saudades do Brasil colimou tão valiosamente os seus fins que, comovido, no hospital de sangue, dois dias após do reconhecimento de Humaitá, já com uma perna amputada, na barraquinha de ambiente envenenado, o meu muito particular e saudoso amigo Tenente Liberato Rodrigues de Figueiredo dizia-me: “A nossa sociedade é de uma benemerência incalculável, providencial; imagina tu que no momento de ser ferido, em cima das malvadas trincheiras, não possuía um boliviano, um ceutil sequer; quantas misérias não passaria eu, até chegar à querida pátria, se não fora o importante auxílio em dinheiro, guardado aqui embaixo do meu colchão!

O meu malgrado camarada e amigo do peito, 24 horas passadas era cadáver, e, a poucos passos dali, sepultado esquecidamente.

Outros muitos companheiros foram por igual socorridos nessa ocasião, porque, sabe-se bem, a carnificina no 13º Batalhão de Infantaria, que avançou na vanguarda da coluna de ataque, foi tremenda na contraescarpa das fortificações inimigas a 16 de julho de 1866, dia em que a bravura espantosa de Osório não traçou um só limite.

O corpo eclesiástico efetivo do Exército, na campanha, nunca primou pela idoneidade; representava antes uma perfeita excrescência, pode-se asseverar francamente, sem susto ou medo de errar. Os soldados padeciam nos hospitais sem lhes serem ministrados os sacramentos da religião, e, quando um ou outro padre comparecia, para o cumprimento dos deveres do seu ministério, junto aos moribundos ou cadáveres, era para fornecer a pior cópia de si, como fazia o edificante Veríssimo, digno êmulo do celeberrimo Moura, de quem tratei ultimamente. Exceções existiam em número bem insignificante.

Apareceram uns frades italianos, dois ou três, entretanto, que acompanharam o Exército, verdadeiros sacerdotes, esses sim, homens sérios e distintos, que se consagraram ao conforto espiritual dos seus semelhantes, mas então de maneira caritativa, carinhosa, humana e sincera, não respeitando sofrimentos nem trabalhos de qualquer espécie. Dentre eles, destacava-se frei Fidélis de Avola. Era um santo este capuchinho. As virtudes que ornavam o seu caráter piedoso e bom, davam-lhe direito a

essa classificação. Vivia exclusivamente para a religião e a prática do bem; querido e respeitado por todos em geral, desde o general-em-chefe até o último soldado. De uma saúde e atividade prodigiosas, não descansava, não dormia; por cama, via-se-lhe a metade de um capote de infantaria e por coberta, a outra metade. Inacessível às intempéries, transitava sem rebuço por toda parte, impunemente, sem a preocupação de bem-estar próprio e em cuja ausência parecia dar-se melhor. Nas marchas, sempre fornecido de um animal arreado, de ordem superior, dispensava-o em proveito de qualquer praça doente e fazia o trajeto a pé de alpercatas, alegre e contente. De índole afável e comunicativa, atendia a todos sem reserva. Recebia um pequeno soldo, que distribuía por completo com os enfermos, nada reservando para si, pois arranchava com os oficiais, gratuitamente.

Na sexta-feira santa lutava com os soldados no hospital para que não comessem carne, mas eles de vez em quando, explorando-o, propositalmente, lhe apareciam com qualquer pedaço à boca, para provocarem a troca por balastracas, o que se repetia até esgotarem a magra bolsinha do pobre barbadinho.

Quando entramos em Assunção, não se encontrou a custódia no sacrário de uma das igrejas, constando injustamente haver sido furtada dias antes por alguém da força do Coronel Hermes, ocupante da capital; no entretanto, veio-se a verificar que o bispo paraguaio Palacios, fuzilado por determinação de López em Tebiquari ou S. Solano, a tinha conduzido em sua retirada. O santo frade, na dúvida da verdade, porém, um belo dia de domingo, subiu ao púlpito e, na sua conhecida linguagem macarrônica, lamuriante, exortou os soldados a restituírem o depósito da hóstia consagrada, na seguinte forma: “Soldates, dá cá a custotia, eu reza por ti, eu te dá boliviano, sim soldates”; e as lágrimas lhe corriam.

Organizado o governo provisório do Paraguai, parece que Rio Branco manifestou desejos de apresentá-lo Diocesano da República, não sendo bem acolhida a idéia por pertencer a nacionalidade estrangeira. De regresso ao Rio de Janeiro, acabada a guerra, foi alvo de homenagens populares, principalmente por parte do Imperador, que o encheu de atenções e condecorações, promovendo-o a coronel honorário do corpo eclesiástico do Exército, e, suponha, também estabeleceu-lhe uma pensão do seu bolso particular.

Pedro II tinha lá seus defeitos, como qualquer homem os tem, não há de negar, porém era um grande patriota; haja vista o seu notável rasgo de civismo, quando, resolvendo vir ao Rio Grande, após a invasão do Exército de Estigarribia, respondeu às objeções do Conselho de Estado à sua partida: “Pois bem. Se podem impedir-me que siga como imperante, não me impedirão que abdique e parta como Voluntário da Pátria.”

A paz teria sido feita com López, num momento de desanimo de alguns dos seus ministros e mais membros do Parlamento, se ele não resistisse, dizendo: “Prefiro mil vezes abdicar, a tratar com semelhante monstro.”

Nestas e naquelas memoráveis palavras, estão concretizados e transparentes os insinuativos votos ardentes de salvar a honra do país, ultrajada pelo maior dos déspotas.

A sua vida durante a guerra, empolgada pelos arsenais e estaleiros do Rio, ativando a manufatura de fardamentos, equipamentos, munições, toda sorte de trens bélicos, navios de guerra, etc., os embarques e pronta remessa de tudo para o teatro das operações, em absoluto, é prova irrespondível dos seus alevantados sentimentos de amor à pátria.

Como frei Fidélis e frei Caetano, correu igualmente a prestar serviços espontâneos de sua profissão o vigário colado da Paróquia de Jaguarão, padre Joaquim Lopes Rodrigues, baiano, figura de alto relevo do clero rio-grandense.

Chegado ao Paraguai posteriormente à passagem do Paraná, conservou-se no Exército até o final da campanha, conduzindo-se sempre de forma elogiosa, merecendo menções honrosas em ordem do dia. Era inteligente, robusto, honesto, ativo, muito humanitário e insinuante; por seu comportamento excepcional, conquistou as condecorações dos hábitos de Cristo e da Rosa, sendo elevado às honras de cônego, que já possuía. Sobreviveu à guerra e foi recebido em Jaguarão com as maiores honrarias e distinções, pois gozava geralmente de alto apreço e respeito.

XXIV

No Paraguai, os temporais no inverno como as tormentas no verão, de violência extraordinária, obrigavam-nos a acampar com o maior cuidado e segurança, tanto quanto o terreno o permitia, não dispensan-

do nunca, nas barracas, os respectivos regos de esgoto interiores, pois as variantes barométricas, em uma e outra estação, têm caráter freqüente e surpreendedor.

Quando, por negligência, deixava-se de observar o aconselhado pela prudência, e o tempo de súbito mudava o aspecto calmo e confiante, era de ver o abarracamento pelos ares e a gritaria geral de imprecações dos menos resignados e a galhofa e expansão dos que nada tomavam a sério. Se a borrasca desabava à noite escura, acompanhada de trovoadas estridentes, medonhas, baixas, que dir-se-iam rugir sobre as nossas cabeças; se vinha farta de relâmpagos sinuosos e duradouros, seguida do tufão ciclópico, muito comum nesse país, e, da queda de estrondosas faíscas elétricas, então ninguém mais se entendia. Os animais na sogá soltavam-se e fugiam espavoridos; as cavalhadas em ronda, disparando sobre os acampamentos, ameaçavam tudo levar por diante, obrigando a soldadesca em algazarra, terrível alarido, a recebê-las com tições de fogo em punho para espantá-las.

Parecia que as portas do Inferno se escancaravam para a evasão de mil demônios. Aos primeiros clarões da madrugada, em formatura do alarme, apreciava-se o estrago que o furor da tempestade havia produzido: barracas arrancadas e jogadas aqui e ali, camas em desalinho e revolvidas, peças de fardamento, equipamento e arreamento em confusão, objetos de cozinha e gêneros alimentícios inutilizados e num conjunto lastimável, em suma, por toda parte o caos, a desordem. Só em horas tardias da manhã, em plena bonança, as coisas se restabeleciam devidamente, debaixo de comentários, uns espirituosos e hilariantes, outros lamentosos e tristes, porém sem o cunho do desânimo ou abatimento moral de cada um.

Se após o extraordinário desastre tínhamos de levantar acampamento, causava pena ver-se os soldados colocarem às costas os objetos molhados, além da carga do armamento e munição, de peso regular. E é que a marcha se fazia sem murmúrio e queixas, antes cavaqueada de bons ditos pilhéricos, desejando-se sempre o encontro com o inimigo para chegar-se ao termo da luta gigantesca, que todos os dias mudava de aspecto, ameaçando eternizar-se pelo menos nas suas duas últimas fases.

No Exército, o fato de não serem desarmadas imediatamente as barracas aos últimos ecos do toque respectivo, partido do comando superior, foi sempre sintoma de pouca atividade e disciplina na força em marcha,

batalhão ou regimento, causando sérios reparos. Na verdade, impressiona mal o acampamento com uma ou outra tenda de pé e armações desnudas, semelhando floresta lavrada pelo incêndio recente. Além disso, a rapidez dos movimentos táticos imprime na tropa a aparência da boa vontade, da satisfação, do entusiasmo vibrante tendo a vantagem, muitas vezes, de dissimular as apreensões alarmantes do perigo. Os corpos, por isso, disputavam a primazia no cumprimento da ordem, considerando-se os retardatários vexados e abatidos, além da censura acre por parte das autoridades.

Ninguém queria ser o último a desfazer o ninho e pôr os tarecos às costas.

Nas *aldeias*, mulheres havia, que já ao ar livre, enquanto não rompia a marcha, deliciavam-se ainda em boa soneca. Por elas a estética do acampamento não se comprometia: eram ativas e obedientes às prescrições.

As barracas que usávamos no Paraguai, fabricadas com fazenda frágil, de má qualidade, pouco resistiam à ação rigorosa do clima, em detrimento da saúde geral. Não sei se porque naqueles tempos de antanho a boa matéria-prima escasseava, por dificuldades de manufatura, ou, se no caso predominava a tal economia *muritibana*. O que é bem verdade, é que nos serviam com gênero da pior espécie, quase nada preenchendo o fim destinado. E não era só neste particular que, sem necessidade alguma, sofria-se a privação do conforto relativo, tendo como tivemos, de ordinário, incólumes todas as nossas bases de operações, que deveriam ser abastecidas à farta de tudo concernente às exigências pessoais e imprescindíveis ao bem-estar do Exército em campanha, para poder arcar com a maior soma de sacrifícios em perspectiva, mormente em um país de paragens inóspitas, de caráter pouco comum. Os gêneros alimentícios, de qualidades invariáveis, insuficientes, distribuídos ainda mais a seco, na ausência do trem de cozinha e outros misteres de comissariado, quando acampávamos com certa permanência; o fardamento impróprio às estações, mal confeccionado e assim mesmo não alcançando a todos os corpos; a oficialidade, a exceção do Comandante e Fiscal, marchando a pé pela exigüidade de meios pecuniários para a aquisição de cavalgadas, e a quem, como dissemos algures, também não se permitia o fornecimento de víveres por conta da nação, nem um adiantamento para desconto, tudo isso, por último, pesava grandemente na balança dos maus-tratos a que se obrigavam cruelmente, desumanamente, os pobres servidores

que, impulsionados por um patriotismo sem igual, quase, nos países civilizados, suportavam com ânimo sereno, estoicismo requintado, as injustiças, e até a ignorância criminosa dos nossos pró-homens de governo.

Felizmente, neste passado meio século de paz exterior, porque a guerra declarada à malévola Alemanha não passou de platonismo para o Exército, tem sofrido uma radical transformação e rumam a melhores dispositivos. E não fora assim, acompanhando os haustos progressivos da ciência da guerra, em que a parte econômica e administrativa das tropas ocupa lugar de destaque importante, e teríamos certamente de registrar para a pátria dias amarguros e contristadores, nos quais cada um de nós, de espírito abatido, lamentaria a trucidação completa de sua integridade, até hoje rigorosamente inviolável.

De 16 de abril até depois da batalha de 24 de maio, em Tuiuti, não nos servimos de barracas, devido à probabilidade de, a todo instante, nos engajarmos em combate. As recolhidas aos depósitos do Passo da Pátria, nossa primeira base de operações no território inimigo, fizeram-nos, aliás, falta sensível, visto que por essa época o inverno já punha as suas garras medonhas bem à mostra.

Penosa e prenhe de fundamentadas preocupações de espírito, a vida que levamos desde a passagem do Paraná ao dia da grande vitória que veio robustecer mais o ânimo nas fileiras encorajadas do Exército, dificilmente se descreve. De armas ensarilhadas dia e noite, chegando-se à forma ao menor ruído na frente da linha avançada, mal alimentados, mal dormidos, o tempo se escoava tormentosamente, conquanto nutríssemos as melhores esperanças de, um momento para outro, esmagarmos em um só prélio a arrogância e a audácia do adversário. E o faríamos matematicamente, se conhecêssemos um mapa, os acidentes físicos do país, mesmo falecendo-nos os meios apropriados de transporte e a necessária remonta idônea para a nossa impertérrita cavalaria, que só nos últimos arrancos da campanha pôde verdadeiramente provar à evidência vibrante a sua formidável pujança, tornando-se o espantelho, o pavor das hostes de López.

XXV

Hoje, graças ao visível progresso realizado na arte da guerra, aos recusos abundantes dispensados ao Exército *malgré lui*, aos meios mais fáceis de comunicações por estradas de ferro, à prática dos trabalhos eficientes

de mobilização, tudo concorre para minorar os sofrimentos do soldado em campanha, poupando-se muito a vida preciosa dos combatentes e acelerando-se o final da luta.

A técnica do assalto, por exemplo, que só se limitava à escalada a baioneta, avança a passos agigantados. *Le monde marche*, já dizia Peletan.

No Paraguai, diga-se a verdade sem reboço, era uma lástima o que se dava nesse particular, decorrendo daí múltiplos desastres, conquanto, não compromettessem o êxito geral das operações.

Felizmente, o inimigo, pouco instruído, nos proporcionava margem às vitórias, cujos fatores principais orçavam pelo valor indômito do soldado brasileiro.

Tivéssemos mais preparo guerreiro e a campanha não teria perdurado extraordinariamente com tamanho sacrifício de vidas e dinheiro.

Tratando em capítulos anteriores da personalidade épica do simpático e insigne General João Manuel Mena Barreto, eu disse não ter ainda proferido a última palavra sobre seus denodados feitos.

Realmente. Agora me lembro bem que em Lomas Valentinas, esse bravo *sans peur et sans reproche*, comandando parte de sua gente de cavalaria, sem mais outro auxílio, arrojou-se ao inimigo e arrebatou-lhe uma bateria de 34 canhões, matando toda a guarnição.

Não era sem razão que López o temia e considerava o terror e assombro de suas tropas.

Na batalha que o tirano apreciava do alto de um *mangrullo*, em Passo Pocu, avistando a nossa cavalaria que, ao mando do General Vitorino, acudia a galope para socorrer a base dos aliados no Passo da Pátria, a 3 de novembro, quando Porto Alegre praticava atos de valor inconcebível, consta que, por um ajudante-de-ordens, mandou dizer ao seu general atacante que abandonasse a ação com urgência, porque se aproximavam os *bárbaros cavaleiros*.

Com homens valorosos, de semelhante têmpera, compreende-se, a aliança triunfaria sempre.

O Conde de Porto Alegre entrava, de ordinário, em combate fardado em grande gala, com todas as condecorações ao peito, pendente ao pescoço e a tiracolo. Parecia-lhe assim, revestido das suntuosas insígnias, que ele próprio prestava homenagens ao fulgor do seu brilho.

Nesse memorável 3 de novembro, teve o fardão furado em todo sentido por balas de fuzil, ficando incólume a sua pessoa. Uma coisa inacreditável, mas real!

Parecia invulnerável.

Na retirada de Curupaiti, após o desastre do rechaçamento, quase ao penetrar muitos dos soldados do seu valoroso Exército no terrapleno da formidável fortificação, onde foram trucidados a machadinha, o herói, em altas vozes, acrescentava: “Tanta desgraça, só pra mim não há uma bala!”

No entretanto essa retirada, por ordem de Mitre, operava-se serenamente, bandeiras tremulando, plena ordem, batalhões na devida forma e ao som cadenciado das músicas em geral, não se animando o inimigo a uma perseguição fora das trincheiras.

Foi aí na contra-escarpa do baluarte medonho que o Murat brasileiro, mais uma vez, de chicote em punho, a cavalo, gritava aos seus camaradas que não esmorecessem e avançassem com intrepidez.

De estatura abaixo de mediana, gaúcho perfeito, ótimo cavaleiro, Astrogildo, combatendo, tinha rasgos de energia e bravura, qual velho guerreiro muito familiarizado com as refregas; todavia, não passava de coronel da Guarda Nacional rio-grandense, mas bastante respeitado e cheio de notável prestígio.

Ao concluir-se a guerra, o governo imperial galardoou-o com as honras de brigadeiro do Exército e o título de Barão de Aceguá.

E não lhe fizeram nenhum favor; somente justiça.

Osório jamais se preocupava com uniformes, dirigindo-se ao combate. Doente de uma perna, cujos padecimentos nem sempre lhe permitiam montar, marchava de carro à frente das forças, vindo à destra o cavalo encilhado e a sua histórica lança em mão da ordenança, o conhecido cabo-de-esquadra Machado de Tal, finda a campanha, sargento e alferes de cavalaria, apesar de analfabeto, porém um bravo.

Aos primeiros tiros, Osório, já de lança em punho, pulava no animal e dir-se-ia nada sofrer, tal a sua pronta movimentação e agilidade, pala enrolado no braço, vestido de roupa de brim pardo, ainda nos dias mais frios como o de 2 de maio de 1866, quando se deu a surpresa da nossa vanguarda às ordens de Flores sob o fogo louco do inimigo, em cuja manhã o autor destas toscas linhas instruíra recrutas e logo entrando em forma no batalhão

por pouco não foi prisioneiro, ao cair da tarde. A noite anterior havia sido de *arrancar peludo*, como se diz em gíria camponesa no nosso Rio Grande.

Avalia-se perfeitamente quão trabalhosa e difícil foi a titânica guerra do Paraguai, prolongando-se por largos 5 anos, sem levar em linha de conta a do Estado Oriental do Uruguai, que proximamente a precedeu e lhe foi origem, e sem elementos capazes de diminuir as asperezas da série ininterrupta de crueldades e peripécias.

Todavia, ou porque fôssemos, então, jovens bastante, sedentos por conseguinte de emoções próprias da mocidade, ou porque a contingência humana nos obrigue de contínuo a prezar aquilo que uma vez nos decepcionou, é bem exato alimentarmos ainda hoje as mais gratas recordações dos tempos idos nos acampamentos do Exército, mesmo experimentando toda sorte de privações e provações, conservando delas, indelevelmente, as impressões.

Em Tuiuti, onde mais tempo permaneceu o Exército, e, em seguida, Tuiucû e Parecuê, sitiando-se Humaitá, foi onde, a par de bastante distrações, mais trabalhos e perturbações morais experimentamos.

O inimigo, em represália às aperturas em que o púnhamos, nos bombardeava o acampamento noite e dia com artilharia de grosso calibre e não se afastava um só momento das suas incansáveis baterias. Era o inferno.

As bombas, os morteiros, arrebentavam em cima das barracas, vitimando seguidamente homens aí deitados, em descanso. Até nas formaturas do alarme, por companhia, à noite, estávamos intranquillos. Desde que chegássemos à forma para qualquer mister, rompia o fogo atordoador. Ainda dessarte, na roda-viva em que nos mantínhamos, não cessavam os divertimentos, os bailes, as festas *pour amuser le temps*.

Certa vez, e que charivari danado, tenho-o bem patente na memória, explodiu uma bomba incendiária no meio da sala de um baile, cujo espaço limitado por faxinas e pau-a-pique, era magnífica armadilha a pavoroso incêndio; o teto consistia em ponches abertos da soldadesca do próximo 1º Regimento de Artilharia a cavalo.

Sem demora, surgido o elemento destruidor, estabeleceu-se o pânico. Os pares corriam, escapavam-se em todo sentido e ninguém se entendia.

O pessoal do 1º, acudindo ao fogo, exclamava em altas vozes: “Minha Nossa Senhora, amanhã estou metido em *cinquenta*; o meu ponche está em cinzas.”

As moças, intrepidamente, procuravam também sufocar a fogueira. O meu par, uma paraguaia, não bonita, mas simpática, das chegadas por último e de família distinta de Assunção, arrastada pelas garras de López ao seu Exército, como fez com todos os habitantes, aparentava grande calma e sangue-frio, como que afeita às maiores emoções. Pelo braço, ria-se a braguilhas despregadas da confusão e desalinho de tudo, dizendo-me achar-se encantada com o espírito dos brasileiros, tão mal compreendidos pelos seus compatriotas.

No dia seguinte, à tarde, ouvia-se soar o – *Pra quem quiser* – no acampamento dos “Bois de Botas”, a fim de se proceder a castigos.

Naqueles desumanos tempos de antanho, o extravio de qualquer peça de fardamento por parte das praças do Exército, além do desconto da quinta parte do soldo, importava em pancadas de espada de prancha.

E é que não havia fugir daí! O regulamento era implacável, e nem se levava em linha de conta o acaso, o imprevisto da falta, nem mesmo o exemplar comportamento do soldado.

Simplemente uma barbaridade!

Em certo dia, no exercício, quando o autor destas linhas, na qualidade de 1º Cadete e 2º Sargento do 4º Regimento de Cavalaria ligeira, marchava para Paissandu, perdeu uma pistola, sistema antigo, e descontou o seu preço até indenizá-lo, não sendo recolhido preso por um milagre. Essa *grande, enorme* falta, da perda da peça de armamento, facilmente desprendida da cintura ao galope do cavalo, consta da sua fé de ofício.

* * *

Terminando estas insignificantes recordações escritas sem literatura e sem valor intrínseco, mas de genuína veracidade, apelo para a benevolência dos leitores, a fim de desculparem e não se preocuparem com os inúmeros erros de redação nelas contidos e que poderão facilmente corrigir-se.

Recordações da campanha do Paraguai, de José Luís Rodrigues da Silva, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel vergê areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília, para o Conselho Editorial do Senado Federal. Acabou-se de imprimir em outubro de 2007, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial.

“*Recordações da campanha do Paraguai* é o livro de que os brasileiros tanto necessitam, para conhecerem sem enfado – antes com satisfação e deleite – a descrição da guerra gloriosa que mais avulta no conjunto de nossas grandezas militares.

“Devemo-lo à autoria de um veterano ilustre do prélio máximo, o Sr. General José Luís Rodrigues da Silva, um dos primeiros a pisar o território inimigo e um dos últimos a abandoná-lo, depois de consumada a vitória das armas aliadas; guerreiro intemorato cuja adolescência nunca lhe foi percalço – antes mais lhe realçava a bravura – para tomar parte nos principais combates e batalhas feridos no longo e atribulado quinquênio.

“Recorrendo tão-somente ao poderoso auxílio de sua prodigiosa memória, o Sr. General José Luís brinda a literatura militar do Brasil com uma obra sobremaneira original e rigorosamente verdadeira no relato dos episódios, como poderá verificar quem se der ao trabalho de compulsar os livros de história sobre a guerra da Tríplice Aliança.”

Do prefácio de JOÃO MAIA